



IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA

IGREJA BATISTA DA GLÓRIA

Rua Santa Cruz, 61, Glória

29122-310 - Vila Velha - ES

www.ibgloria.com | ibgloria@ibgloria.com

REVISTA EBD | ANO 4 | Nº 9 | 2026

JANEIRO A MAIO

COORDENAÇÃO

Bruno Faé

Joel Félix

Márcia Oliveira

REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL

Eloisa Zerboni

Rosângela Ribeiro

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Helber Lopes

Moacyr Baldi

REDAÇÃO

Ana Pinheiro

Bruno Faé

Danúbia Rocha

Halley Jhason

Iaracy Rodrigues

José Carlos

Lilian Faé

Marcia Oliveira

Penha Azevedo

Renan Azevedo

Sandra Pinheiro

Silvio Rios

Vitor Baldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista EBD. - v. 4, n. 9 (2026-). - Vila Velha, ES : Igreja
Batista da Glória, 2026-

Publicação trimestral, 2023; semestral, 2024-
ISSN: 2966-4764

1. Educação cristã - periódicos. 2. Escola bíblica dominical -
periódicos. I. Título. II. Igreja Batista da Glória.

CDD: 205

Bibliotecário/a: Hermelinda Peixoto Pereira Martins CRB6-ES n.º 522

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.



CONHEÇA OS ESCRITORES POR TRÁS DAS NOSSAS REVISTAS EBD

A cada nova edição da nossa revista da Escola Bíblica Dominical, temos o privilégio de contar com o talento, a dedicação e a sabedoria dos nossos professores, que não apenas ensinam, mas também escrevem as lições que abençoam tantas vidas.

Por isso, queremos que você conheça quem são essas pessoas que colocam o coração no papel e a Palavra de Deus em cada linha.

Acesse a página no nosso site:
www.ibgloria.com/ebd
ou escaneie o QR Code.



EDITORIAL

As revistas da Escola Bíblica Dominial produzidas na Igreja Batista da Glória surgiram a partir do desejo de ter um material voltado para as necessidades da igreja. Por isso, as lições são elaboradas pelos próprios professores, membros da igreja.

O formato das lições foi pensado de maneira que haja um equilíbrio entre os diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizagem, contemplando explicações, aplicações e perguntas para reflexão pessoal e para compartilhamento.

O currículo padrão é pensado de forma a privilegiar o texto Bíblico em si, equilibrando o Antigo e o Novo Testamento, relacionando a Antiga e a Nova Aliança e mostrando como toda a Escritura apresenta um plano de Deus para a criação e a redenção da humanidade, em Cristo.

De forma excepcional, como ocorre nesta revista, as lições possuem um formato temático, buscando identificar o que a Bíblia tem a dizer sobre determinado assunto.

Nosso desejo é que essas revistas sejam bênção para o povo de Deus na Igreja Batista da Glória e onde mais forem utilizadas para edificação de pessoas e salvação de vidas.

Pr. Bruno Faé

INTRODUÇÃO

A antiga cidade de Corinto estava localizada na província da Acaia, no sul da Grécia (ao norte ficava a província da Macedônia), em uma estreita faixa de terra entre dois portos. De um lado, ficava o porto de Lecaião, no mar Adriático, e, do outro, o porto de Cencreia, no mar Egeu. Essa estreita faixa de terra, de aproximadamente 6 quilômetros, permitia que os navios desembarcassem suas mercadorias de um lado e as transportassem por terra até o outro, evitando ter que contornar a península do Peloponeso.

No meio dessa travessia, estava Corinto. Isso fez com que a cidade fosse uma importante rota comercial e se tornasse próspera economicamente. Além disso, fez com que a cidade também tivesse um caráter cosmopolita, recebendo pessoas de diversas nacionalidades.

Do ponto de vista religioso, Corinto tinha, em menor proporção, uma semelhança com Atenas, com templos dedicados a várias divindades do panteão grego e romano. Os principais eram o templo de Atena (deusa da sabedoria e da batalha), o templo de Asclépio (deus da cura) e o templo de Afrodite (deusa da beleza e da sexualidade).

Sobre o templo de Afrodite, existe um relato do geógrafo da Antiguidade, Estrabão, o qual afirmava existir ali mais de mil escravas que atuavam como prostitutas culturais – tanto homens quanto mulheres utilizariam seus serviços como forma de prestar culto à deusa. Certamente os valores recolhidos nessa atividade, como também o interesse e a curiosidade dos estrangeiros, especialmente viajantes que passavam pelos portos, atraíam, para a cidade, cada vez mais fama e riqueza.

Atualmente, estudiosos divergem se essa afirmação de Estrabão se refere à época de Paulo ou a um período anterior. De toda forma, tal realidade é mais um indício de que a sexualidade desenfreada era uma realidade na cidade de Corinto.

Outro pano de fundo cultural e intelectual importante de Corinto era a presença da filosofia grega. Havia ali a presença das escolas filosóficas mais famosas da época, como o Estoicismo, o Epicurismo e o Cinismo e, por ser uma cidade cosmopolita, contava com a presença de pessoas de diversas culturas e com diferentes visões de mundo. Seguramente, era um lugar de constante debate de ideias e de disputas intelectuais.

Todas essas características tinham impacto na igreja que existia em Corinto, a qual era próspera economicamente e privilegiada intelectualmente. Entretanto, também demonstrava ser orgulhosa e imatura, o que se evidenciava pelas constantes disputas internas entre partidos, pela promiscuidade sexual, pela relativização da liberdade cristã e pelo desrespeito à autoridade espiritual de Paulo.

A igreja de Corinto foi plantada durante a segunda viagem missionária de Paulo que, tendo se estabelecido ali na casa de Áquila e Priscila, permaneceu durante pelo menos um ano e meio pregando e organizando a igreja local (**At 18.1-18**).

Após deixar a igreja, Paulo se estabeleceu em Éfeso, de onde se comunicava com a igreja por meio de cartas e mensageiros. Nesse período, ele escreve uma carta, citada em **1Co 5.9**, mas que não foi preservada. Possivelmente, abordava a questão da imoralidade sexual.

Posteriormente, Paulo recebe uma carta da igreja pedindo esclarecimentos acerca de diversos assuntos, especialmente ligados a casamento, a comidas sacrificadas aos ídolos e a ofertas. Isso está evidenciado em expressões usadas por Paulo, tais como: “*quanto às coisas que vocês me escreveram*” (**1Co 7.1**), “*no que se refere às coisas sacrificadas aos ídolos*” (**1Co 8.1**) e “*quanto à coleta para os santos*” (**1Co 16.1**).

Além disso, chegaram ao apóstolo notícias sobre problemas que estava ocorrendo na igreja, o que se observa em expressões tais como “*fui informado a respeito de vocês por alguns membros da casa de Cloe*” (**1Co 1.11**) e “*ouve-se por aí que entre vocês [...]*” (**1Co 5.1**). Esses empecilhos estavam relacionados a divisões, à sexualidade e ao casamento, aos dons espirituais, a processos judiciais entre irmãos e à ressurreição dos mortos.

Para tratar os problemas que estavam ocorrendo na igreja e para esclarecer as dúvidas que ali havia, Paulo escreve a carta que conhecemos hoje como **1ª Coríntios**. Nessa carta, Paulo também aborda, de forma inicial, um problema que depois se tornará mais intenso na sua relação com a igreja: a questão da sua autoridade apostólica e do caráter do seu ministério.

A relação de Paulo com a igreja foi, ao mesmo tempo, profunda e conturbada; foi sentimental e dolorosa. Havia um grupo na igreja que acusava Paulo de não ter um grande *status* na sociedade, de não ser eloquente em suas pregações e de não se utilizar da filosofia em seus ensinamentos.

Ao realizar uma segunda visita à igreja, para saber se esses acusadores tinham mesmo alguma obra para mostrar ou se viviam apenas de discursos (**1Co 4.19-20**), Paulo foi duramente atacado e, aparentemente, ofendido publicamente por uma pessoa da igreja.

Após esse episódio, Paulo escreve uma dura carta à igreja, na qual repreende os coríntios por sua atitude. Essa carta, conhecida como “carta severa”, que também se perdeu, segundo Paulo, foi escrita em “*muita aflição e angústia de coração, com muitas lágrimas*” (**2 Co 2.4**). Posteriormente, Paulo recebe de Tito a informação de que a “carta severa” produziu efeitos positivos na igreja (**2Co 7.5-16**). A igreja se entristeceu, arrependeu-se e puniu o ofensor de Paulo.

Diante disso, Paulo escreve a carta que nós conhecemos hoje como **2ª Coríntios**, com o intuito de consolar a igreja, de agradecer o carinho dos irmãos, de defender seu ministério e sua autoridade e de advertir contra os falsos apóstolos e os que estavam tentando perturbar a igreja. Nessa carta, Paulo também elogia e incentiva os coríntios a completarem o plano que estabeleceram para recolher uma oferta aos irmãos da Judeia que estava passando necessidade.

SUMÁRIO

	REDAÇÃO	PÁG.
1. A SABEDORIA DE DEUS EM CRISTO	Halley Jhason	08
2. A CARNALIDADE CAUSA DIVISÕES NA IGREJA	Lilian Faé	12
3. O MINISTÉRIO DOS SERVOS DE CRISTO	Renan Azevedo	16
4. PUREZA NA IGREJA E DISCIPLINA CRISTÃ	Ana Pinheiro	20
5. CASAMENTO, SOLTEIRICE E DIVÓRCIO	Danúbia Rocha	24
6. LIBERDADE CRISTÃ E IDOLATRIA	Vitor Baldi	27
7. A ORDEM E A REVERÊNCIA NO CULTO	Bruno Faé	32
8. UNIDADE E DIVERSIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS	Renan Azevedo	36
9. O AMOR COMO CAMINHO EXCELENTE NO USO DOS DONS	Penha Azevedo	40
10. O DOM DE LÍNGUAS E DE PROFECIA	Bruno Faé	44
11. A RESSURREIÇÃO E A ESPERANÇA CRISTÃ	Halley Jhason	48
12. O DEUS DE TODA CONSOLAÇÃO	Marcia Oliveira	52
13. A INTEGRIDADE DO MINISTÉRIO CRISTÃO	Penha Azevedo	56
14. A GLÓRIA DA NOVA ALIANÇA	Iaracy Rodrigues	60
15. POR ISSO, NÃO DESANIMAMOS	José Carlos	63
16. O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO	Vitor Baldi	67
17. RENÚNCIAS E DESAFIOS DO MINISTÉRIO CRISTÃO	Danúbia Rocha	71
18. GENEROSIDADE QUE EDIFICA	Lilian Faé	74
19. AUTORIDADE APOSTÓLICA	Silvio Rios	78
20. OS FALSOS APÓSTOLOS	Iaracy Rodrigues	82
21. ESPINHO NA CARNE	Sandra Pinheiro	85
22. RECOMENDAÇÕES E EXORTAÇÕES FINAIS	Marcia Oliveira	88
RESPOSTAS DAS ATIVIDADES		92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LEITURAS AUXILIARES		93

1. APRESENTAÇÃO

Como já dito na Introdução desta revista, o que nós conhecemos como a 1ª Carta de Paulo aos Coríntios não foi a primeira, mas sim a segunda enviada por Paulo (cuja autoria nunca foi seriamente desafiada) e é, claramente, uma carta pastoral que visava à solução de problemas doutrinários e práticos na igreja estabelecida durante a sua segunda viagem missionária (**At 18.1-17**). Também já foi explicado, na Introdução, o contexto geopolítico e social da cidade, que revela alguns problemas culturais gregos típicos: imoralidade sexual, idolatria, espírito de litígio e filosofias divisórias.

O texto da carta se inicia com uma saudação que acaba por nos revelar duas informações importantes: a igreja em Corinto era rica espiritualmente (**v. 7**) e materialmente (**v. 5**), mas, apesar disso, tinha seus problemas. Sem maiores rodeios, Paulo já começa a tratar do primeiro deles: as dissensões na Igreja. Aparentemente, havia competição e rivalidade baseadas na preferência por líderes religiosos (Paulo, Apolo, Pedro), até porque, pelo que sabemos dos textos bíblicos, não havia diferença no ensino deles (MORRIS, 2014, p. 32).

Se todos ensinavam sobre Cristo e se o Cristo é o mesmo, a igreja, seu corpo, deve ser uma só. Paulo critica a divisão e começa a dissertar sobre a sabedoria da “palavra da cruz”. Se apenas Cristo foi crucificado em favor de nós, a lealdade do cristão deve ser a Cristo somente.

Superado o primeiro tema, Paulo aproveita o “gancho” para falar de como a “palavra da cruz” é percebida. Existe um antagonismo mútuo entre a sabedoria deste mundo e a sabedoria de Deus, e esse conflito fica evidente na cruz. Deus opera mais sabiamente e poderosamente de maneiras diversas às nossas expectativas. Paulo argumenta que, no final das contas, todos os seres humanos cairão ou na classe dos salvos ou na dos perdidos. Não há uma intermediária. A mensagem da cruz não agrada aos que perecem, uma vez que lhes revela uma tenebrosa realidade futura, além de ser vista com absurda simplicidade e, por isso, é tida como loucura.

Vale lembrar que, mesmo estando Cristo crucificado, os judeus pediram um sinal de poder (**Mt 27.40-43**) e que os gregos, embora vivessem o auge da civilização da época, tornaram a busca por sabedoria um objetivo sem sentido em si, algo fútil e vazio. Os judeus eram práticos, muito atentos a fatos concretos e pouco dados ao pensamento especulativo. Pensavam em um messias com extraordinárias manifestações de poder e majestade. Um Messias crucificado era uma contradição. Já os gregos, embebiavam-se na filosofia especulativa que, muitas vezes, tornava-se sofismas sem sentido. Não havia, para eles, qualquer inteligência ou explicação teórica na crucificação. Em contraste, Paulo apresenta o Evangelho como mais do que a simples revelação da verdade, mas também como a operação do poder de Deus com vitória sobre o pecado e a morte, com uma completa restauração do universo, com um novo céu e uma nova terra.

Assim, embora os que estão sendo salvos ainda não tenham toda a sabedoria do céu, já foram introduzidos numa novidade de vida que os habilita a avaliar as coisas espirituais (MORRIS, 2014, p. 34). O Evangelho não é só a palavra de Deus, mas também a manifestação do poder de Deus, sendo, portanto, transformador. Por outro lado, sendo este mundo passageiro, sua sabedoria é, também, passageira. Mas, o âmago da verdadeira sabedoria é conhecer os caminhos e a vontade de Deus e viver em harmonia com a realidade criada e definitiva.

Os homens não recebem a salvação exercendo sabedoria, mas sim a sabedoria vem aos que creem (verbo no presente contínuo aqui, é proposital, indicando uma fé habitual). O problema da sabedoria humana não é a limitação do seu intelecto ou a capacidade de educação, mas sim uma falsa independência em relação a Deus e uma propensão à autossuficiência. Deus rejeita a sabedoria exclusivamente humana justamente por causa do orgulho e autoglorificação dela. Dessa forma, se o homem natural rejeita instintivamente a mensagem da cruz, o homem chamado por Deus a acolhe, pois, antes de ser chamado, não podia dominar o pecado. Agora, pelo poder de Cristo, pode. O poder de Deus opera milagres mesmo com o menos esperançoso material, sobrepujando tudo que o homem pode produzir por si.

Paulo arremata a seção com a conclusão de que aquilo que o homem orgulhoso chama de loucura em Deus – o Messias sofredor, pendente na cruz, que parece fraco – é, na verdade, mais forte do que qualquer coisa que os homens podem produzir (MORRIS, 2014, p. 37). Assim, Paulo termina o primeiro capítulo utilizando quatro palavras (v. 30): a “sabedoria”, sobre a qual já nos detivemos; “justiça”, que é traduzida pela determinação divina de retificar todos os erros a partir da dádiva da justificação; “santificação”, necessidade de se purificar da contaminação, incluindo uma renovação feita pelo Espírito Santo para uma vida na presença constante de Deus; e “redenção”, libertação da escravidão do pecado, incluindo a ressurreição do corpo. Aos salvos, Cristo permitiu todas estas transformações, que só são possíveis aos que “estão em Cristo”, estreitamente relacionados com outros que vivem a mesma situação: a igreja!

Paulo não se coloca como exceção, tanto que inicia o segundo capítulo falando sobre suas fraquezas (v. 3), uma figura de linguagem oposta à autoconfiança, com objetivo de deixar claro que, gostem ou não da oratória dele, esse não é o objetivo principal do Evangelho. Pregar o evangelho não é proferir discursos edificantes, lindamente conduzidos a demonstrações e conclusões, mas dar testemunho daquilo que Deus em Cristo fez pela salvação do homem.

E esse ensinamento é contínuo. Um cristão deve buscar essa sabedoria ciente de que não está isento de erros, mas buscando sua maturidade (Hb 6.1). Não se trata de um ensino secreto negado aos medíocres, mas um conhecimento acessível a todos que se disponham a relacionar-se com Ele. Um ensino que não pode ser autodidata, não se aprende sozinho. É um conhecimento que só se tornou disponível porque Deus o disponibilizou, um ensinamento planejado desde a eternidade. Deus não foi conhecido e nem o pode ser, a não ser pela sua revelação.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Atos 18.1-17

Ter: Mateus 27.40-43

Qua: Hebreus 6.1-12

Qui: Isaías 64.1-8

Sex: 2 Coríntios 12.1-10

Sáb: Filipenses 1.3-6

2. ATIVIDADES

Na lição de hoje, identificamos vários antagonismos. Quatro deles estão no caça-palavras abaixo. Identifique-os:

L	L	H	E	T	O	O	P	I	N	T	S
O	N	L	H	T	E	N	M	G	T	F	P
U	E	S	P	F	E	R	H	R	A	S	E
C	C	J	E	R	H	R	T	I	U	A	R
U	I	R	R	A	E	R	N	M	I	B	E
R	A	M	D	Q	W	S	T	O	E	E	N
A	U	T	I	U	E	R	P	I	D	D	E
C	P	O	D	E	R	D	R	U	O	O	E
D	S	D	O	Z	G	E	F	A	T	R	A
V	E	E	S	A	L	V	O	S	L	I	I
M	D	S	F	D	H	D	V	D	H	A	H
C	M	H	S	U	T	Q	E	M	T	A	O

3. APLICAÇÕES

“Nenhuma epístola do NT oferece um discernimento tão claro da vida da Igreja no séc. I quanto **1ª Coríntios**.” (PLENITUDE, 2001, p. 1174). Nela, Paulo dá instruções honestas e claras sobre diversos problemas na igreja. Aqui, é importante dizer onde esses problemas existem na igreja moderna, pois as soluções são as mesmas. Mas, talvez, o aprendizado primordial e inigualável da carta é que “a cruz de Cristo é uma oposição a todas as jactâncias humanas”, sendo Cristo nosso exemplo em todo comportamento (*ibid*).

Ao citar o texto de Isaías (v. 9 – parafraseando **Is 64.4**), Paulo demonstra a necessidade de um relacionamento pessoal com Deus para discernir as coisas espirituais: “Deus escolheu tornar-se conhecido em Jesus Cristo” (PLENITUDE, 2001, p. 1177), logo, sem Ele, não há nada que possamos fazer e estamos condenados. Quando o Espírito penetra na vida de um homem, muda tudo, aparecendo a capacidade de fazer o julgamento certo. Apenas “equipado” por Deus é possível discernir, já que o *homem espiritual* tem dentro de si próprio o ponto de referência para julgar todas as coisas. Somente o Espírito Santo de Deus tem conhecimento para nos revelar aquilo que precisamos saber.

Uma pessoa piedosa deve aceitar perdas e entregar a Deus a restauração e a satisfação. Deve disciplinar-se na prática do amor (*ágape*) em cada atitude, pensamento, palavra e ação. A santidade devota tempo e energia ao conhecimento do Senhor, escolhendo associar-se com outros crentes ao invés de ser indevidamente influenciado pelos valores do mundo. O cristão, em regra, deve influenciar o mundo e não ser influenciado por ele. Por isso, é preciso compreender que Deus usa aquilo que, sem sua presença, é ineficaz, mas, na sua presença, é potente, além de reconhecer que só os espiritualmente vivos podem discernir a sabedoria espiritual. Lembre-se de que os valores terrenos são transitórios e abraça os eternos.

Os membros individuais devem colocar as preocupações do corpo ou da congregação acima dos próprios e devem ser unificados em sua devoção ao Evangelho de Cristo. Cada um de nós deve reconhecer onde falha e arrepender-se, a fim de promover a unidade na igreja. *“Creia que Deus coloca cada membro no corpo de modo a melhor servir seus propósitos.”* (PLENITUDE, 2001, p. 1197).

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ De que formas disputas internas podem influenciar no comportamento de uma Igreja? Você já esteve em alguma situação assim? Como foi solucionado?

◆ Você já esteve diante de alguma situação em que, mesmo não estando preparado para tomar uma decisão importante, sentiu-se inspirado por Deus para decidir? Em caso afirmativo, como você identificou a atuação do Espírito Santo? Caso se sinta à vontade, compartilhe-a com sua classe.

◆ Você já foi surpreendido ao ver alguém que você considerava incapaz realizando um Ministério? O que Deus te ensinou nesta situação? Compartilhe.

5. DESAFIO PRÁTICO

Esta semana você deverá identificar alguma situação em que sua forma de agir/pensar/falar causou dissensão com outros membros/grupos na igreja. Uma vez identificado, você deverá orar sobre isso, colocando diante de Deus o tema e pedindo orientação sobre como proceder. Em seguida, você deverá buscar essas pessoas, pedindo perdão e expondo o que Deus te revelou.

1. APRESENTAÇÃO

O apóstolo Paulo, ao escrever sua primeira carta aos coríntios, tinha diante de si uma igreja em pleno crescimento numérico, mas que enfrentava problemas em relação à maturidade espiritual. A comunidade de Corinto era marcada por um contexto cultural cosmopolita, em que a influência da filosofia grega, a imoralidade e o orgulho humano se misturavam facilmente à fé recém-nascida. Nesse cenário, Paulo identifica um problema grave: os cristãos estavam permitindo que a carnalidade, isto é, atitudes e pensamentos guiados pela natureza humana e não pelo Espírito, se infiltrasse na vida da igreja, gerando divisões, contendas e escândalos. Assim, ele escreve para corrigi-los, lembrando que a verdadeira espiritualidade não se manifesta em palavras ou dons, mas em amor, unidade e crescimento em Cristo.

No **capítulo 3**, Paulo trata diretamente da imaturidade espiritual dos crentes de Corinto. Ele inicia dizendo que não pôde falar-lhes como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. É inevitável que os que acabaram de ser ganhos para Cristo sejam crianças em Cristo. A problemática está em permanecer com esse comportamento infantil na fé quando já deveriam ter feito progressos. A expressão é forte: apesar de já terem recebido o Evangelho e experimentado os dons do Espírito, ainda se comportavam como recém-nascidos na fé, incapazes de digerir o “alimento sólido” da Palavra. A presença de invejas, divisões e rivalidades era o sinal visível dessa imaturidade. Paulo os repreende por se apegarem a líderes humanos, esquecendo-se de que todos são servos de Deus, instrumentos no mesmo propósito. A carnalidade, portanto, revela-se quando o foco sai de Cristo e se volta para pessoas, preferências e *status*, minando a comunhão do corpo.

Em seguida, Paulo utiliza a metáfora do campo e do edifício de Deus. Ele lembra que cada crente é um cooperador na obra divina, mas que o crescimento pertence somente a Deus. Paulo plantou, Apolo regou, mas o Senhor é quem faz florescer. Essa verdade confronta o orgulho humano e reafirma a soberania divina na edificação da igreja. Cristo é o único fundamento sobre o qual tudo deve ser construído; qualquer obra edificada sobre outro alicerce é instável e fadada ao colapso. Quando a igreja permite que a carnalidade substitua a espiritualidade, ela passa a edificar com materiais frágeis, como madeira, feno e palha, em vez de ouro, prata e pedras preciosas que simbolizam a fidelidade e a pureza da vida espiritual. No dia do juízo, cada obra será provada pelo fogo e só permanecerá o que foi feito com sinceridade diante de Deus.

O apóstolo também adverte que a igreja é o templo do Espírito Santo e quem o destrói com divisões ou escândalos será responsabilizado por isso. A presença de contendas e disputas revela que muitos coríntios ainda estavam guiados por valores humanos e não pelo Espírito. Paulo deseja que os crentes entendam que a comunidade cristã não é um grupo social qualquer,

mas uma habitação sagrada de Deus. Dividir a igreja é, portanto, um ato de profanação contra o próprio templo do Senhor. A verdadeira maturidade espiritual se expressa em humildade, em serviço e em amor, não em vanglória ou competição.

Mais adiante, no **capítulo 6**, Paulo aborda outro reflexo da carnalidade: os irmãos estavam levando os outros aos tribunais seculares. Em vez de resolverem seus conflitos internamente, com sabedoria e amor, estavam expondo publicamente suas diferenças diante de juízes incrédulos. Essa atitude envergonhava o testemunho cristão e revelava falta de discernimento espiritual. Paulo pergunta, com tom de espanto: “Não há entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?” (**v.5**). Ele mostra que a incapacidade de resolver disputas dentro da igreja é sinal de imaturidade e de falta de amor. A carnalidade, portanto, não apenas divide, mas também desfigura a imagem do corpo de Cristo diante do mundo.

Em sua argumentação, Paulo vai além das questões jurídicas: ele toca no coração do problema: o egoísmo e a falta de perdão. Ele afirma que seria melhor sofrer injustiça do que causar escândalo ao evangelho. Essa postura de renúncia e de humildade é contrária à lógica carnal, que busca sempre defender direitos pessoais e impor razões. O crente maduro entende que preservar a unidade do corpo de Cristo é mais importante do que vencer uma disputa. Quando a igreja age em carnalidade, ela perde sua força moral e espiritual e o nome de Cristo é blasfemado entre os de fora.

O apóstolo encerra essa seção com uma das declarações mais poderosas da carta: “Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus.” (**1Co 6.11**). Paulo lembra aos coríntios que eles não são mais o que eram antes; foram transformados pela graça. A vida cristã, portanto, deve refletir essa nova identidade. Ser carnal é viver como se a cruz não tivesse produzido efeito; é voltar à velha natureza, ignorando o poder do Espírito que habita em nós. A santificação é o antídoto contra a carnalidade, e a lembrança da obra redentora de Cristo deve ser o motivo que nos une, e não o que nos separa.

Dessa forma, a mensagem de Paulo permanece atual para a igreja de hoje. A carnalidade continua sendo uma ameaça à comunhão, à santidade e ao testemunho cristão. Ela se manifesta quando damos mais importância às preferências pessoais do que ao propósito de Deus, quando buscamos reconhecimento em vez de serviço ou quando permitimos que mágoas e disputas substituam o amor. O chamado apostólico é claro: somos templo de Deus, corpo de Cristo e cooperadores de uma mesma obra. A unidade e o amor são frutos da vida no Espírito; já as divisões e contendas, sinais de uma fé ainda infantil. Que cada um de nós examine como tem edificado sobre o fundamento de Cristo e permita que o Espírito Santo conduza a igreja à maturidade, à santidade e à verdadeira comunhão.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Hebreus 5.12-14

Ter: Romanos 8.5-8

Qua: Efésios 4.1-6

Qui: 1 Coríntios 1.10-13

Sex: Filipenses 2.3-8

Sáb: Gálatas 5.22-25

2. ATIVIDADES

Por que é tão perigoso permanecer “menino na fé”, segundo Paulo em 1 Coríntios 3?

Como o ensino de Paulo, em 1 Coríntios 6.1–11, desafia-nos a lidar com os conflitos entre irmãos em Cristo?

3. APLICAÇÕES

A vida cristã é um caminho de constante amadurecimento espiritual. Paulo deixa claro que permanecer como “menino na fé” impede o agir pleno de Deus em nós. O cristão que se contenta com o básico e não busca o alimento sólido da Palavra torna-se vulnerável às influências do mundo e às contendas que nascem da carnalidade. Crescer espiritualmente significa permitir que o Espírito Santo nos conduza a uma fé mais profunda, em que a obediência e o amor se tornem parte natural da vida diária. Assim como uma criança precisa de tempo, cuidado e nutrição para desenvolver-se, também o crente precisa alimentar-se da Escritura, da oração e da comunhão entre os irmãos para ser fortalecido em graça e sabedoria. Essa busca de maturidade está em harmonia com o apelo do autor de Hebreus, que exorta os fiéis a deixarem “os princípios elementares da doutrina de Cristo” e avançarem para a perfeição (**Hb 6.1**). O amadurecimento espiritual, portanto, não é apenas conhecer mais sobre Deus, mas deixar que Ele transforme o caráter e conduza nossas atitudes conforme o Espírito.

A unidade e a humildade na igreja são marcas de uma fé madura. Paulo lamenta que os coríntios estivessem divididos entre preferências pessoais, exaltando líderes humanos em vez de glorificar a Deus. Esse partidarismo espiritual enfraquece o corpo de Cristo e compromete o testemunho da igreja. Cada servo tem um papel específico no Reino, mas o crescimento pertence unicamente a Deus. Quando o orgulho e a comparação ocupam o lugar da cooperação

e do amor, a igreja perde sua força e deixa de refletir a beleza da unidade em Cristo. O apóstolo reforça o mesmo princípio em **Fp 2.3-4**, ao dizer que nada se deve fazer por contenda ou vanglória, mas com humildade, considerando os outros superiores a si mesmo. A maturidade espiritual se manifesta quando aprendemos a valorizar o serviço do outro e a reconhecer que todos somos instrumentos nas mãos do mesmo Senhor. A humildade, como também ensina **Tg 4.10**, é o caminho pelo qual o crente é exaltado por Deus e preserva a comunhão com os irmãos.

Por fim, o testemunho cristão diante do mundo deve expressar nossa identidade transformada em Cristo. Paulo reprovava a atitude dos crentes que, por não conseguirem resolver seus conflitos com amor, levavam uns aos outros aos tribunais, expondo publicamente as falhas da comunidade. Ele ensina que é melhor sofrer injustiça do que causar escândalo ao evangelho. Essa postura exige fé e maturidade, pois viver segundo o Espírito é negar o ego e agir com perdão, misericórdia e paciência. Fomos lavados, santificados e justificados. Portanto, nossas atitudes precisam refletir essa nova natureza. Essa mesma verdade é afirmada em **Cl 3.12-14**, quando Paulo conclama os crentes a revestirem-se de bondade, de mansidão e de amor, que é o vínculo da perfeição. O cristão que entende sua identidade em Cristo não revida o mal com o mal, mas responde com bondade e graça, como ensina **Rm 12.17-18**, buscando viver em paz com todos. O amor e o perdão são os sinais visíveis de quem já foi transformado pela cruz e vive agora para glorificar a Deus em todas as relações.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Em quais situações do dia a dia podemos perceber atitudes de “carnalidade” que ainda ameaçam a unidade da igreja?
- ◆ O que significa, na sua caminhada cristã, “crescer em maturidade espiritual”?
- ◆ Como podemos, como igreja, cultivar um ambiente de humildade e serviço, em vez de comparação e competição?

5. DESAFIO PRÁTICO

Durante esta semana, procure identificar uma situação, em casa, na igreja, no trabalho ou em um grupo de convivência, em que possa agir com maturidade espiritual, escolhendo a paz em vez da contenda.

Se surgir um conflito, responda com amor, humildade e paciência, lembrando que o verdadeiro crescimento cristão não está em vencer discussões, mas em refletir o caráter de Cristo.

1. APRESENTAÇÃO

A Igreja em Corinto sempre representou uma obra pela qual o apóstolo Paulo tinha profundo carinho e grande senso de responsabilidade espiritual. Paulo havia investido tempo, oração e ensino para que os coríntios crescessem na fé e amadurecessem no conhecimento de Cristo. No entanto, ao longo do tempo, surgiram divisões e questionamentos quanto à sua autoridade apostólica, o que levou Paulo a escrever de forma pastoral e firme, corrigindo os excessos e apontando o verdadeiro caminho do serviço cristão.

Nos **capítulos 4 e 9** de sua primeira carta, Paulo se apresenta como um servo e administrador dos mistérios de Deus, alguém que exerce o ministério não em busca de reconhecimento humano, mas com fidelidade ao chamado do Senhor. Ele traz à memória daqueles irmãos que o verdadeiro ministro de Cristo não se baseia em popularidade, mas em sua disposição para servir e sofrer por amor ao Evangelho. Ao reivindicar sua autoridade, Paulo não o faz por vaidade, mas para restaurar, nos coríntios, a correta visão sobre o papel dos líderes espirituais.

Assim, a lição de hoje nos conduz a uma reflexão profunda sobre o caráter e a postura daqueles que servem no ministério cristão. Por meio das palavras de Paulo, é possível afirmar que o ministério é um chamado à humildade, à responsabilidade e à fidelidade a Deus. O apóstolo mostra que ser servo de Cristo é viver em total dependência do Senhor, buscando edificar a Igreja com sinceridade e amor, lembrando sempre que a maior recompensa do servo fiel não está no reconhecimento dos homens, mas na aprovação do próprio Deus.

1) Julgamento divino (**1Co 4.1-5**). Na primeira parte do **capítulo 4**, Paulo procura mostrar aos irmãos que aqueles que exercem liderança na igreja, ou que se dispõem a servir no ministério de Cristo, inevitavelmente enfrentarão julgamentos por parte dos homens. É comum que o serviço cristão seja avaliado sob critérios humanos e, aos olhos do mundo, tais julgamentos podem até parecer sensatos. No entanto, Paulo ensina que o verdadeiro exame do ministério pertence unicamente a Deus, o único capaz de julgar com justiça o coração e as intenções de cada servo.

Ele deixa claro que não busca aprovação humana nem apoio da igreja de Corinto para validar seu apostolado. O juiz de sua vida e ministério é Cristo e sua maior esperança está em receber a aprovação do Senhor. Diante disso, levando em consideração o que foi tratado no capítulo anterior, Paulo exorta a comunidade a abandonar as divisões e preferências pessoais (o “lado de Paulo” ou o “lado de Apolo”), lembrando que, quando Cristo vier, Ele revelará o que é realmente valioso aos olhos de Deus, desmascarando os julgamentos carnis e exaltando o serviço fiel e sincero.

2) Fidelidade às Escrituras (**1Co 4.6**). Paulo prossegue em sua argumentação destacando outro aspecto essencial para todos aqueles que desejam servir no ministério de Cristo: a fidelidade às Escrituras Sagradas. O apóstolo deixa implícito que nenhum serviço cristão pode ser autêntico se estiver desconectado da Palavra de Deus. Em todos os tempos, é comum encontrar pessoas cheias de boas intenções para servir na igreja, mas que, em algum momento, acabam se afastando do que é fundamental: o compromisso com a verdade revelada nas Escrituras. Quando as intenções do coração se desalinham dos mandamentos bíblicos, o ministério começa a perder o rumo, e aquilo que deveria glorificar a Deus passa a refletir apenas esforços humanos.

Por isso, o embasamento bíblico é o alicerce que sustenta um ministério equilibrado e frutífero. Permanecer firmes na Palavra, valorizá-la e se encher dela diariamente é o que garante que nossas ações estejam alinhadas com a vontade de Deus. A fidelidade às Escrituras protege o servo de Cristo dos desvios e das vaidades ministeriais e assegura que todo o trabalho realizado resulte em glória para o Senhor e edificação para a Sua Igreja.

3) Dignidade aos ministros do Evangelho (**1Co 9.1-14**). No capítulo 9, o apóstolo Paulo aborda um tema de grande relevância tanto para a igreja primitiva quanto para os nossos dias: a justa remuneração daqueles que se dedicam integralmente ao ministério. Paulo ensina que os pastores e ministros que vivem exclusivamente da pregação do Evangelho devem receber da igreja um sustento digno que lhes proporcione condições de cuidar de si e de suas famílias com tranquilidade (**1Co9.13-14**). Ele reforça que essa prática não é um favor, mas um princípio espiritual estabelecido por Deus: *“Digno é o trabalhador do seu salário”* (**Lc10.7; 1Tm5.17-18**).

Ao mesmo tempo, Paulo deixa claro que não buscava vantagens pessoais nem explorava o ministério como meio de enriquecimento. Seu exemplo demonstra equilíbrio: ele reivindica o direito ao sustento, mas também mostra desprendimento, preferindo, em algumas ocasiões, trabalhar com as próprias mãos para não ser pesado a ninguém (**At 20.33-35; 1Ts 2.9**). Essa postura ensina que a honra ao ministro deve vir acompanhada de responsabilidade, tanto por parte da igreja quanto por parte de quem serve.

As distorções financeiras observadas em alguns contextos atuais (especialmente nos casos de líderes que transformam o ministério em meio de lucro) não devem nos levar ao extremo oposto de negar aos verdadeiros servos de Cristo o cuidado material necessário. A igreja madura é aquela que reconhece o valor do serviço pastoral e, com gratidão, supre as necessidades de seus líderes para que estes possam dedicar-se plenamente ao cuidado espiritual do rebanho, sem preocupações excessivas com o sustento terreno.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Gálatas 1.10

Ter: 2 Timóteo 2.15

Qua: Mateus 25.21

Qui: 1 Timóteo 5.17-18

Sex: Hebreus 13.17

Sáb: 1 Pedro 5.2-4

2. ATIVIDADES

Encontre, no caça-palavras abaixo, as seguintes palavras que são importantes para a lição de hoje: Ministério, Escritura, Humildade, Julgamento e Salário.

H	U	M	I	L	D	A	D	E	M
J	F	O	E	L	U	S	H	E	E
G	F	I	S	T	Z	Z	O	I	R
I	H	X	C	S	Q	F	I	N	Y
J	K	K	R	I	I	M	R	I	H
U	A	W	I	A	U	A	É	U	R
L	F	I	T	F	E	R	T	O	I
G	P	T	U	W	K	J	S	N	Z
A	I	J	R	S	P	X	I	H	J
M	F	E	A	C	Y	H	N	D	C
E	P	A	Q	N	B	V	I	Z	L
N	Y	R	I	F	E	W	M	J	F
T	B	S	A	L	Á	R	I	O	W
O	M	L	Q	H	I	U	I	T	T
V	O	A	X	G	K	R	B	I	H

3. APLICAÇÕES

A mensagem de Paulo aos coríntios nos leva a uma reflexão profunda sobre o que significa, de fato, servir a Cristo. O serviço cristão não é uma busca por reconhecimento humano, mas um chamado à fidelidade diante de Deus. Em um tempo em que a aprovação das pessoas parece ter mais valor que a aprovação do Senhor, suas palavras soam como um alerta. O verdadeiro servo não mede o sucesso do ministério pelos aplausos ou elogios que recebe, mas pela sinceridade com que cumpre a vontade de Deus. Paulo deixa claro que quem julga o coração do servo é o próprio Cristo e que o valor de cada obra será revelado quando o Senhor vier. Essa verdade deve nos levar a examinar o coração: quantas vezes fazemos algo bom, mas movidos pela vontade de sermos vistos, reconhecidos ou elogiados? O cristão maduro serve porque ama o Senhor, não porque espera recompensas.

Outro ponto essencial destacado por Paulo é a fidelidade à Palavra de Deus. Ele mostra que nenhum ministério é verdadeiro se não estiver alicerçado nas Escrituras. De nada adianta

servir com boas intenções se o que fazemos está fora dos princípios bíblicos. É a Palavra que orienta, corrige e protege o servo dos desvios e das vaidades ministeriais. Quando o coração se afasta das Escrituras, o ministério perde o rumo e o nome de Cristo deixa de ser exaltado. É por isso que o cristão deve se encher da Palavra todos os dias, buscando nela direção e discernimento para cada atitude. O serviço que agrada a Deus nasce de um coração moldado pela verdade, e não de emoções passageiras ou opiniões humanas.

Paulo também nos ensina sobre a dignidade devida aos ministros do Evangelho. Ele reconhece que aqueles que se dedicam inteiramente à obra de Deus merecem ser cuidados e sustentados pela própria igreja, pois isso é um princípio espiritual estabelecido pelo Senhor. No entanto, o mesmo apóstolo mostra equilíbrio e humildade ao não buscar vantagens pessoais, preferindo, em muitos momentos, trabalhar com as próprias mãos para não ser um peso a ninguém. Essa postura revela que servir a Deus é um ato de amor e não uma oportunidade de benefício próprio. É triste perceber que, em nossos dias, muitos distorcem esse princípio, transformando o ministério em meio de lucro, mas o erro de alguns não deve nos levar ao extremo de negligenciar o cuidado e a honra aos verdadeiros servos de Cristo. A igreja que ama a Deus é a mesma que valoriza e sustenta com gratidão aqueles que cuidam do rebanho.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Qual tem sido minha motivação em servir? Tenho buscado agradar a Deus ou a mim mesmo?
- ◆ Tenho deixado a Palavra guiar minhas decisões ou tenho seguido o que me parece mais conveniente?
- ◆ Tenho sido grato e fiel em cuidar daqueles que me ensinam e intercedem por mim?

5. DESAFIO PRÁTICO

Escolha um líder ou servo da sua igreja — pode ser um pastor, professor, diácono ou alguém que serve com constância — e demonstre gratidão de forma concreta. Ore por ele todos os dias desta semana, envie uma mensagem de encorajamento e, se possível, ofereça uma ajuda prática: uma refeição, uma contribuição ou simplesmente um tempo de escuta e cuidado.

1. APRESENTAÇÃO

A igreja de Corinto estava inserida em um contexto cultural profundamente imoral. A cidade era conhecida por sua devassidão e pela presença de cultos a deuses como Afrodite, Diana e Baco, nos quais a prostituição cultural fazia parte dos rituais sociais e religiosos. Essa normalização da imoralidade sexual nas esferas sociais e culturais exercia grande influência sobre a vida cotidiana das pessoas e da comunidade cristã ali inserida. Por essa razão, Paulo precisa tratar com severidade comportamentos que, socialmente, eram vistos como comuns. Paulo escreve essa carta aos coríntios com o objetivo de resolver algumas questões doutrinárias, teológicas e práticas da igreja que ele havia fundado. Era uma igreja que estava descuidada da sua santidade e conduta dos seus membros. Não havia pastoreio nem ênfase nesse cuidado com a conduta. Com base nos capítulos anteriores, observa-se que era uma igreja que se gloriava em sua espiritualidade, na manifestação de seus dons, mas não tomava o devido cuidado no que tange a esse aspecto.

No **capítulo 5**, o apóstolo denuncia um pecado grave dentro da igreja: um homem vivia abertamente com a mulher de seu pai, e a comunidade, em vez de repreendê-lo, parecia orgulhosa por manter esse irmão na comunhão (**1Co 5.1-2**). Essa atitude revelava uma inversão de valores: em vez de lamentar o pecado, os irmãos estavam ensoberbecidos. Era libertinagem disfarçada de liberdade. O pecado já não os incomodava, não os ofendia, porque estavam cauterizados, acostumados com o pecado.

Quando Paulo instrui a “entregá-lo a Satanás”, refere-se à retirada da comunhão como medida corretiva para que o culpado colha as consequências de sua desobediência e seja levado ao arrependimento (**1Co 5.5**). A ação de Paulo, apesar de dura, tinha o objetivo de trazer o pecador à razão. A intenção dessa disciplina é sempre restauradora: promover arrependimento e consciência, fazer com que o homem “caia em si”. Com isso, ele não estava ensinando que a solução para o pecado é “excomungar” as pessoas, mas que, quando não há arrependimento e todas as tentativas de restauração foram esgotadas, a comunhão deixa de ser possível.

Paulo adverte que o pecado tolerado se espalha como fermento e contamina a massa inteira (**1Co 5.6-8**). Pecados não confrontados dentro da comunidade têm potencial de corroer a identidade da igreja. O pecado desenfreado e normalizado vai contra nossa identidade como povo separado por Deus. A igreja não é injusta quando disciplina alguém por seus pecados; ela é injusta quando deixa de disciplinar, impedindo seus membros de viverem como servos da justiça. A resposta cristã ao erro não pode ser uma indiferença disfarçada de amor. Vivemos numa sociedade que prega um amor inclusivo e tolerante, mas o amor de Deus é um amor que corrige e transforma. Amar não é aceitar o pecado, é restaurar o pecador. Um amor que não

confronta o erro não é amor, é indiferença. Como corpo de Cristo, a igreja deve amar segundo o padrão que restaura, não segundo o padrão que acomoda.

Paulo também ressalta que nossa autoridade não é com os de fora, mas com os de dentro. No **v. 12**, ele orienta a julgar “os que estão dentro”. Embora a história da igreja mostre muitos abusos e erros no exercício da disciplina, o fato de já termos errado não deve nos levar à negligência. A disciplina deve ser feita com amor, compaixão e sabedoria, sempre com o objetivo de restaurar, curar e abençoar; nunca de destruir.

No capítulo 6, Paulo trata de forma direta da imoralidade sexual e das práticas relacionadas à prostituição cultural (**1Co 6.12-20**). Muitos, antes de conhecerem Cristo, participavam de rituais pagãos em que a sexualidade era cultuada como parte do culto aos deuses. Paulo confronta a permanência dessas práticas entre membros da igreja. A exortação é clara: o corpo não é mera matéria descartável nem algo a ser entregue aos desejos; o corpo é membro de Cristo e deve ser usado para glorificar a Deus (**1Co 6.15-20**).

Além disso, há uma ênfase teológica importante sobre a unidade com Cristo que envolve também o corpo. A redenção cristã abrange a pessoa inteira, não apenas o espírito, mas também a matéria. Os corpos estão destinados à ressurreição e à glória (**1Co 6.14,19-20**). Essa ideia era contrária às correntes filosóficas da época que desprezavam o corpo. Entretanto, Paulo afirma que a nova natureza adquirida na cruz atinge corpo e alma, implicando cuidado moral também com o corpo. Por isso, a profanação do corpo por práticas sexuais imorais atinge não só a integridade pessoal, mas a dignidade do que foi comprado por alto preço, o sangue de Cristo (**1Co 6.20**).

Os coríntios usavam a liberdade cristã como desculpa para a dissolução: “tudo me é lícito” (**1Co 6.12**). Paulo responde que, ainda que algumas coisas sejam permitidas, nem tudo convém, e nada deve os dominar. A liberdade em Cristo não é licença para se entregar às paixões, mas responsabilidade para glorificá-Lo com todo o ser. O corpo é uma ferramenta para os propósitos eternos de Deus. Portanto, fugir da imoralidade sexual (**1Co 6.18**) é uma instrução prática que decorre da teologia da encarnação e da redenção. Paulo constrói seu argumento mostrando que unir corporalmente o corpo de Cristo a práticas impuras seria uma contradição interna: se os cristãos são membros de Cristo, praticar imoralidade é, simbolicamente, unir a ela, pois a integridade corporal é inseparável da integridade espiritual.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 1 Tessalonicenses 4.3-5

Ter: Efésios 5.3-5

Qua: Gálatas 6.1-2

Qui: Mateus 18.15-17

Sex: Romanos 12.1-2

Sáb: 2 Tessalonicenses 3.14-

2. ATIVIDADES

O que a igreja deve fazer quando um irmão persiste em pecado grave e não demonstra arrependimento. E por que essa atitude é importante para toda a comunidade?

Por que Paulo afirma que o corpo do cristão deve ser usado para glorificar a Deus e como isso influencia a forma como vivemos a nossa liberdade em Cristo?

3. APLICAÇÕES

A primeira reflexão que surge é sobre a postura da igreja diante do pecado. Assim como Paulo orientou a igreja de Corinto, é essencial que a comunidade cristã saiba disciplinar os irmãos em amor, com o objetivo de restaurá-los e não de condená-los. Pecados não confrontados não permanecem isolados; eles se espalham, influenciam outros membros e contaminam a comunhão. É importante refletir sobre o quanto estamos acostumados com o pecado, primeiramente em nossas vidas, e depois em nossa comunidade. O quanto já nos amoldamos aos padrões do mundo e aceitamos pequenas brechas que comunicam a influência do mundo em nossa mente e coração? Aumentamos gradualmente nossa tolerância, julgando-nos maduros, mas, na verdade, estamos cegos, permitindo que o pecado se infiltre na igreja.

O papel da igreja não é incluir os irmãos de maneira ingênua ou apenas acolher sem limites; o chamado é discipular. Jesus instruiu seus seguidores a *“ir por todo o mundo e fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar tudo o que Ele ordenou”* (Mt 28.19-20). Incluir sem o compromisso de guiar e corrigir não traz edificação, mas pode levar à condenação. A igreja tem a responsabilidade de amar para restaurar, seguindo o padrão do amor que corrige e transforma. Amar não é aceitar o pecado, mas restaurar o pecador. Um amor que não confronta o erro é indiferente. Como corpo de Cristo, a igreja deve amar dentro desse padrão restaurador e não apenas acomodar comportamentos pecaminosos.

A disciplina, portanto, não é uma medida de vingança ou punição, mas um ato de amor corretivo. Ela deve ser feita com humildade, graça e base bíblica. Antes de corrigir alguém, é

necessário avaliar a própria vida e remover qualquer obstáculo ou tendência à hipocrisia. A instrução deve sempre estar apoiada nas Escrituras, que têm poder de alcançar o mais íntimo do coração humano (**Hb 4.12**). O objetivo é restaurar, curar e abençoar, sempre buscando que o irmão ou irmã reconheça o erro e retorne à comunhão plena com Deus e com a igreja. Às vezes, não se trata de grandes escândalos, mas das pequenas permissões que abrimos em nossa vida. São atos ou pensamentos que desafiam a santidade, mas parecem inofensivos. Um pouco de fermento é capaz de levedar toda a massa. Assim, pequenas tolerâncias podem gerar consequências maiores se não forem abordadas com cuidado.

Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que nosso corpo também foi criado para glorificar a Deus (**1Co 6.12-20**). A liberdade cristã não pode ser usada como desculpa para entregarmos-nos a práticas que profanam o corpo. Crente deve honrar a Deus com seu corpo, preservando sua integridade e santidade. Fugir da imoralidade sexual é uma expressão concreta de santidade e compromisso com Cristo, demonstrando que nosso corpo e alma pertencem a Ele. Assim, a glorificação de Deus não é apenas espiritual, mas também corporal, e nossa vida diária deve refletir esse chamado à integridade total.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ Você considera que existem áreas da sua vida em que pequenas brechas podem abrir espaço para imoralidade ou comprometer a santidade do seu corpo e mente? Cite exemplos concretos dessas situações.

◆ Quando surge a necessidade de corrigir ou aconselhar alguém que está vivendo em pecado, como você pode agir de forma amorosa e sábia, buscando a restauração e não a condenação?

◆ Você considera que está usando seu corpo e suas atitudes diárias para glorificar a Deus? Que mudanças práticas você poderia fazer para que suas escolhas reflitam esse compromisso, mesmo diante das pressões da cultura ao redor?

5. DESAFIO PRÁTICO

Escolha uma área da sua vida que precisa ser corrigida ou que pode comprometer a santidade do seu corpo. Compartilhe essa percepção com um irmão ou irmã de confiança, pedindo oração e encorajamento, e comprometa-se a seguir com a mudança. O objetivo é praticar a disciplina pessoal enquanto se exerce cuidado e restauração mútuos, refletindo o amor que corrige e transforma

1. APRESENTAÇÃO

O **capítulo 7** de 1º Coríntios aborda temas como casamento, celibato, divórcio e viuvez e, se não for lido com cuidado, pode causar confusão em sua interpretação. Já sabemos que Corinto era uma cidade multicultural e conhecida por sua imoralidade. Nesse contexto, a igreja local enfrentava muitos desafios com os novos convertidos, que vinham de uma vida pagã e traziam questionamentos nessa área dos relacionamentos. Vale lembrar que os coríntios eram gregos e apreciavam grandes debates filosóficos, o que os levava a fazer perguntas como: “É melhor casar-se ou permanecer solteiro? Posso me abster de relações sexuais para ser mais santo? Posso me divorciar para servir melhor a Deus? Se sou solteiro ou viúvo, é melhor continuar assim ou casar-se?”

Paulo, então, recebe uma carta da igreja com essas e outras dúvidas e responde de maneira equilibrada e sábia. O texto já começa de forma polêmica com a frase: “é bom que o homem não toque em mulher” (v. 1). Essa declaração não significa que Paulo fosse contra o casamento, mas uma orientação favorável ao celibato, desde que a pessoa tenha domínio próprio e o dom específico para isso. É interessante observar que Paulo não demoniza o desejo sexual. Ele reconhece as necessidades humanas e apresenta o casamento como forma de proteger o crente da promiscuidade (v. 2). No **versículo 3**, Paulo também estabelece uma igualdade espiritual e moral entre homem e mulher, algo revolucionário no contexto greco-romano, no qual a mulher era vista como inferior. A expressão “poder sobre” (v. 4) aplica-se a ambos e tem o sentido de exclusividade, incentivando a monogamia e a fidelidade conjugal.

Provavelmente, alguns coríntios estavam tentando praticar o celibato dentro do casamento, com o pretexto de alcançar maior superioridade espiritual. Paulo, porém, deixa claro que a abstinência sexual, quando praticada por motivo de consagração, deve ser consensual e temporária (v. 5). Aos casados, Paulo orienta que permaneçam juntos, inclusive aqueles que têm casamento misto (entre crente e descrente). Ele explica que o cônjuge não cristão é “santificado” pela convivência com o crente (v. 14). Essa santificação não se refere à salvação, mas às bênçãos espirituais e morais que recaem sobre o lar onde há alguém temente a Deus.

Contudo, se o descrente quiser se separar, Paulo permite a dissolução do vínculo. Aqui, encontramos um princípio importante: o abandono do lar por parte do cônjuge descrente é visto como motivo legítimo para o divórcio, pois o cristão “não está sujeito à servidão”. Essa expressão indica que Deus não exige que o crente permaneça preso a uma relação em que o outro decidiu romper e abandonar. O propósito é preservar a paz e a liberdade espiritual do crente, sem que ele viva oprimido por culpa ou obrigação.

Por fim, Paulo aconselha o celibato “por causa das dificuldades do tempo presente” (v. 26), possivelmente referindo-se a perseguições ou crises que tornavam o casamento mais

complicado naquele contexto. Em relação às viúvas, ele concede liberdade para que se casem novamente “no Senhor” (v.39), mas sugere que permanecer viúva pode ser mais vantajoso. É importante lembrar que o celibato não significa apenas “ficar solteiro”, mas viver em pureza e dedicação ao Senhor. Segundo Paulo, a vida de solteiro permite uma dedicação mais intensa às coisas de Deus. Embora ele reconheça que o casamento não é pecado (v. 28), ele recomenda que os coríntios evitem as distrações e pressões da vida cotidiana para focarem no que é eterno.

O **capítulo 7** é realista e pastoral. Nele, Paulo oferece sabedoria prática para lidar com dúvidas sobre como viver a fé cristã em um mundo corrompido. O foco não é impor regras rígidas, mas ensinar o crente a viver com equilíbrio, pureza e liberdade responsável. O desejo de Paulo é que o cristão, casado ou solteiro, viva de modo a agradar ao Senhor em todas as coisas.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Gênesis 2.18-25

Ter: Mateus 19.3-9

Qua: Mateus 19.10-12

Qui: Isaías 56.3-7

Sex: Hebreus 13.4

Sáb: Efésios 5.22-33

2. ATIVIDADES

A declaração de Paulo em 1 Coríntios 7:1 “é bom que o homem não toque em mulher”, contradiz o que está em Gênesis 2:18 onde Deus diz que “não é bom que o homem esteja só”? Explique.

Quando Paulo diz que o cônjuge não crente é “santificado” pelo parceiro cristão (1 Coríntios 7:14), isso não contradiz o ensino de que a salvação é individual?

3. APLICAÇÕES

O ensino de Paulo em **1 Coríntios 7** nos lembra que o valor espiritual de uma pessoa não está no estado civil, mas na fidelidade a Deus. A igreja precisa entender que casar não é um padrão obrigatório, e que solteiros e viúvos não estão em condição inferior. O casamento é um dom e o celibato também é. Ambos são expressões da graça de Deus.

Se você é solteiro, não se sinta incompleto e não se deixe levar pelas pressões da sociedade, da família ou até mesmo da igreja para casar-se. Permanecer solteiro não é uma condição espiritual inferior, mas um dom que vem de Deus. Use esse tempo para servir ao Senhor com liberdade e dedicação, buscando crescer espiritualmente. A pureza e o propósito são sinais de maturidade e confiança no Senhor.

Se você é casado, honre seu compromisso e cultive o amor dentro do seu lar. O casamento é uma aliança sagrada e uma de suas finalidades é também a satisfação e a intimidade do casal. O sexo dentro do casamento é expressão de amor e cuidado mútuo. Cuide para que o seu casamento seja um espaço de afeto, de respeito e de prazer saudável — isso também glorifica a Deus.

Se você vive com alguém que ainda não crê, seja um testemunho dentro de casa. Sua fé e seu amor podem ser instrumentos de transformação. Mas, se enfrenta abandono, violência ou abusos, lembre-se de que Deus não exige que você permaneça em sofrimento. Ele nos chamou para vivermos em paz e o casamento deve ser um ambiente de amor e segurança. Buscar ajuda e preservar sua integridade não é falta de fé, mas obediência ao Deus que valoriza a vida.

Lembre-se que o importante não é o *status* que você tem, mas o quanto você busca agradar ao Senhor em todas as coisas. Viva o dom e a vocação que Deus te deu hoje, com pureza, equilíbrio e gratidão.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Como você tem encarado o seu estado civil (casado, solteiro, viúvo, divorciado)? Tem vivido nele com contentamento e propósito diante de Deus?
- ◆ Como podemos apoiar pessoas solteiras, viúvas ou separadas na comunidade cristã, valorizando sua vocação, sem cobranças ou comparações?
- ◆ De que forma o testemunho de um cônjuge crente pode impactar a vida espiritual do parceiro não cristão? Você já viu ou viveu um exemplo assim?

5. DESAFIO PRÁTICO

Faça a seguinte oração durante esta semana: “Senhor, ensina-me a viver com pureza, amor e fidelidade, seja no casamento ou na solteirice. Que em qualquer estado da vida, meu coração pertença inteiramente a Ti. Dá-me sabedoria para glorificar ao Senhor em todas as minhas relações. Amém.”

1. APRESENTAÇÃO

No **capítulo 8** de 1 Coríntios, Paulo aborda outro tema de questionamento enviado pelos coríntios em sua carta: *“no que se refere às coisas sacrificadas a ídolos”* (**1Co 8.1**). Em resumo, não havia consenso entre os irmãos da igreja se o consumo de carne de animais sacrificados a ídolos era lícito ou não. Neste sentido, mais uma divisão surgia, com dois grupos formados: os “fracos” e os “fortes”, como o próprio Paulo os intitula. Os “fracos”, provavelmente por conta de seu histórico recente de idolatria e paganismo, entendiam que o cristão devia manter distância total de qualquer relação com os ídolos. Por outro lado, os “fortes”, por saberem que os deuses pagãos não existem de verdade — pois, como Paulo diz, *“sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo”* (**1Co 8.4**) — e que o Senhor é o Deus Criador de todas as coisas, entendiam que não há problema neste consumo.

Para entender a questão, precisamos lembrar do contexto da cidade. Corinto era uma importante cidade grega e, à semelhança de Atenas (**At 17.22**), seus habitantes eram bastante envolvidos com a idolatria. A cidade abrigava muitos templos onde sacrifícios a deuses pagãos eram oferecidos constantemente. Parte do animal era queimada no sacrifício, parte retornava ao ofertante para um banquete e parte ficava com o sacerdote. O que o sacerdote não conseguia consumir era repassado até chegar ao comércio local. O volume de sacrifícios era tão significativo que grande parte das carnes à venda era proveniente de sacrifícios a ídolos, sendo quase impossível garantir que alguma carne não o era. Por conta dessa dúvida, alguns irmãos preferiam abrir mão de comer carne definitivamente.

Paulo, então, aborda o questionamento doutrinário de forma simples e prática. Segundo ele, os irmãos “fortes” tinham o conhecimento adequado: o ídolo nada é (**1Co 8.4**) e, para nós, *“há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas”* (**1Co 8.6**). Desta forma, seria, em tese, lícito ao crente consumir tal alimento.

Porém, Paulo estava mais preocupado com outro aspecto da discussão. Alguns irmãos “fortes”, por supostamente terem um entendimento mais maduro, menosprezavam os irmãos “fracos”, servindo como tropeço para eles. Estes últimos poderiam se sentir induzidos a consumir comidas sacrificadas e, por ainda estarem mentalmente ligados à adoração de ídolos, vir a “contaminar-se” em sua consciência (**1Co 8.7**). O apóstolo, mais uma vez, reforça a importância do amor e da comunhão. A liberdade de um não pode servir de tropeço (ou “escândalo”) para o outro (**1Co 8.9**). Paulo adverte que, ao ferir a consciência do irmão fraco, não se peca apenas contra ele, mas também “contra Cristo” (**1Co 8.12**). Paulo sabia muito bem dessa correlação. Afinal, ao perseguir cristãos, foi acusado pelo próprio Cristo de persegui-Lo (**At 9.4-5**).

Paulo faz o alerta: “*O saber ensoberbece, mas o amor edifica*” (1Co 8.1). Muito mais do que ter conhecimento, devemos buscar ser conhecidos de Deus (1Co 8.3). Aquele que coloca seu direito de liberdade acima do amor pelo seu irmão “*ainda não sabe como convém saber*” (1Co 8.2).

Avançando para o **capítulo 10**, Paulo continua sua série de admoestações, mirando especialmente nos “fortes”. Agora, ele utiliza o povo de Deus do Antigo Testamento como ilustração para seus ensinamentos. Os cristãos demonstram sua participação no Reino através das ordenanças do Batismo e da Ceia. De forma semelhante, os seguidores de Moisés foram confirmados como povo escolhido mediante os “batismos” na nuvem e no Mar Vermelho (1Co 10.1-2), além de participarem da “ceia” espiritual que era o maná e da água da rocha (1Co 10.3-4). Todas essas coisas apontavam para Cristo, que era inclusive a “pedra espiritual que os seguia”.

Contudo, mesmo presenciando tantas maravilhas, “*Deus não se agradou da maioria deles*” (1Co 10.5). É este o ensinamento que Paulo quer trazer aos coríntios que se acham “fortes”. Muitos, por julgarem ter um conhecimento superior, tornavam-se autoconfiantes espiritualmente, colocando-se em armadilhas. Para reforçar, Paulo lista falhas históricas de Israel: a idolatria ao bezerro de ouro (1Co 10.7; Êx 32.6), a prostituição e a adoração a Baal-Peor (1Co 10.8; Nm 25), o ato de tentar a Deus, que resultou nas serpentes (1Co 10.9; Nm 21.6), e a murmuração da rebelião de Corá (1Co 10.10; Nm 16). Todas estas coisas servem de exemplo e advertência (1Co 10.11), para que “*aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia*” (1Co 10.12).

Após as duras advertências, vem uma mensagem de esperança. A fidelidade de Deus não permite tentação além das nossas forças; junto dela, vem o livramento (1Co 10.13). Contudo, isso se refere às tentações que vêm até nós. Se nos colocamos voluntariamente em cenários inadequados, como os “fortes” faziam ao se sentirem à vontade em templos pagãos, não podemos contar com este livramento. Por isso, a ordem é clara: “*Fugi da idolatria*” (1Co 10.14).

Finalmente, Paulo aborda três cenários práticos. O primeiro é se o cristão pode participar de refeições no templo pagão. A negação é enfática (1Co 10.14-22). Assim como a Ceia é comunhão com Cristo (1Co 10.16), participar de refeições sacrificadas é associação com o ídolo. Paulo não discute com a afirmação de que o ídolo não é deus nenhum. Mas a veneração a ídolos está longe de ser uma atividade neutra, destituída de sentido. Os demônios fazem uso da inclinação de homens para adorar ídolos (1Co 10.19-20). Não se pode “*participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios*” (1Co 10.21).

O segundo cenário é a compra de carne no mercado. Aqui, a orientação é clara: “*Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência*” (1Co 10.25), pois “*ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém*” (1Co 10.26).

O terceiro cenário é ser convidado para comer na casa de um descrente. A orientação é “*comei de tudo que for posto diante de vós, sem nada perguntardes*” (1Co 10.27). Todavia, se

alguém advertir: “*Isto é coisa sacrificada a ídolo*”, o cristão não deverá comer. O motivo? Não pela sua própria consciência, mas pela “*consciência daquele que vos advertiu*” (**1Co 10.28-29**), para não ser motivo de tropeço.

Paulo une os dois capítulos com um princípio final que deve reger toda a vida cristã, equilibrando liberdade e amor: “*Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gregos, nem para a igreja de Deus; assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos.*” (**1Co 10.31-33**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 14.13-21

Ter: Gálatas 5.13-15

Qua: Filipenses 2.3-5

Qui: Mateus 18.6-7

Sex: Colossenses 3.5

Sáb: 1João 5.21

2. ATIVIDADES

De acordo com 1 Coríntios 8, o que é mais importante do que o nosso conhecimento ou a nossa liberdade cristã?

Qual é o princípio final de 1 Coríntios 10 que deve guiar todas as nossas ações, desde as mais simples (como comer) até as mais complexas?

3. APLICAÇÕES

O seu amor pelo seu irmão deve sempre estar acima do seu direito de liberdade. Você pode ter o conhecimento correto, pode saber que certas práticas, como o consumo de certos alimentos, bebidas ou o acesso a determinados tipos de entretenimento, não são pecaminosas em si mesmos. Contudo, se a sua liberdade se torna uma pedra de tropeço para alguém que é mais “fraco” na fé, alguém cuja consciência é ferida pelo que você faz, o amor exige que você abra mão do seu direito. O seu conhecimento pode te ensobrecer, mas é o seu amor que edifica a Igreja (**1Co 8.1**). Não fira a consciência do seu irmão pois, ao fazê-lo, você peca contra o próprio Cristo (**1Co 8.12**).

Por outro lado, se é você quem possui a consciência mais sensível (o “fraco”), a lição é igualmente clara: não julgue o seu irmão que age com liberdade em áreas que você, pessoalmente, considera erradas. Assim como o “forte” não deve usar a liberdade dele para te

fazer tropeçar, você não deve usar a sua restrição para condená-lo (**Rm 14.3-4**). O seu irmão prestará contas a Deus; não a você. A maturidade cristã não está em criar listas de “pode” e “não pode”, mas em viver pela fé e estender graça, lembrando que o Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito.

A sua liberdade, mesmo quando exercida longe dos olhos dos outros, pode ser uma armadilha para você mesmo. Paulo usa Israel no deserto como exemplo (**1Co 10.1-12**): eles tinham todos os privilégios espirituais, mas a autoconfiança e a presunção os levaram à queda. Cuidado! Você pode achar que é “forte” o suficiente para consumir certos conteúdos, manter certas amizades ou frequentar certos lugares, pensando que “o ídolo nada é”. Mas ao brincar perto do fogo da tentação, você corre um sério risco de se queimar. Não subestime o poder do pecado nem a sua própria fraqueza. *“Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”* (**1Co 10.12**).

A ordem *“Fugi da idolatria”* (**1Co 10.14**) ecoa fortemente hoje. Talvez, você não se curve literalmente diante de uma estátua de pedra, mas a idolatria moderna é sutil e poderosa. Ela se manifesta toda vez que a sua segurança está no dinheiro, e não em Deus; quando a sua identidade depende da aceitação nas redes sociais, e não de quem você é em Cristo, ou quando o seu conforto pessoal se torna mais importante que a vontade de Deus. Participar da *“mesa dos demônios”* (**1Co 10.21**) hoje pode significar compactuar com sistemas e valores que são diretamente opostos ao Reino de Cristo. Fuja de tudo o que toma o lugar de Deus no seu coração.

Finalmente, o princípio que deve filtrar todas as suas decisões é este: *“Fazei tudo para a glória de Deus”* (**1Co 10.31**). Em vez de perguntar *“Eu tenho direito de fazer isto?”*, pergunte: *“Isto glorifica a Deus?”*. Em vez de questionar *“Isto é pecado?”*, pergunte: *“Isto edifica o meu irmão?”*. A liberdade cristã não é uma licença para você fazer o que quer; é a libertação do pecado para que você possa servir a Deus e aos outros. Seja no que você come, bebe, assiste ou publica, que a sua motivação final não seja o seu próprio interesse, mas a glória de Deus e a salvação de muitos (**1Co 10.33**).

1. APRESENTAÇÃO

Nos **capítulos 11 a 14**, Paulo vai tratar de alguns problemas que estavam ocorrendo durante os cultos na igreja em Corinto. Nesta lição, vamos estudar dois deles: a ausência de uso do véu pelas mulheres e a falta de reverência na celebração da Ceia do Senhor.

O uso do véu, naquele contexto, era um símbolo de submissão da esposa à autoridade do marido. Tratava-se de um costume herdado dos judeus, visto que eles desenvolveram a prática de orar com a cabeça coberta como sinal de submissão a Deus. Ainda hoje, tanto judeus ortodoxos (com o kipá) quanto mulheres de algumas igrejas cristãs (com lenços ou véus) têm o costume de orar com a cabeça coberta. As mulheres gregas, de fora da igreja, por outro lado, não usavam.

Algumas mulheres de Corinto decidiram parar de usar o véu durante as reuniões de oração e pregação, possivelmente com o argumento de que estavam colocando em prática sua liberdade cristã. Entretanto, era considerado algo indecente e vergonhoso para o marido que sua esposa não usasse o véu. Era como se ela estivesse sinalizando que estava disponível para um relacionamento.

Além disso, na cidade de Corinto, haveria um agravante. Como sabemos, a prostituição era algo muito presente na cultura. É comum que as mulheres que praticam prostituição sinalizem isso por meio de suas roupas e de seus adereços. No caso das prostitutas culturais do templo de Afrodite, que eram escravas, é possível que tivessem também o cabelo raspado, como sinal de sua condição.

Nesse contexto, Paulo precisa advertir a igreja sobre o perigo de não abusar da liberdade cristã para se moldar ao mundo e de desconsiderar os princípios eternos estabelecidos por Deus. Para isso, ele utiliza alguns argumentos.

Primeiro, como já estudamos na revista “Famílias que vivem a graça sem limites”, para que não haja disputa de poder entre o casal cristão, Deus estabeleceu uma autoridade servidora, por parte do marido, e uma submissão participativa, por parte da esposa (**Ef 5.21-33; 1Co 11.3; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1,7**). O modelo é a relação entre Cristo e sua igreja.

Os cristãos devem considerar dois aspectos da relação entre homens e mulheres. O primeiro é imutável, isto é, homens e mulheres, por natureza, possuem alguns aspectos que são semelhantes e outros que são diferentes. Deus criou homens e mulheres com a mesma capacidade e mesmo valor. Veja que Paulo diz que homens e mulheres são interdependentes (**v. 11**). Entretanto, as diferenças naturais de seus corpos, manifestadas, por exemplo, na força física e na maternidade, mostram que eles desempenham diferentes papéis no mundo. Deus fez homens e mulheres assim, em Sua sabedoria. Isso é imutável em todas as culturas.

O outro aspecto da diferença entre homens e mulheres é a identificação social, isso é, a identidade do gênero masculino e feminino, que varia conforme a cultura. Homens e mulheres identificam o gênero ao qual pertencem de forma diferente, dependendo da região do mundo e do período histórico, por meio de roupas, cortes de cabelo, maquiagem, adereços etc. Atualmente, inclusive, há movimentos sociais que lutam para que não haja mais diferenciação de gênero entre homens e mulheres.

Os cristãos devem observar a cultura na qual estão envolvidos e saber como se identificar segundo os papéis masculino e feminino (**Dt 22.5**). A liberdade cristã ou a cidadania celestial não devem ser usados como pretexto para se descolar completamente da cultura. Por outro lado, os crentes devem ter cuidado para não se moldarem a movimentos culturais que tentam relativizar as diferenças entre homens e mulheres.

Evidentemente, não se deve tomar tal diferenciação de forma radical. Quando Paulo diz que é vergonha para a mulher ter cabelo curto e vergonha para o homem ter cabelo comprido (**v.6 e 14**), está se referindo a toda uma composição estética (não apenas o cabelo) que igualaria o homem e a mulher. É possível, em nossa cultura, que uma mulher de cabelo curto e um homem de cabelo comprido identifiquem a qual gênero pertencem. Observe que tanto Sansão quanto Absalão tinham cabelos compridos e não há qualquer advertência em relação a isso na Bíblia.

Naquele contexto, a Ceia do Senhor se tratava de uma refeição completa, como temos hoje no almoço ou no jantar. Os crentes se reuniam para compartilhar o alimento. Entretanto, os coríntios estavam desvirtuando completamente o sentido da cerimônia. Alguns chegavam primeiro e comiam tudo, de forma que os que chegavam depois ficavam sem nada para comer. Além disso, alguns se embriagavam.

Paulo precisa lembrá-los de que a Ceia do Senhor não é uma refeição comum. Trata-se de um momento solene, especial, que deve ser intencional. O Senhor Jesus ensinou que a Ceia deve ter um objetivo, que é lembrar do Seu sacrifício. O foco principal da Ceia do Senhor não é a comida ou a bebida, mas a memória do sangue derramado e do corpo do Senhor partido por nós. A Ceia do Senhor não é um momento apenas de comunhão ou de festa. A ceia do Senhor tem um sentido claro.

Por esse motivo, toda pessoa que vai participar da ceia do Senhor precisa estar consciente de sua participação. Isto é, precisa entender a razão de celebrar a Ceia. Ou seja, não faz sentido um incrédulo participar da Ceia do Senhor. Ele não compreende o motivo pelo qual essa cerimônia está sendo celebrada, já que não conhece o Senhor por experiência pessoal.

É isso que significa a expressão de Paulo “que cada um examine-se a si mesmo” (**v. 28**). Não significa, como alguns defendem, que só pode participar da ceia do Senhor quem não tem pecado. Se fosse assim, ninguém poderia participar. Examinar a si mesmo significa estar consciente dos motivos pelos quais alguém está participando de um momento tão solene e que não pode ser, de nenhuma forma, banalizado.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Efésios 5.21-33

Ter: Lucas 22.7-23

Qua: Romanos 14.13-23

Qui: Gálatas 5.1-15

Sex: Jeremias 31.31-34

Sáb: Hebreus 12.5-11

2. ATIVIDADES

Quais as semelhanças entre o ensino de Paulo neste texto e o ensino de Jesus em Lucas 22.7-23?

Qual é o provável motivo de Paulo não abordar a questão do uso do véu em cartas para outras igrejas do Novo Testamento?

3. APLICAÇÕES

Por meio do texto estudado, aprendemos primeiramente que o culto é um momento solene. Culto é momento de adoração, de comunhão e de entrega de vida ao Senhor. Por isso, é um momento alegre. Entretanto, você deve sempre observar se sua atitude tem sido de reverência durante esse momento solene. Devemos nos apresentar como sacrifício vivo em tudo o que fazemos no cotidiano, mas, no momento do culto, estamos nos dedicando exclusivamente a isso. Por isso, observe se você não está usando o culto para outros objetivos ou se não está se comportando de forma que tire as pessoas do foco. Um exemplo é o uso inadequado de aparelhos eletrônicos para acessar jogos ou vídeos. Por parte dos jovens e adultos, isso é completamente inadmissível. Por parte das crianças e adolescentes, espera-se que seus responsáveis estejam orientando sobre a postura adequada na igreja e acompanhando o que fazem e onde estão durante o culto.

Também aprendemos que não devemos usar a liberdade cristã para nos moldarmos ao mundo. A liberdade cristã nos liberta do legalismo. Por exemplo, as mulheres cristãs não são proibidas de usar calça e os homens cristãos não são proibidos de usar bermuda, como se isso fosse essencial para agradar a Deus. As mulheres cristãs não são proibidas de cortar o cabelo e os crentes em geral não são proibidos de assistir à TV ou ir ao cinema, como se isso fosse, em si, pecado. Entretanto, observe se aquilo que você está consumindo da cultura não está levando sua mente para longe da Palavra de Deus. Observe se a linguagem que você tem não é semelhante a uma linguagem mundana das pessoas com quem convive. Observe se as roupas

que você usa não são sensuais ou insinuantes assim como usam os incrédulos. Observe se os lugares que você frequenta, como alguns tipos de festas e *shows*, não estão enchendo seu coração de uma alegria que é falsa ou até mesmo tóxica. A liberdade cristã é antídoto contra o legalismo; não contra a santidade.

É interessante pensar também na questão da liberdade cristã sob o ponto de vista das tradições e convenções sociais nas quais estamos inseridos. Qualquer igreja é um lugar de tradições, que são formas de pensar e agir que, com o tempo, vão se consolidando. Um exemplo é a “liturgia” do culto ou a forma de se vestir na igreja. São questões que variam dependendo da época e do lugar. E vão mudando com o passar do tempo. E podem inclusive ser questionadas, sempre com respeito e de forma construtiva. A liberdade cristã nos dá a possibilidade de transformar nosso modo de agir, contanto que não fira algum princípio bíblico. Entretanto, tais mudanças são mais saudáveis quando ocorrem de forma orgânica e natural, sem rupturas, confrontos ou escândalos.

Por fim, aprendamos a não banalizar aquilo que Cristo ensinou com um objetivo claro. Não é qualquer refeição que podemos chamar de Ceia do Senhor. Por exemplo, servir refeições para pessoas em situação de carência material é uma atitude nobre por parte da igreja, que manifesta de forma prática o amor cristão, contudo, não se pode confundir isso com a Ceia do Senhor. Todos os que participam da Ceia do Senhor precisam estar ali exclusivamente para lembrar do amor sacrificial de Jesus, de maneira intencional e espiritual.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ O que devemos evitar, ou com o que devemos tomar cuidado, para não banalizar o culto ou prejudicar seu caráter solene?
- ◆ Como encontrar um equilíbrio saudável entre viver nossa liberdade cristã e não nos deixar moldar pelo mundo (nos afastando de Deus)?
- ◆ Como poderíamos repensar ou transformar algumas tradições e costumes da igreja sem causar rupturas, escândalos ou divisões?

5. DESAFIO PRÁTICO

Converse com alguém que está há mais tempo na igreja sobre alterações de costumes que ocorreram no passar do tempo e tentem avaliar quais foram positivas e quais podem ter sido até negativas.

1. APRESENTAÇÃO

Em **1 Coríntios 12**, Paulo inicia uma seção importante em suas cartas. Nos **capítulos 12 ao 14**, Paulo se atém a corrigir os abusos e desentendimentos sobre os dons espirituais. Os coríntios haviam perdido seu senso de valores em relação aos vários dons do Espírito Santo. Eles começaram a considerar as manifestações de êxtase como sendo os melhores dons espirituais e tiveram a tendência de minimizar outros ministérios do Espírito Santo. No **capítulo 12**, Paulo declara duas verdades simples. Em primeiro lugar, todos os dons vêm do mesmo Espírito Santo e não podem se opor uns aos outros. Depois, o apóstolo dá exemplos da importância de todos os dons, comparando os membros da igreja à estrutura do corpo humano.

Logo no início do capítulo, Paulo orienta os coríntios a não serem ignorantes quanto aos dons. Ele lembra que, antes de conhecerem a Cristo, eram guiados por impulsos religiosos vazios, mas agora o verdadeiro discernimento espiritual vem do Espírito de Deus (**v. 3**). O apóstolo, então, apresenta a fonte, a variedade e o propósito dos dons. Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. Deus se revela ao homem por meio de dons e serviços.

1) A variedade de dons (**v. 4**). Os dons (*charisma*) se originam da mesma raiz da palavra “graça” (*charis*). A ideia é de algo que foi concedido e, nesse sentido, todos os cristãos recebem dons de Deus, à medida que o amor, a graça e a totalidade da vida cristã são concedidos ao ser humano. A palavra “diversidade” transmite a ideia de uma distribuição. O Espírito Santo reparte aos crentes à sua maneira. Dessa forma, qualquer dom que Ele concede a uma pessoa não está em oposição ao dom que foi dado à outra, nem um dom seria superior ou inferior a qualquer outro. Todos os dons procedem de Deus e são usados na sua obra redentora dos homens.

2) Há variedade de maneiras de servir (**v. 5**). Na igreja, além da distribuição de vários dons, há também a repartição de “ministérios” ou “serviços”. A maneira como os dons são utilizados é chamada de “ministérios” (*diakonia*). Essa palavra grega visa aos serviços necessários para o bem comum de toda a igreja. Em um contexto com bastante confusão na igreja de Corinto, Paulo inclui o conceito de “serviços” à ideia dos dons para minimizar a importância desses e maximizar a unidade do Espírito.

3) A variedade de resultados (**v. 6**). A palavra operações (*energmaton*) sugere um efeito produzido, um resultado. A igreja é composta de diversas pessoas, diferentes forças trabalhando dentro e através da igreja, produzindo diferentes resultados. Existem provas, em toda parte, na criação e na igreja, das maneiras pelas quais Deus opera.

Paulo afirma: “*A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil*” (v. 7). Isso significa que os dons espirituais não existem para exaltação pessoal, mas para o benefício da comunidade. O Espírito Santo concede dons de forma soberana, “*repartindo particularmente a cada um como quer*”.

Não é o crente quem escolhe seu dom, nem é um privilégio exclusivo de alguns; cada membro do corpo de Cristo recebe do Espírito uma capacitação específica para cumprir um propósito divino no serviço cristão.

Depois de esclarecer inicialmente os dons na igreja, Paulo usa a metáfora do corpo humano para ilustrar a unidade e a diversidade da igreja. Assim como o corpo tem muitos membros e cada um com uma função diferente, mas todos cooperando para o bem do todo, assim também é o corpo de Cristo. O corpo humano é um organismo vivo que tem vários membros. A unidade dos cristãos, assim como a unidade física do corpo, é vital para o funcionamento da igreja.

O fundamento dessa unidade está na obra do Espírito Santo: “*Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo*” (v. 13). O batismo aqui não se refere ao batismo em água, mas à inserção espiritual do crente na igreja, realizada pelo Espírito Santo no momento da conversão. É Ele quem nos torna parte viva do corpo de Cristo.

Paulo desmonta o orgulho e a autossuficiência, mostrando que nenhum membro pode desprezar o outro. Todos são indispensáveis, pois Deus dispôs cada um no corpo “*como lhe aprouve*”. Essa verdade ensina que o Espírito Santo não apenas concede dons, mas também posiciona cada crente onde ele pode ser mais útil. A beleza da igreja está justamente nessa harmonia entre funções diferentes, unidas por um mesmo propósito: glorificar a Cristo e edificar o corpo.

O capítulo termina com uma transição importante: “*Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente*” (v. 31). Paulo prepara o terreno para o capítulo 13, no qual mostrará que, sem amor, todo dom perde o sentido. O “melhor dom” não é o mais espetacular, mas aquele que melhor serve à edificação e à unidade da igreja. O Espírito Santo distribui dons diferentes, mas o amor é o ambiente em que todos devem operar. Sem o amor, os dons se tornam instrumentos de vaidade; com o amor, tornam-se ferramentas de serviço e comunhão.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 12.4-8

Ter: Efésios 4.11-13

Qua: 1 Pedro 4.10-11

Qui: Gálatas 5.22-23

Sex: João 14.26

Sáb: Atos 2.1-4

2. ATIVIDADES

Transcreva, abaixo, a capacitação especial que você acredita ter recebido do Espírito Santo. Qual(is) é(são) o(s) seu(s) dom(ns)?

Há no texto uma expressão que diz que “ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema”. O que essa expressão significa? Em sua interpretação, o que Paulo quis dizer com isso?

3. APLICAÇÕES

Em um mundo que valoriza o destaque individual e a autopromoção, a lição de hoje soa como um chamado contracultural. Paulo nos lembra que os dons não são troféus espirituais, mas ferramentas de serviço. Ele te convida a perguntar: tenho usado aquilo que Deus me deu para abençoar outros ou para ser visto? Cada talento, habilidade ou sensibilidade espiritual que o Espírito te concede tem um propósito coletivo — o bem da comunidade. Quando você entender que seu dom é uma expressão da graça, passará a servir com humildade e gratidão, sem competir, mas cooperando.

A unidade na diversidade também te desafia a lidar com a diferença. Na vida da igreja, é comum preferirmos pessoas que pensam, falam e servem como nós. Contudo, a metáfora do corpo nos obriga a reconhecer que o “outro” é necessário. O ouvido não entende o olho, mas precisa dele para enxergar o caminho. Assim, o cristão maduro aprende a celebrar a diferença como expressão da sabedoria divina. Pergunte a si mesmo: tenho valorizado os dons dos meus irmãos, mesmo quando são diferentes dos meus? Tenho aprendido com eles ou me fechado em minha própria forma de servir?

Além disso, **1 Coríntios 12** nos ensina que a verdadeira espiritualidade não está em manifestações extraordinárias, mas na constância do serviço. O Espírito Santo atua tanto em quem prega no púlpito quanto em quem acolhe um visitante com amor, limpa o templo, aconselha um irmão ou ora em silêncio por alguém. Nenhum dom é pequeno demais quando usado para a glória de Deus. Você tem percebido o valor das pequenas contribuições na vida da igreja?

Por fim, Paulo nos conduz à pergunta mais profunda: o amor é o ambiente no qual meus dons operam? É possível ser talentoso, admirado e até eficaz — e ainda assim, vazio de amor. O amor é o critério que dá sentido a todos os dons. Ele impede que o serviço se transforme em vaidade e transforma o “eu faço” em “nós edificamos”. Que cada um de nós busque, então, ser um canal do Espírito que une, pois a verdadeira maturidade cristã não está em possuir muitos dons, mas em usá-los com amor para o crescimento do corpo de Cristo.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ De que maneira o dom que o Espírito me concedeu tem contribuído para o crescimento da igreja e para a vida das pessoas ao meu redor?
- ◆ Tenho valorizado e reconhecido os dons dos meus irmãos, mesmo quando são diferentes dos meus ou menos visíveis?
- ◆ O amor tem sido a motivação principal do meu serviço cristão ou o desejo de reconhecimento tem tomado espaço em meu coração?

5. DESAFIO PRÁTICO

Faça uma lista de suas qualidades e depois avalie quais delas você tem usado para a edificação do corpo de Cristo: a igreja.

1. APRESENTAÇÃO

O **capítulo 13** da primeira carta aos Coríntios, escrito por Paulo, é uma pausa poética dentro da discussão sobre os dons espirituais. Assim como Tiago (**Tg 1.19-27**), Paulo revela que a essência da fé cristã não está em rituais marcantes, nem em demonstrações espetaculares ou estratégias de dominação, mas sim no amor. Não é apenas um hino ao amor, mas uma chave interpretativa para o uso dos dons espirituais.

O **capítulo 13** é considerado por muitos como o mais belo do Novo Testamento, comparável ao **Salmo 23** do Antigo Testamento, ambos, verdadeiras joias da literatura universal. Paulo começa os **vs. 1-3** com uma expressão “*ainda que...*”, isto é, uma hipérbole, um exagero de linguagem, para demonstrar que o amor supera qualquer atitude ou característica humana: ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos (**v. 1**); ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e todo o conhecimento, ainda que eu que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes (**v. 2**); ainda que eu distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que eu entregasse o meu corpo para ser queimado (**v. 3**), e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine, nada seria, nada disso me aproveitaria.

O sentido da religião é o amor, essa palavra indefinível e cujo sentido só a poesia pode nos ajudar a entender. Diante da dificuldade de defini-lo, o apóstolo João resumiu: “Deus é amor” (**1Jo 4.8**), oferecendo uma das mais concisas descrições da natureza divina. Além disso, o amor é o mais divino dos sentimentos humanos, um sentimento “sobremodo excelente” (no dizer do apóstolo). Na hierarquia da vida santa, ele é mais importante do que a fé, pela qual somos salvos, e a esperança, pela qual nos mantemos vivos. Ele é o sentimento mais importante, porque é o que dá qualidade à fé e à esperança. Fé sem amor é algo morto, como ensinou Tiago. Esperança sem amor não tem a disposição essencial de enxergar concretamente o que se apresenta além do plano visível da realidade.

Paulo apresenta o amor como um caminho — uma metáfora poderosa. A aplicação da ideia do caminho ao amor é muito feliz. O amor é um caminho, e isso indica uma de suas características mais nobres: um processo. Isso sugere que amar é algo que se aprende. Nenhum de nós sabe amar. No **v. 11**, o apóstolo nos lembra que, quando crianças, só sabíamos ser amados; quando adultos, devemos saber amar. O natural é ser amado; amar é um dos sinais da espiritualidade cristã. Não por acaso, o apóstolo Paulo relaciona o amor como um fruto do espírito (**Gl 5.22-23**).

Portanto, não considere estranho que você tenha dificuldade de amar a partir de sua própria iniciativa. Para amar de fato, você precisa de duas atitudes. Em primeiro lugar, reconhecer que Deus já ama você. Esse amor, revelado na criação e na encarnação, torna-se

pessoal quando você se sente especialmente acolhido(a) por Ele. A vida cristã começa com a experiência da cruz e da ressurreição, que nos insere no Reino de Deus. O verdadeiro amor só pode ser compartilhado por aqueles que têm a consciência que Deus nos amou primeiro e está a todo tempo cuidando de nós e nos derramando o seu grande amor.

Em segundo lugar, amar a Deus. Quem ama a Deus, ama o próximo. Se alguém afirma amar a Deus, mas despreza seu irmão, está mentindo (**1Jo 4.20**). O amor a Deus nos capacita a amar os outros. Como disse Ray Stedman: *“Quando você ama a Deus, Ele lhe ensina a amar”*. Sem o Espírito Santo, nossas tentativas de amar se limitam a um amor romântico (carnal) ou a uma simples amizade afetuosa (condicional). O verdadeiro amor cristão só é possível com a presença do Espírito Santo, que nos molda segundo o caráter de Cristo, que renunciou à sua glória por amor à humanidade (**Fp 2.1-11**). Ele se fez homem e habitou entre nós para nos dar a capacidade de amar aos outros como a nós mesmos.

A partir dessa visão, podemos construir uma maneira de viver que nos permita experimentar o Cristianismo em sua plenitude e cultivar relações maduras, contudo, é importante distinguir: o amor não é Deus, mas sim uma emoção que emana Dele. Não devemos idolatrar o amor, nem os amados. O culto é reservado exclusivamente ao Senhor.

Um dos equívocos mais comuns é confundir amor com perfeição. Paulo nos alerta: ninguém é perfeito, mas todos podem amar. O amor convive com nossas falhas (v. 10). O amor não exige perfeição, mas sim intenção. Desde o início do capítulo, aprendemos que amar é mais importante do que dominar todas as línguas. Sem amor, a comunicação perde seu valor.

Mesmo os maiores atos de espiritualidade são inúteis se não forem motivados pelo amor. A fé vivida com amor nos aproxima de Deus. A religião se torna viva e significativa quando é movida pelo amor, e não por rotina ou espetáculo. Conhecer profundamente a Bíblia ou saber ensiná-la não tem valor sem amor. Nossas ações, por mais impressionantes que sejam, só terão impacto verdadeiro se forem feitas por amor — sem interesses ocultos. Até mesmo os esforços sociais mais nobres perdem seu sentido se não forem impulsionados pelo amor genuíno.

Quando o amor é a base de nossos compromissos, nossas atitudes ganham verdadeiro valor. Passamos a mostrar a autoridade do Espírito que habita em nós e nos conduz a ações de um amor não fingido, sofredor, benigno; um amor não invejoso, que não se irrita, não suspeita mal; um amor que não trata com leviandade, não se ensoberbece; um amor nunca falha!



**Textos relacionados
para leitura semanal**

Seg: João 4.7-8

Ter: 1 João 4.20

Qua: Romanos 13.10

Qui: Gálatas 5.22-23

Sex: Colossenses 3.14

Sáb: Efésios 5.1-11

2. ATIVIDADES

Escreva suas considerações sobre os textos da semana:

Segunda:

Terça:

Quarta:

Quinta:

Sexta:

Sábado:

Complete:

1. Ainda que eu fale a língua dos homens e dos _____ (v.1)
2. Sem amor, sou como um _____ que ressoa (v.1)
3. O amor é _____ (v.4)
4. O amor não se _____ (v.4)
5. O amor não busca os seus próprios _____ (v.5)
6. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a _____ (v.6)
7. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo _____ (v.7)
8. O amor jamais _____ (v.8)
9. Quando vier o que é perfeito, o que é em parte será _____ (v.10)
10. Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, mas o maior deles é o _____ (v.13)

3. APLICAÇÕES

Nos **vs. 4-7**, Paulo pinta um retrato vívido do amor, que não é apenas uma emoção abstrata, mas uma prática concreta. Duas características merecem destaque, pois sua ausência tem destruído relações familiares, conjugais e de amizade.

Primeiramente, o amor é generoso (**v. 4**): ele não é possessivo nem dominado pelo ciúme. Pais que exigem exclusividade dos filhos, impedindo-os de amar outras pessoas, acabam sufocando sua felicidade. Filhos que não respeitam o espaço dos pais, cônjuges que anulam a individualidade do outro, amigos que se tornam dependentes afetivamente, etc. revelam um amor egoísta. O amor generoso permite que o outro seja livre e compartilhe sua vida com outros.

Em segundo lugar, o amor é unilateral (**v. 5**): ele não espera que o outro dê o primeiro passo. Muitas relações são destruídas pela mágoa recíproca. Paulo ensina que o amor verdadeiro não guarda rancor. Para interromper o ciclo de ressentimento, é preciso agir primeiro (amar sem esperar retorno). Essa pode ser a única chance de restaurar o vínculo.

Nos **vs. 8 a 13**, o autor torna o amor o único sentimento que ultrapassa a dimensão do tempo: o dom maior, a profecia, vai desaparecer (**v. 8**); o dom mais espetacular, a glossolalia, vai desaparecer (**v. 8**); o dom mais racional, a ciência, vai desaparecer (**v. 8**); a fé, que salva, vai desaparecer (**v. 13**); e a esperança, que nos faz olhar para a frente e para o alto, vai desaparecer (**v. 13**). O amor não vai acabar, sob hipótese alguma.

Mesmo quando Cristo se manifestar e a perfeição se estabelecer (**v. 10**), o amor estará presente. O amor é a condição essencial para que os dons espirituais sejam exercidos. Os dons que devemos buscar cessarão, mas o amor permanecerá. Se você quer amar, ame a Deus. Ele te capacitará a amar.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ *“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.”* Você concorda com essa afirmação?

◆ *“O amor não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.”* Você já viveu alguma situação em que não lhe foi demonstrado este amor ensinado pelo Senhor?

◆ *“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”* Qual a sua opinião sobre essa afirmação?

◆ *“O amor nunca falha.”* Você crê nisso?

5. DESAFIO PRÁTICO

Compartilhe o estudo de hoje para três pessoas que você conhece.

Coloque no WhatsApp da classe os resultados dessa experiência de compartilhamento.

1. APRESENTAÇÃO

Como vimos nas lições anteriores, os coríntios manifestavam imaturidade no uso dos dons, valorizando uns em detrimento dos outros e competindo para ver quem tinha os melhores dons. Paulo orienta a igreja sobre a importância de todas as partes do corpo e de sua unidade, como também incentiva a busca pelo dom excelente: o amor.

Entretanto, havia ainda um tema, relacionado a este assunto, que exigia um tratamento específico: o dom de *glossa*. Importante mencionar logo de início esse termo original, em grego. Esta palavra pode significar duas coisas: o órgão do corpo, que fica na boca; ou um idioma falado por um determinado povo. Fica evidente que Paulo está mencionando o segundo significado: um idioma.

É importante também destacar que, no texto original, não existe a palavra “*estranha*” ou “*desconhecida*”, que é trazida por algumas traduções mais antigas da Bíblia, como a ARC e ACF. A única menção a algo nessa linha aparece apenas no **v. 21**, quando Paulo menciona a profecia que fala da pregação por meio de pessoas de “outras línguas” (*heteroglossos*), o que é totalmente diferente de línguas desconhecidas por todos.

O dom de falar em idiomas remonta da experiência da igreja em Pentecostes (**At 2.1-13**), quando os discípulos passaram a falar em diferentes idiomas, conforme as nações que se encontravam em Jerusalém naqueles dias de festa. Em apenas dois outros episódios no Novo Testamento, o falar em línguas aparece como sinal do recebimento do Espírito Santo (**At 10.46 e At 19.6**). Esses foram episódios pontuais para demonstrar aos presentes que estava se iniciando o ministério do Espírito Santo e que pessoas de outros povos poderiam ser alcançadas. Nas milhares de outras conversões narradas no livro de Atos, não há menção a falar em línguas, assim como em nenhuma outra carta do Novo Testamento.

Possivelmente, ao testemunhar os episódios narrados em Atos, algumas pessoas tiveram uma percepção equivocada do que havia ocorrido ali, por ouvirem pessoas falarem em idiomas que não conheciam, e consideraram que a manifestação do Espírito Santo também passava por falar em uma língua desconhecida. Observe que alguns chegaram a dizer que os cristãos estavam bêbados (**At 2.13**).

O tratamento que Paulo dá sobre a questão passa pela comparação entre os dons de línguas (idiomas) e de profecia (pregação). Desde o Antigo Testamento, o dom de profecia significava transmitir ao povo uma mensagem entregue por Deus. Essa mensagem, às vezes, era uma revelação inédita, um conhecimento novo. No Novo Testamento, a diferença é que a profecia (pregação) não envolve uma revelação nova, mas um ensino baseado naquilo que já está revelado em Cristo ou no ministério dos apóstolos.

Paulo explica, inicialmente, que o falar em idiomas é um sinal para os infiéis, visto que eles perceberiam o Evangelho sendo pregado em sua própria língua. Por outro lado, o dom de profecia é um sinal para os fiéis, para a própria igreja, visto que os crentes seriam edificados pelos ensinamentos transmitidos (v. 22).

Por esse motivo, ao exercer o dom de idiomas, era necessário que as palavras fossem compreendidas pelo receptor da mensagem. Caso contrário, a pessoa falaria “em espírito” e “de mistérios” (v. 2) e somente ela seria edificada (v. 4). O interesse maior é que toda igreja seja edificada. Por isso, Paulo diz que aquele que profetiza palavras compreensíveis é maior do que aquele que fala um idioma que ninguém entende (v. 5).

Algo que gera dúvidas é a recomendação de Paulo sobre interpretação das línguas (v. 5, 13, 26-28). Basicamente, o apóstolo está proibindo que alguém fale alguma coisa que não possa ser traduzida no idioma dos ouvintes (v. 28). De certa forma, então, Paulo está praticamente desencorajando a que se fale em um idioma desconhecido. Se é sempre necessário interpretar para a igreja o significado da mensagem, qual é o objetivo falar antes em outro idioma, a não ser querer parecer mais espiritual do que os outros? Fale-se diretamente a mensagem final, no idioma conhecido. Apesar de não proibir que fossem faladas línguas na igreja (v. 39), Paulo espera que os crentes sejam maduros no entendimento para chegarem a essa conclusão (v. 20).

Um trecho do texto que também gera dúvidas é a passagem na qual Paulo diz que as mulheres devem estar caladas na igreja e, se quiserem aprender, devem questionar os maridos em casa (v. 34-35). Certamente, essa proibição não é absoluta. Ou seja, não existe proibição de que as mulheres falem ou até mesmo de que puguem na igreja.

Observe que, nesta mesma carta aos coríntios, Paulo admite que as mulheres orem e profetizem na igreja (1Co 11.5). Além disso, Pedro, mencionando o profeta Joel, afirmou que, no tempo da igreja, as jovens e as servas profetizariam (At 2.17-18). Podemos mencionar também o exemplo do diácono Filipe, que tinha quatro filhas que profetizavam (At 21.8-9).

A menção de Paulo a “perguntar ao marido em casa”, combinada com a informação de que algumas mulheres tinham um comportamento indecente na igreja de Corinto (1Co 11.5), pode indicar que algumas delas falavam de maneira desordenada durante o culto. Alguns comentaristas chegam a conjecturar que elas estariam constrangendo seus maridos, talvez até falando de questões sensíveis, relacionadas ao casamento. Mas não há como ter certeza disso. O mais provável é que houvesse alguma desordem durante os cultos. Veja que Paulo menciona a necessidade de que as pessoas falem uma por vez (v. 27-30) e que tudo seja feito com decência e ordem (v. 40).

O que significaria, por fim, a expressão “como também determina a lei” (v. 34)? Também não está claro no texto. Mas, pelo contexto e pela orientação de que conversassem com os maridos em casa, pode indicar a “lei” da submissão da esposa ao marido. Isto é, a relação estabelecida por Deus, no Éden, entre marido e esposa seria o fundamento para a orientação que Paulo estava dando às mulheres desordeiras.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Atos 2.1-13

Ter: Atos 11.5-18

Qua: 1 Timóteo 2.9-15

Qui: Isaías 28.11-12

Sex: Atos 2.17-18

Sáb: 2 Reis 22.14-20

2. ATIVIDADES

De acordo com a lição, qual é o principal motivo pelo qual Paulo trata do dom de línguas e de profecia na carta aos coríntios? Escolha a alternativa correta.

- a. Para proibir a manifestação de ambos os dons.
- b. Para estabelecer regras para a competição entre os membros da igreja.
- c. Para corrigir a imaturidade e a desordem na manifestação dos dons na igreja de Corinto.
- d. Para ensinar sobre o dom de línguas como o mais importante de todos.

Leia as afirmações abaixo e marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso, corrigindo as afirmações falsas.

- () Algumas traduções da Bíblias mais antigas, como a ARC e a ACF, traduziram imprecisamente o dom de línguas como "línguas estranhas".
- () O dom de línguas é descrito como um sinal para os infiéis, porque eles ouvem o Evangelho em seu próprio idioma.
- () Paulo proíbe categoricamente as mulheres de orarem e profetizarem na igreja.
- () A ordem no culto, de acordo com Paulo, é importante para evitar a confusão, pois "Deus não é Deus de desordem, mas de paz".

3. APLICAÇÕES

Uma das principais lições que podemos tirar desse texto está relacionada à clareza da mensagem que estamos transmitindo. O culto é um momento de adoração, mas também de formação e discipulado. Nas mensagens musicais e pregadas, ensinamos estão sendo transmitidos ao povo. Por isso, os pregadores precisam utilizar uma linguagem acessível, sem sofisticação artificial ou desnecessária. A pregação precisa ser simples e coerente, sem linguagem rebuscada e seguindo uma linha de raciocínio viável de ser acompanhada. Os pregadores devem usar elementos didáticos, tais como exemplos e ilustrações, que ajudem a esclarecer os princípios e doutrinas ensinados.

Além disso, a letra das músicas também precisa ser bem compreendida. Palavras arcaicas, como as utilizadas em alguns hinos, precisam ser adaptadas para sinônimos que façam sentido no nosso tempo. Devemos estar atentos ao uso de jargões e expressões que são conhecidas praticamente apenas no meio evangélico (às vezes, nem para todos), mas que não fazem sentido para os descrentes que visitam a igreja. Alguns exemplos são: "*pisar numa tropa e saltar as muralhas*", "*quebra todas as cadeias*", "*nosso general é Cristo*", "*levantai ó portas, as*

vossas cabeças”, “vem com Josué lutar em Jericó” ou “me tira o medo que me faz dizer: Moisés, suba em meu lugar”, “fogo e glória nas cabeças, mil graus de unção”. Algumas vezes, as expressões dos cânticos têm origem ou inspiração na própria Bíblia (ou em traduções literais ou mais antigas da Bíblia), mas, se não forem cuidadosamente explicadas, não serão claramente compreendidas por quem está cantando.

Além disso, cuidado para não manifestar um certo orgulho ou vaidade espiritual, na busca por parecer superior aos demais irmãos. É a tentação de fazer belas orações em público (quando não se ora com a mesma dedicação no particular), de cantar emocionado(a) em público (sem sentir a mesma satisfação no relacionamento cotidiano com Deus) ou de pregar ou ensinar belas palavras em público (mas sem transmitir essas mesmas palavras ou exemplos na vida particular). O orgulho espiritual dos que queriam ser reconhecidos como falantes de línguas “estranhas” na igreja de Corinto tem muito a nos ensinar.

Por fim, é preciso reconhecer a importância fundamental da participação das mulheres na igreja. Normalmente, elas estão em maior quantidade do que os homens e, em alguns aspectos, os ministérios conduzidos por elas possuem força maior do que os dos homens. As mulheres são bênção, inclusive, nos ministérios de liderança e ensino. As igrejas precisam apenas ter o cuidado para que não haja qualquer tipo de disputa de poder entre homens e mulheres na igreja. Assim como no casamento não pode haver competição entre o casal. Na igreja não pode haver medição de forças entre os irmãos e as irmãs. Pelo contrário: homens e mulheres devem se apoiar mutuamente em seus ministérios, pois é assim que será promovida a edificação do Reino e a glória de Deus.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ De que forma tornar nosso culto mais compreensível aos visitantes (especialmente não crentes)? O que devemos evitar para que nossa mensagem não seja clara? Pense na pregação, na música, nas ordenanças (batismo e ceia), nos eventos especiais etc.
- ◆ Quais as consequências de tentar se apresentar na igreja, em público, mais espiritual ou piedoso do que ocorre na realidade particular? Como evitar esse tipo de atitude?
- ◆ Qual é a importância da participação das mulheres na igreja? De que forma homens e mulheres podem apoiar uns aos outros nos ministérios e assim se fortalecerem mutuamente?

5. DESAFIO PRÁTICO

Se você for mulher, faça uma avaliação de como poderia apoiar os ministérios conduzidos pelos homens. Se for homem, faça uma análise de como poderia apoiar os ministérios nos quais as mulheres estão envolvidas?

1. APRESENTAÇÃO

Paulo chega ao último e grandioso tema da epístola. Os gregos zombavam da ideia de uma ressurreição do corpo (**At 17.32**), uma vez que eles acreditavam que o corpo era uma barreira para a alma imortal, de forma que era necessário libertar-se do corpo. Paulo demonstra o equívoco dessa ideia, a partir da premissa equivocada dos gregos: a matéria não é corrompida por si, mas se tornou corrompida a partir da escolha humana pelo pecado. O projeto original de Deus para a criação era uma eternidade perfeita em sua presença, mas sua escolha de “independência” de Deus levou a humanidade à condição de mortalidade, assim como toda natureza material. Revelado pelo Espírito Santo de Deus, Paulo demonstra a importância da ressurreição no ministério do próprio Cristo, a natureza do corpo da ressurreição (**v. 36-49**) e, inclusive, como a ressurreição acontecerá (**v. 50-58**).

A primeira verdade emancipadora aqui é que o Evangelho é mais do que o perdão dos pecados, mas inclui a ressurreição de Cristo e a renovação subsequente de toda a criação (PLENITUDE, 2001, p. 1193). Essa verdade está baseada nas escrituras (**SI 61.6-7, SI 68.18, SI 102.25-27, Is 25.8, Is 26.19, Is 53.10-12; Dn 12.2; Os 6.2, Os 13.14**) e é parte da transformação pela qual o ser humano deve passar: *“A salvação não é esgotada pela experiência do homem quando ele começa a crer. É algo que vai adiante, de força em força e de glória”* (MORRIS, 2014, p. 164).

“A cristandade depende completamente da ressurreição física real do corpo morto de Cristo, caso contrário, é tudo mentira.” (PLENITUDE, 2001, p. 1194). É preciso lembrar, inicialmente, que a morte de Cristo foi uma morte expiatória (Jesus morreu pelos nossos pecados, pagando o preço deles) e que isso não foi uma ideia tardia, mas já estava prevista muito tempo antes na Escritura Sagrada (**v. 3 – vide Is 53**). Tudo isso ocorreu segundo a vontade do Pai, foi feito por Ele.

Para convencer judeus, Paulo apela para a lista das aparições do Cristo ressurreto (**v. 5-7**) para, em seguida, exemplificar sua própria trajetória pessoal (**v. 8-11**), demonstrando que tudo ocorreu apenas pela Graça de Deus. Em seguida, se detém no ponto principal: a importância da ressurreição e as consequências de negá-la (**v. 12-19**).

Paulo explica que a rejeição dos gregos à ressurreição é incoerente até com a realidade conhecida, utilizando argumentos da agronomia: uma semente deve morrer, para que uma planta possa florescer. A morte de Cristo é apenas a primícia da colheita (primeira parte madura, que serve como prova de que a colheita é vindoura). No dizer de Godet, *“Cristo morto sem ressurreição seria um Cristo condenado, não justificado. Como poderia justificar outros?”* (apud MORRIS, 2014, p. 169). Jesus morreu na Páscoa e sua ressurreição é uma promessa de nossa própria ressurreição e a segunda vinda de Cristo completará a colheita, vencendo todos os

inimigos (v. 26), passando as rédeas do governo divino a Deus, o Pai. Quando o reino for entregue a Deus, a criação estará totalmente livre de todas as forças dissidentes e contrárias à vida.

Outra consequência da ressurreição de Cristo é o novo conceito de morte. Se para os pagãos a morte era o fim de todas as coisas, para os cristãos era “lucro”, a ponto de Paulo falar do “desejo de partir e estar com Cristo” (Fp 1.21-23). Além disso, Paulo apresenta um outro argumento: se não há ressurreição, por que deveríamos arriscar nossas vidas e submetemo-nos aos riscos de pregar o Evangelho? (v. 30).

A ressurreição de Cristo é a sua cabal demonstração de vitória sobre a morte. É importante lembrar que Cristo foi o primeiro a ressuscitar. Ele mesmo havia revivido algumas pessoas (Lázaro, a filha de Jairo etc.). Entretanto, todos estes e voltaram a morrer, isto é, tiveram apenas uma nova vida física, no mesmo corpo mortal. A ressurreição de Cristo é para uma vida que não conhece a morte, sendo Ele o precursor de uma vida que todos os crentes viverão n'Ele eternamente (MORRIS, 2014, p. 171). Cristo ressuscitou com um corpo glorificado. Dos argumentos que provam o fato da ressurreição, Paulo se volta para a natureza do corpo da ressurreição, partindo dos diferentes tipos de glória: para ele, inspirado pelo Espírito Santo de Deus, a vida além da morte será infinitamente mais gloriosa do que esta e tal vida exigirá um corpo adequado: um corpo que ressuscitará na incorrupção.

O corpo humano atual é de uma fragilidade ímpar. Já o era nos tempos de Corinto, apesar deste povo cultuar as proezas físicas. Entretanto, por mais que se cultive e se esculpa um corpo, ele continua sendo débil, limitado e relativamente muito inferior à capacidade de nossas mentes – nosso corpo atual é mortal, nossa mente, feita para a imortalidade. Se esse corpo é caracterizado pela fraqueza, o corpo ressurreto terá uma natureza diferente, caracterizado pelo poder de Deus: *“O corpo da ressurreição não será sujeito à morte; será belo e perfeito;”* ele terá algumas habilidades que hoje sequer imaginamos; *“será adaptado à vida na esfera espiritual. Corpo espiritual não significa um corpo imaterial, mas um corpo adaptado às realidades do Tempo Vindouro.”* De alguma forma, ele será identificável como o nosso corpo atual, mas transformado (PLENITUDE, 2001, p. 1195).

“Em outras palavras, nosso corpo ressuscitado será como o de Cristo. Como alma vivente, o Cristo ressuscitado é o manancial da nova criação, como Adão foi da antiga criação. Embora não possamos conhecer completamente a natureza de um corpo espiritual, o corpo da ressurreição de Cristo revela algo do tipo de corpo que os crentes ressuscitados terão. Durante os 40 dias de aparecimentos pós-ressurreição, Jesus poderia se passar por um homem comum. Ele ainda tinha marcas de cravos e comia comida, ainda que pudesse se materializar quando quisesse e passar através de portas fechadas (ver Jo 20, Lc 24). Ele tinha total domínio sobre a criação, conforme evidenciado por seu domínio sobre os peixes (Jo 21.6-11).” (PLENITUDE, 2001, p. 1195).

Deus ainda revelou a Paulo que os mortos seriam ressuscitados por transformação instantânea ante a última trombeta (v. 51-52). Tudo isto para nos revelar a seriedade das questões morais. Não é a morte, em si, uma coisa maligna. A morte é mera consequência, o “salário do pecado” (Rm 6.23), de forma que a morte de um cristão, considerada como a simples passagem desta vida para a vida com o Senhor, é lucro (Fp 1.21-23), pois onde o pecado é perdoado, a morte não tem poder, mas onde o pecado não recebeu o tratamento adequado, a morte é um antagonista implacável. O aguilhão não está na morte, mas no pecado.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Isaías 26.1-21

Ter: Isaías 53.1-12

Qua: Daniel 12.1-13

Qui: Oséias 6.1-11

Sex: Filipenses 1.18-23

Sáb: João 21.1-25

2. ATIVIDADES

Resolva o criptograma abaixo. Em seguida, reflita sobre o texto:

(1=a) (2=e) (3=i) (4=o) (5=u) (6=c) (7=m) (8=r) (9=t)

_____.: “_____.”

D3ss2-lh2 J2s5s: "25 s45 1 82ss58823çã4 2 1 v3d1. 1q52l2 q52 68ê 27

_____, _____, _____; _____, _____,

737, 13nd1 q52 74881, v3v28á; 2 q527 v3v2 2 68ê 27 737, nã4 748828á

_____. _____?"

2928n172n92. V46ê 68ê n3ss4?"

____ 11:25-26

J4ã4 11:25-26

3. APLICAÇÕES

Atualmente, os filmes de heróis ainda estão na moda. Aliás, os heróis, nas suas mais diversas formas de manifestação (literatura, audiovisual, arte, música, filme, filosofia etc.) nunca

saíram do nosso radar. Trata-se do chamado monomito¹. Normalmente, o herói é alguém típico, comum, mas que, diante de um desafio sofre uma transformação e se adapta para uma vitória épica. Assim, dentre os mitos mais conhecidos, podemos citar o Super-Homem – um alienígena que, diante da extinção de seu planeta, é enviado à Terra, onde seu corpo desenvolve habilidades sobre-humanas por causa da incidência de luz solar e se torna o “guardião” do planeta – ou o Capitão América – um soldado franzino e inútil em batalha, mas disposto e extremamente corajoso, que, ao ser exposto a um soro químico, desenvolve habilidades sobre-humanas e passa a proteger o planeta de todo mal. O que há em comum entre eles? O sacrifício de uma vida comum em nome de um bem maior.

Cristo é o maior exemplo heroico que temos notícia. O Filho na Trindade poderia ter vivido toda a eternidade em paz, mas submeteu-se a viver a humanidade a fim de cumprir um propósito redimidor. Ao submeter-se ao poder de Deus, fez coisas incríveis e venceu inclusive a implacável morte. Ressurreto por Deus, recebeu um corpo capaz de proezas ainda mais incríveis. No que Ele difere de todos os outros heróis? Ele quer compartilhar esse poder e esse propósito com você! Mas o mais importante: Ele não é um mito. Embora a simples história dele seja inspiradora e capaz de influenciar sua vida, isso não basta. Ele é real e quer um relacionamento com você. Um relacionamento que transformará completamente a sua existência, tanto a terrena quanto a eterna. Ele é a única esperança!

5. DESAFIO PRÁTICO

Na lição de hoje, compreendemos que a morte e a ressurreição de Cristo são reais e foram fundamentais para a nossa salvação. Sabendo que Ele quer compartilhar isso com você, reflita sobre quais partes da sua vida ainda precisam morrer, para, sendo ressuscitadas por Cristo, estarem aptas à vida eterna.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ Você já duvidou da ressurreição de Cristo? Ou já conheceu alguém que se recusa a acreditar? Em caso afirmativo, que fatores dificultam crer nesse fato?

◆ Os corpos humanos, assim como toda natureza criada por Deus, foram planejados para diversos propósitos. Você já conheceu alguém que tivesse alguma habilidade fora do comum? Comente.

◆ Considerando os propósitos da vida eterna, que tipo de habilidades você imagina que os corpos ressurretos terão?

¹ Conceito desenvolvido por Joseph Campbell, em “O herói de mil faces”. Apesar de ser um acadêmico renomado em biologia e matemática, as pesquisas de Campbell abrangem a construção de mitos, teologia e psicologia.

1. APRESENTAÇÃO

A mensagem principal deste estudo bíblico é apresentar o consolo que vem de Deus em meio aos sofrimentos e como a experiência desse consolo se torna um ato formativo para nos ajudar a consolar uns aos outros. Para trazer essa mensagem de Deus à Igreja de Corinto, Paulo introduziu a carta de **2 Coríntios** com saudações de graça e paz, uma apresentação de Deus como fonte consolo, uma visão de fé do sofrimento como um processo de aperfeiçoamento e uma defesa da sua integridade na liderança cristã.

Na introdução da carta, o apóstolo expõe suas tribulações decorrentes das críticas ao seu ministério apostólico, perseguições e desgastes emocionais. No entanto, tendo sido consolado por Deus, coloca-se no papel de consolar a igreja de Corinto com o mesmo consolo que de Deus recebeu. Tal consolo da parte do apóstolo vem de sua compreensão das tribulações de ordem social, moral e espiritual que a igreja de Corinto enfrentava por estar inserida em um contexto de prosperidade econômica, decadência moral e idolatria.

A tribulação social da igreja de Corinto advinha das dificuldades em abandonar a idolatria e os costumes locais. A tribulação moral consistia em um viver contra os padrões de imoralidade da cidade de Corinto. Já a tribulação espiritual é mais intensa, uma vez que a igreja era formada por pessoas que viviam na cultura mundana, que era oposta à cultura do Evangelho e, por isso, sofriam as dúvidas, as tentações e as divisões internas.

Após ter sido atacado por alguns da igreja, durante uma de suas visitas, Paulo escreveu uma dura carta aos coríntios, na qual os repreende por sua atitude. Essa carta, conhecida como “carta severa”, que se perdeu, segundo Paulo foi escrita em “*muita aflição e angústia de coração, com muitas lágrimas*” (**2Co 2.4**). Em **2 Coríntios**, de forma mais amistosa, Paulo compartilha os próprios sofrimentos e apresenta o consolo de Deus que o ajudou a superar os próprios sofrimentos para ajudar a Igreja a vencer as tribulações sofridas.

Nesse tom amistoso, Paulo inicia a carta saudando com graça e paz a igreja de Corinto e toda a região da Acaia, que era uma província romana composta por Atenas, Esparta, Cencreia e Corinto, que era a sua capital. A saudação “graça e paz” expressava o desejo de que o favor imerecido de Deus e a paz plena de Cristo estivessem sobre eles. Mais do que isso, “graça e paz” resume o Evangelho indicando paz com Deus pela graça de Cristo.

Quanto às tribulações sofridas, em vez de fazer reclamações que poderiam desanimar ou desencorajar a igreja de Corinto a perseverar na fé, Paula expressa sempre gratidão e aponta os benefícios dos sofrimentos, sustentando que o sofrimento faz parte da vida cristã para aperfeiçoamento dos santos e permite-nos experimentar a bênção do consolo de Deus. Além disso, o sofrimento ensina-nos a consolar uns aos outros em amor, a perseverar confiantes em Deus e a nos colocar na Sua dependência.

Em síntese, a instrução de Paulo sobre consolo de Deus pode ser explicada por suas palavras na mesma carta de **2 Coríntios** quando diz: *“por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, pois, quando sou fraco, é que sou forte” (2Co 12.10)*. Por isso, em louvor, Paulo bendiz ao Senhor, Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação, *“que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus” (2Co1.3-4)*.

Este estudo traz muitas lições espirituais para a igreja sobre consolo divino, fé, confiança, comunhão, interseção, humildade e dependência de Deus. Vivenciando o consolo divino, aprendemos que Deus transforma a dor que recebemos em conforto que oferecemos. Colocando em prática a fé e a confiança, aprendemos que confiar em Deus é a arte de nele descansar mesmo sob sentença de morte, como o fez Paulo no seu mais intenso sofrimento (**2Co1.8-9**). Já com a comunhão e a intercessão da igreja, entendemos que a oração de muitos movimenta o trabalho missionário e Deus usa uma igreja unida para sustentar os trabalhadores de sua obra.

Por fim, a simplicidade e a sinceridade de Paulo no exercício de seu ministério nos ensinam que Deus nos leva ao limite para que deixemos de confiar em nós mesmos, pois quem confia na própria força cai, mas quem se apoia na graça, como Paulo, supera as tribulações. Que a graça e a paz de Cristo sejam o nosso consolo e que a sua ressurreição nos inspire a perseverar em fé, sabendo que *“somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou” (Rm 8.37)*.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 8.7;15.4

Ter: Filipenses 1.19-21

Qua: Jeremias 29.1-14

Qui: Salmos 23.4

Sex: Isaías 66.13

Sáb: Salmos 94.19

2. ATIVIDADES

Na sua opinião, qual a diferença do consolo de Deus para o consolo do mundo?

Preencha as palavras ocultas de acordo com as dicas a seguir:

1. Apóstolo que escreveu a carta aos coríntios. _ _ _ L _
2. Companheiro de Paulo mencionado na saudação. _ _ _ OT _ _
3. Cidade-igreja destinatária da carta. _ _ _ N _ O

4. Região onde se localizava Corinto. __ C __ I __
5. Dom gratuito de Deus, citado junto com “paz”. __ R __ A
6. Acompanhada da graça, vem “da parte de Deus nosso Pai”. __ Z
7. Deus é “Pai de toda ____”. CO ____
8. Mesmo nela, Paulo experimentou consolo. T __ I ____
9. Não é abalada, pois se firma em Cristo. __ PE ____ A
10. Sustenta o ministério. __ R __ Ç ____
11. Fortalece a igreja C __ M __ N ____

Refleta sobre a história abaixo a partir do que aprendeu na lição.



Uma jovem leva um vaso quebrado de muito valor sentimental para um oleiro restaurá-lo. O oleiro diz a ela que consegue restaurar o vaso, mas não consegue esconder as rachaduras que nele ficarão. Ao restaurar o vaso, o oleiro cobre, com ouro, as rachaduras. Agora, quando os raios de sol tocam nas rachaduras, elas brilham. Por isso a jovem se sentiu consolada.

Como você relaciona essa mensagem aos consolos de Deus em meio às tribulações?

3. APLICAÇÕES

O apóstolo Paulo expõe, na introdução de sua segunda carta aos coríntios, o terrível sofrimento que lhe sobreveio na Ásia, que abalou as suas forças a ponto de temer pela própria vida. No entanto, o apóstolo põe sua confiança em Deus, trazendo à memória a ressurreição de Jesus como vitória memorável sobre morte. De fato, precisamos trazer a memória o que nos dá esperança (**Lm 3.21**), que é a Palavra de Deus que se fez carne em Jesus (**Jo 1.14**). O próprio apóstolo Paulo afirma que *“tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nos ensinar, a fim de que, pela perseverança e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”* (**Rm 15:4**).

Por isso, nos dias mais sofridos, console-se com a Palavra de Deus, que deu vida a ossos secos (**Ez 37.1-14**), que chegou nas palavras da carta do profeta Jeremias aos israelitas no exílio da Babilônia, dizendo que se multiplicassem e não se diminuíssem na terra de seus

sofrimentos (**Jr 29.6**), e a Igreja de Corinto, nas palavras do apóstolo Paulo, dizendo que “*assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo*” (**2Co 1.5**).

Portanto, considerem que “*como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo*” (**Pv 25.11**). Assim são as Palavra de Deus. Consolem-se, pois, uns aos outros com estas palavras (**1Ts 4.18**).

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Como o seu sofrimento pode se tornar fonte de consolação para outras pessoas?
- ◆ Cite uma situação de sua vida em que você se sentiu consolado por Deus.
- ◆ Cite um texto bíblico que traz muito consolo e esperança ao seu coração.

5. DESAFIO PRÁTICO

Relembre uma situação que Deus lhe trouxe consolo e escreva para uma mensagem de gratidão a ELE por seu consolo em tempos de sofrimento.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

1. APRESENTAÇÃO

A relação entre Paulo e os coríntios era marcada por amor profundo e tensões intensas. Corinto, como cidade, era um ambiente hostil à fé cristã, marcada por permissividade moral, cultos pagãos e forte influência filosófica (estoicismo e epicurismo). A comunidade cristã de Corinto surgiu durante a segunda viagem missionária de Paulo (**At 18**).

Ela cresceu em meio a esse ambiente complexo e desafiador: conflitos doutrinários (havia disputas sobre liderança, dons espirituais e comportamento ético); desafios éticos (a igreja enfrentava problemas como imoralidade sexual, disputas e falta de unidade); e críticas a Paulo (alguns membros questionavam sua autoridade e sinceridade, o que motivou parte da defesa que ele faz em **2 Coríntios**).

A segunda carta aos coríntios é, talvez, a mais pessoal e emocional de todas as cartas de Paulo. Antes dessa epístola, Paulo havia feito uma “visita dolorosa” e escrito uma “carta severa” (mencionada em **2Co 2.4;7.8**), cujo conteúdo exato não possuímos, mas que claramente repreendeu a igreja por sua tolerância ao pecado e desordem.

O problema específico tratado em **2Co 1 e 2** são as acusações de que Paulo seria inconstante, leviano e pouco confiável. Ele havia prometido visitar os coríntios, mas mudou seus planos. Seus opositores usaram isso como argumento para desacreditá-lo, dizendo que ele agia “segundo a carne”, ou seja, com motivações humanas e instáveis. Essa acusação não era apenas sobre logística; era uma tentativa de atacar sua credibilidade espiritual. Se Paulo não cumpria seus compromissos, como poderia ser um verdadeiro apóstolo? Como confiar em sua mensagem?

A Defesa de Paulo quanto à sua integridade e fidelidade a Deus começa nos **vs.1.12-14**. Paulo inicia sua defesa com uma afirmação poderosa: sua glória está na consciência limpa diante de Deus e dos homens. Ele não se apoia em argumentos retóricos, mas na sinceridade e santidade que vêm de Deus. Essa integridade é a base de sua autoridade espiritual. Ele afirma que os coríntios o conhecem bem e que, no dia de Cristo, poderão se orgulhar uns dos outros. Isso revela que Paulo não vê a liderança como domínio, mas como parceria espiritual.

Nos **vs. 1.15-20**, Paulo explica que seu plano original era visitar Corinto duas vezes, dando-lhes uma “segunda graça”. Ao mudar de ideia, foi acusado de ser volúvel. Sua resposta, porém, eleva o debate. Ele conecta sua fidelidade à fidelidade de Deus. Se ele prega um Deus absolutamente fiel, como poderia ser um homem de “sim e não”? Além disso, ele aponta para Cristo como o “sim” definitivo de Deus, em quem todas as promessas se cumprem. Dizer “amém” é afirmar essa certeza. Assim, acusar Paulo de inconstância era, indiretamente, questionar a própria mensagem do Evangelho.

Já nos **vs. 1.21–24 e 2.1-4**, Paulo revela que sua mudança de planos foi motivada por misericórdia pastoral. Ele queria poupar os coríntios de uma visita que, naquele momento, exigiria disciplina severa. Ao adiar, deu-lhes tempo para arrependimento, buscando um reencontro marcado pela alegria, não pela tristeza. Ele fundamenta essa decisão na obra da Trindade: Deus Pai nos confirma, Cristo nos unge e o Espírito Santo nos sela e garante nossa herança. Essa segurança não depende de sentimentos ou méritos humanos, mas da ação divina.

Paulo conclui com uma visão nobre da liderança espiritual. Ele não busca dominar a fé dos coríntios, mas cooperar para sua alegria. A autoridade apostólica existe para edificar, não para controlar.

No trecho de **2.5-11**, Paulo trata do perdão a um irmão que havia causado dor à igreja, que havia atacado o apóstolo de forma muito desrespeitosa. Após o arrependimento, ele orienta que haja perdão e consolo, para que o indivíduo não seja consumido pela tristeza. A igreja deve demonstrar amor restaurador, pois a falta de perdão abre espaço para a ação do inimigo.

Essa orientação revela o coração pastoral de Paulo. Ele não busca punição, mas restauração. O objetivo da disciplina é sempre reconduzir o pecador ao caminho da graça.

Por fim, em **2.12–17**, Paulo encerra exaltando o triunfo de Cristo e o papel dos ministros como “aroma de Cristo”. Mesmo em meio às dificuldades, ele vê o avanço do Evangelho como vitória. Esse “aroma” tem efeitos distintos: para os que creem, é vida; para os que rejeitam, é morte.

Essa metáfora revela a profundidade da missão cristã: o Evangelho é poderoso, mas sua recepção depende do coração do ouvinte. O líder cristão não controla os resultados, mas permanece fiel à mensagem.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 2 Coríntios 6.3-4

Ter: Filipenses 1.20-21

Qua: 2Coríntios 4.1-2

Qui: Atos 20.19-20

Sex: 1Tessalonicenses 2.3-4

Sáb: Gálatas 1:10

2. ATIVIDADES

Abaixo estão quatro afirmações. Numere-as na ordem correta conforme aparecem no texto bíblico de **2Co 1.12-24 e 2.1-17**.

() Paulo orienta a igreja a perdoar e restaurar o irmão arrependido.

() Paulo afirma que sua glória é o testemunho da sua consciência, agindo com sinceridade.

() Paulo declara que não falsifica a Palavra, mas fala com sinceridade diante de Deus.

() Paulo explica por que não visitou Corinto, para não causar tristeza.

3. APLICAÇÕES

Paulo não se defende com argumentos sofisticados ou apelos emocionais. Ele aponta para sua consciência limpa como evidência de sua integridade. Isso nos ensina que a autoridade espiritual não se constrói com títulos ou carisma, mas com uma vida coerente diante de Deus. A integridade é silenciosa, mas poderosa. Ela é o que sustenta o líder quando sua reputação é atacada injustamente. Essa postura nos desafia a refletir: estamos mais preocupados com nossa imagem ou com nossa verdade interior? A liderança cristã exige coragem para ser transparente, humildade para reconhecer limitações e firmeza para permanecer fiel à verdade, mesmo quando isso custa críticas ou incompreensão.

Ao ser acusado de inconstância, Paulo não se defende apelando à sua própria capacidade de planejamento. Ele aponta para a fidelidade de Deus como base de sua vida e de seu ministério. Isso é profundamente teológico: o líder cristão não é um gestor de expectativas humanas, mas um servo de um Deus imutável.

Cristo é o “sim” de Deus, a confirmação de todas as promessas divinas. Quando Paulo afirma isso, ele está dizendo que sua vida está alinhada com essa certeza. Mesmo que seus planos mudem, sua mensagem permanece firme porque está enraizada na fidelidade divina. Essa perspectiva liberta o líder da necessidade de ser infalível e o convida a depender da graça.

A decisão de Paulo de adiar sua visita não foi covardia, mas misericórdia. Ele preferiu esperar para que os coríntios tivessem tempo de se arrepender, evitando uma correção severa. Isso revela uma dimensão essencial da liderança espiritual: o pastoreio é feito com sensibilidade, discernimento e amor. O verdadeiro líder não busca impor sua autoridade, mas promover a restauração. Paulo se vê como “cooperador da alegria” dos coríntios, não como dominador de sua fé. Essa visão contrasta com modelos autoritários e nos convida a liderar com empatia, paciência e compromisso com o bem-estar espiritual do outro.

Paulo encerra sua defesa apontando para a obra da Trindade na vida do crente: somos confirmados por Deus Pai, ungidos por Cristo e selados pelo Espírito Santo. Essa segurança não é subjetiva, mas objetiva. É uma garantia divina de que pertencemos a Deus e temos uma herança eterna.

Para o líder cristão, essa verdade é fonte de descanso e confiança. Ele não precisa carregar o peso da salvação dos outros, mas pode confiar na ação de Deus. Isso também fortalece a igreja: saber que nossa segurança está em Deus nos dá liberdade para crescer, errar, aprender e ser restaurados.

Essa passagem nos convida a reavaliar nossos critérios de liderança, nossas práticas de correção e nossa confiança na obra de Deus. Ela nos lembra que o ministério não é sobre reputação, mas sobre serviço. Não é sobre controle, mas sobre cuidado. Não é sobre perfeição, mas sobre graça.

Que, como Paulo, possamos liderar com coragem, servir com amor e viver com a consciência limpa diante de Deus, sempre apontando para Cristo, o “Sim” definitivo de todas as promessas divinas.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

Chamados à integridade –Todo o servo de Deus tem um ministério e é chamado à transparência, ao amor, ao perdão e à fidelidade. Paulo nos ensina que a verdadeira autoridade espiritual vem da integridade diante de Deus e dos homens.

- ◆ Você tem vivido seu ministério com sinceridade e dependência da graça de Deus?
- ◆ Há áreas nas quais você precisa restaurar relacionamentos ou reafirmar seu compromisso com a verdade?
- ◆ Em quais áreas da minha vida posso fortalecer minha integridade cristã?
- ◆ Como posso ser mais transparente e sincero nas minhas relações ministeriais?

5. DESAFIO PRÁTICO

Escreva um pequeno texto sobre o seu ministério e seu compromisso de estar buscando sempre honrar ao Senhor naquilo que faz na Sua obra.
Agradeça a Deus o privilégio de ser usado como canal para que outros sejam abençoados.
Guarde na sua bíblia e releia sempre.

1. APRESENTAÇÃO

A igreja de Corinto era marcada por contrastes: dons espirituais abundantes, mas também divisões, imaturidade e influência do pensamento mundano. Após a saída de Paulo, falsos mestres questionaram sua autoridade e o acusaram de fraqueza. Por isso, ele escreve em tom pastoral e apologético, reafirmando que sua capacidade vem de Deus (**v. 5**) e conduzindo os crentes a compreenderem mais profundamente a obra do Espírito na Nova Aliança.

Neste capítulo, Paulo apresenta uma profunda exposição sobre a superioridade da Nova Aliança em Cristo. Ele mostra a transição do antigo regime da letra para o ministério do Espírito, afirmando que sua autoridade não vem de cartas de recomendação humanas, mas de vidas transformadas pelo Espírito Santo (o verdadeiro selo de um ministério autêntico). Assim, revela que a Nova Aliança não é escrita com tinta nem gravada em pedra, mas com o Espírito do Deus vivo em corações humanos (**v. 3**), destacando a natureza espiritual e interior da obra redentora de Cristo.

A Antiga Aliança, santa e instituída por Deus (**Rm 7.12**), possuía uma glória real, porém transitória e velada, como se vê no rosto de Moisés (**Êx 34.29–35**). O brilho que se desvanecia simbolizava o caráter provisório daquele pacto, que apontava para algo maior em Cristo. Por não transformar o coração humano, a Lei de Moisés foi chamada de “ministério da morte” (**v. 7**), pois expunha o pecado sem conceder poder para obedecer (**Gl 3.10–11**). Ainda assim, teve uma função pedagógica e tipológica no plano divino, servindo como aio (**Gl 3.24**) que levava o homem a reconhecer sua incapacidade diante da santidade de Deus. Assim, a Lei revelava o pecado, mas não podia regenerar; preparava, porém, o caminho para a graça e para a manifestação plena da glória de Deus em Cristo (**Hb 10.1**).

Cristo, ao selar a Nova Aliança com o seu sangue (**Lc 22.20**), inaugurou um ministério superior, que não condena, mas justifica (**v. 9**). Nele, o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo aquele que crê (**Rm 10.4**). Essa nova realidade substitui o antigo ministério da letra, que revelava o pecado, sem poder libertar, por um ministério de vida, fundamentado na graça. Agora, o Espírito Santo habita nos crentes como garantia da redenção e agente da transformação interior, realizando de dentro para fora aquilo que a Lei apenas exigia externamente.

Em Cristo, o véu é removido (**v. 16**) e o ser humano passa a ter acesso direto à presença de Deus, sendo liberto da cegueira espiritual que o impedia de contemplar Sua glória. A Nova Aliança é, portanto, o cumprimento das promessas proféticas: Deus escreve a sua lei no coração (**Jr 31.33**) e concede o Espírito que capacita à obediência (**Ez 36.27**). Esse mesmo Espírito é o selo e a garantia da nova vida (**Ef 1.13–14**), tornando o crente participante da própria glória de Deus. Não mais um reflexo distante, como no rosto de Moisés, mas uma presença viva e contínua: Cristo em nós, a esperança da glória (**Cl 1.27**).

Diferente da Antiga Aliança, cuja glória era externa, temporária e condenatória, a glória da Nova é interna, permanente e transformadora, revelada no rosto de Cristo (**2Co 4.6**). Selada pelo sangue de Jesus (**Hb 9.15**), ela não representa apenas uma mudança de sistema religioso, mas uma transformação radical na relação entre Deus e o ser humano: não por esforço humano, mas pela graça; não em tábuas de pedra, mas no coração; não por sacerdotes terrenos, mas pelo ministério celestial de Cristo (**Hb 8.1–2**). Essa nova realidade traz liberdade, justificação e transformação de caráter. A Antiga Aliança apontava para o Messias; a Nova revela sua plenitude (**Jo 1.17**).

Assim, “a glória da Nova Aliança” consiste na presença do Espírito, na revelação de Cristo e na transformação progressiva do crente à imagem do Senhor. Essa glória é maior porque é permanente, interior e redentora. É a glória da graça que salva, do Espírito que vivifica e de Cristo que se revela. A verdadeira credencial do ministério cristão não está em títulos ou recomendações humanas, mas em vidas transformadas pelo poder do Evangelho (**vs. 2-3**). A Nova Aliança é, portanto, a expressão suprema do plano de Deus: restaurar a humanidade à sua imagem por meio da obra de Jesus, no poder do Espírito, para que toda a glória seja dada ao Senhor (**Rm 11.36**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Jeremias 31.31-33

Ter: Ezequiel 36.26-27

Qua: Lucas 22.20

Qui: Romanos 8.2-4

Sex: Hebreus 8.6-10

Sáb: Romanos 9.13-15

2. ATIVIDADES

Paulo chama a Lei de “ministério da morte” (2Co 3.7). Explique por que algo instituído por Deus pôde receber esse título e compare o propósito da Lei na Antiga Aliança com a obra de Cristo na Nova Aliança.

Dê um exemplo prático da sua vida cristã que mostre essa transformação interior.

3. APLICAÇÕES

A glória da Nova Aliança não é apenas uma verdade teológica distante; ela transforma a forma como você vive hoje. Se Cristo escreveu Sua lei no seu coração, então sua fé não pode

ser apenas externa ou religiosa. Deus não quer apenas comportamentos mudados, mas um coração renovado. Pergunte a si mesmo: minha vida cristã é apenas rotina ou fruto da obra do Espírito em mim? A Nova Aliança produz vida interior, amor sincero, desejo pela santidade e transformação contínua. Se isso não está acontecendo, talvez você esteja tentando viver pela “letra” e não pelo “Espírito” (v. 6). O evangelho não é peso, é poder que vivifica.

Além disso, Paulo mostra que onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade (v. 17). Isso significa que você não precisa mais viver preso ao passado, à culpa, ao medo da condenação ou ao esforço de tentar agradar a Deus com suas próprias forças. A liberdade da Nova Aliança é a segurança de que Cristo já fez por você o que a Lei jamais poderia fazer. Portanto, viva com confiança. Ore com ousadia. Sirva com alegria. Pare de buscar aprovação humana; sua identidade está em Cristo. A glória da Nova Aliança liberta você para viver uma vida autêntica diante de Deus.

Essa verdade também nos chama à transformação contínua. Paulo afirma que somos transformados “de glória em glória” ao contemplar Cristo. Isso significa que a maturidade espiritual não é instantânea, mas um processo diário. Quanto mais você se expõe à presença de Cristo, na Palavra, na oração, na comunhão, mais Ele molda seu caráter. A Nova Aliança não é apenas perdão; é santificação. O objetivo de Deus não é apenas levar você ao céu, mas tornar você semelhante a Jesus aqui e agora.

Por fim, a glória da Nova Aliança chama você a ser uma carta viva para o mundo. As pessoas ao seu redor talvez nunca leiam a Bíblia, mas elas “leem” sua vida. O que elas veem? Um cristão transformado ou apenas religioso? O Espírito Santo quer que sua vida reflita a glória de Cristo no trabalho, na família, no caráter e no modo de amar. A Nova Aliança não é apenas uma doutrina — é uma missão. Você carrega dentro de si a presença de Deus. Viva de forma que o mundo veja, através de você, a beleza da glória de Cristo.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ De que forma a verdade da Nova Aliança se manifesta na vida diária do crente? O que significa permitir que o Espírito molde nosso caráter à imagem de Cristo?
- ◆ Como a presença de Cristo em nós pode se tornar visível ao mundo, nas atitudes, nas palavras e no amor próprio?

5. DESAFIO PRÁTICO

Durante esta semana, escolha uma área específica de sua vida em que você tem vivido “pela letra”, tentando agradar a Deus por esforço próprio. Ore pedindo ao Espírito Santo que transforme essa área de dentro para fora, produzindo obediência motivada pelo amor e não pela obrigação.

1. APRESENTAÇÃO

A **2ª Carta aos Coríntios** é uma das cartas mais pessoais que o apóstolo Paulo escreveu. Muito provavelmente, por causa do seu vínculo emocional com a igreja em Corinto. Ele havia fundado essa igreja. Passou um ano e meio ministrando para ela. E, quando saiu para fazer as suas viagens, recebeu notícias de que havia surgido graves problemas nessa igreja. Depois de várias intervenções do apóstolo, entre visitas e envios de outras cartas, aparentemente a situação estava apaziguada. O apóstolo, então, escreve essa epístola para encorajar os crentes dali na fé e nas doutrinas, restaurar os relacionamentos e reafirmar o seu ministério apostólico.

O Apóstolo Paulo continua, neste capítulo, a fazer a defesa da credibilidade do seu ministério, que ele começa no **Capítulo 3**. Com a expressão “*não desfalecemos*” (v.1), ele mostra que, apesar dos retrocessos e fracassos que encontrava ao longo do seu ministério, não desistia da esperança, quando lembrava do poder transformador do ministério da nova aliança em Cristo Jesus. Do mesmo modo, a maneira que encaramos o ministério, que é a manifestação do nosso relacionamento com Cristo, ajuda a determinar a forma de realizá-lo, como um privilégio ou um fardo. Paulo mantinha um olhar positivo, mesmo quando passava por provações na Ásia, que o levaram à beira do desespero (**2Co 1.8**). Para isso, ele não apontava para si mesmo, para a sua sabedoria ou força, como fonte do seu ministério, mas sim para Cristo ressurreto.

Ao afirmar: “*porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus...*” (v.5), Paulo tem o cuidado de mostrar a diferença entre o ministério apostólico que recebeu do Senhor Jesus e os ministérios dos judaizantes (líderes que pregavam o retorno a Lei mosaica como instrumento de salvação), que tinham como hábito exaltar a si mesmos. Os judaizantes não queriam sofrer pelo ministério. Em vez de ganhar almas para Cristo, queriam roubar convertidos das igrejas. O apóstolo se apresenta como servo, alguém que aponta para a luz. É interessante o uso do elemento “luz” como instrumento para apreender conhecimento da Glória de Deus, que vem a ser o mistério que estava oculto à humanidade, que é a Pessoa e a obra de Cristo (**CI 1.26-27**). O próprio apóstolo havia passado por essa experiência, ao encontrar Cristo numa aparição luminosa intensa no caminho de Damasco (**At 9.3-6**).

Declarando: “*temos, porém, este tesouro em vasos de barro...*” (v.7), Paulo mostra que nenhum cristão deve se queixar da presença ou ausência de talentos, dons ou experiências, ou de possuir alguma limitação. O nosso valor não está no tipo de recipiente (como o vaso de barro nessa passagem), mas sim no conteúdo do vaso. A palavra usada em grego aqui significa “argila cozida”, normalmente usada como referência a potes de barro, baratos e substituíveis, encontrados nas casas da época. Algumas vezes, serviam para guardar objetos de valor

(suprimentos, documentos, dinheiro), porém também eram utilizados para recolher lixos e dejetos humanos. Portanto, é preciso concentrar-se no tesouro, não no vaso.

A expressão “*em tudo...*” (**v.8-10**) faz uma ligação entre o vaso/tesouro do versículo anterior e a lista de sofrimentos, e é de uma riqueza espiritual imensa. Aqui, essas metáforas que expressam parte dos sofrimentos encontradas pelo apóstolo por causa da pregação do Evangelho revelam tanto a humanidade do homem Paulo, sujeito a passar por problemas e tribulações como qualquer um, como também a fé do servo Paulo. Ele percebe o uso que Deus faz dos sofrimentos, para revelar a fraqueza e inequação humana, bem como a glória do seu bendito Nome, em nos livrar dos sofrimentos ou passar junto conosco por eles (**2Co 12.9-10**). Se sofremos, é para a Glória de Deus. Se passamos por tribulações, é por amor a Jesus. Se somos consolados e fortalecidos, também é para a Glória de Deus. O pregador britânico do século 19, Henry Jowett, disse certa vez: “*O ministério que nada custa, nada realiza*”. As marcas validam o ministério mais do que as medalhas!

Paulo parece ter em mente o **Salmo 116 (2Co 4.13)** ao reafirmar a dependência, confiança e gratidão do servo de Deus em relação às circunstâncias da vida, já que este salmo é uma exuberante expressão de ações de graças ao Senhor: “*o que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?*” (**Sl 116.12**). Por ter livrado o salmista da morte – “*laços da morte me cercaram e angústias do inferno se apoderaram de mim*” (**Sl 116.3**) – o apóstolo permanece firme às suas convicções, independentemente do custo, não alterando a mensagem apenas para agradar a seus ouvintes.

“*Por isso, não desanimamos...*” (**v.16-17**). Quando vivemos pela fé em Cristo, adquirimos uma perspectiva correta do sofrimento. O apóstolo, mesmo sofrendo a passagem do tempo e das marcas das tribulações, “*mesmo que o nosso homem exterior se corrompa*” (**v.16**), não se permite perder de vista o foco da sua vida, que será consumada na eternidade. A palavra em grego para “*leve*” (**v.17**) refere-se a “algo que não pesa, uma coisa à toa”, contrastando com a palavra “*tribulação*” que traz em si a noção de “uma pressão intensa”. Assim, para Paulo, a glória futura que ele viria experimentar com o seu Senhor tem o poder de transformar qualquer tribulação, pressão intensa, em algo leve; uma coisa à toa, algo sem peso.

Por fim, ao afirmar, “*não atentando nós nas coisas que se veem...*” (**v.18**), Paulo conclui, de forma sublime, que as coisas que se veem, isto é, esta realidade terrena, são temporárias. Na verdade, se vissemos como Deus quer, jamais nos sentiríamos atraídos pelo mundo e pelo que ele oferece. Apenas as coisas eternas da vida, isto é, o mundo espiritual, permanecem. Mas não devemos levar essa verdade a extremos e pensar que o “mundo material” e o “mundo espiritual” são antagônicos. Quando usamos as coisas desse mundo físico de acordo com a vontade de Deus, Ele as transforma em espirituais. Valorizamos as coisas materiais porque podem ser usadas para promover as coisas espirituais, não por aquilo que são em si mesmas.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 2 Coríntios 4

Ter Salmos 116

Qua: Romanos 8

Qui: Colossenses 3

Sex: Filipenses 4

Sáb: 1 Pedro 1

2. ATIVIDADES

Transcreva, abaixo, os versículos **2Co 4.16-17** numa versão diferente da que normalmente você usa.

3. APLICAÇÕES

A nossa vida, a partir do momento em que nos rendemos ao senhorio de Cristo, não pertence mais a nós mesmos. Por isso, o nosso desejo durante o nosso dia a dia deve ser: como posso anunciar a Cristo neste lugar, com essa atividade, com esse pensamento e com esse relacionamento?

Sabemos que esse mundo “*jaz no maligno*” (**1Jo 5.19**) e por isso agirá muitas vezes de forma injusta, principalmente com os filhos de Deus. E também sabemos que passaremos por sofrimentos, causados pelos nossos pecados ou pecados de outras pessoas. Ou simplesmente teremos sofrimentos apenas porque estamos vivos. Independentemente da origem ou da forma, as nossas tribulações e os nossos sofrimentos, pela fé, podem ser transformados em sementes que irão frutificar frutos que glorificam o nome do Nosso Senhor e Salvador Jesus.

A aplicação da ilustração “*tesouro em vaso de barro*” (**2Co 4.7**) é que não podemos perder o foco da nossa vida que adquirimos na nova aliança através do sangue de Cristo. Algumas vezes, as atividades do cotidiano, os desejos desse mundo, os sofrimentos da vida e as pressões externas e internas nos prendem e nos embarçam (**Hb 12.1-2**), levando-nos a não darmos o devido valor ao tesouro que recebemos: Cristo vivendo na gente (**CI 1.27**). Como consequência, também recebemos uma nova identidade e o propósito de glorificar ao supremo Deus criador e sustentador do universo. Devemos sempre trazer à memória que a nossa realidade foi ampliada, que o mundo espiritual foi aberto para nós pelo novo e vivo caminho (**Hb 10.20**) e que o tempo que estamos vivendo aqui funciona como uma semente que iremos colher na eternidade.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você já passou por algum momento na sua vida espiritual de desânimo? Como você superou essa situação?
- ◆ Cite exemplos de como o sofrimento do cristão pode glorificar e exaltar ao Senhor Jesus?
- ◆ Depois do estudo dessa lição e a da leitura de 2 Coríntios 4, que lições você pode tirar para a sua vida?

5. DESAFIO PRÁTICO

Com base nas reflexões do quadro acima, compartilhe suas considerações com alguém ainda nesta semana.

[illegible]

1. APRESENTAÇÃO

No **capítulo 5**, o apóstolo Paulo, em meio a uma defesa de seu ministério, apresenta a mensagem central que o move: a reconciliação do ser humano com Deus por meio de Jesus Cristo. Reconciliação é o processo pelo qual inimigos são transformados em amigos e relacionamentos quebrados são restaurados. Em **2Co 5**, Paulo demonstra que esta não é apenas uma doutrina, mas uma realidade transformadora que redefine nossa perspectiva eterna, nossa identidade presente e nossa missão futura.

Paulo inicia sua argumentação estabelecendo a perspectiva eterna que sustenta o crente. Por meio de metáforas, ele compara nosso corpo terreno (frágil, mortal e temporário) com um “tabernáculo terrestre” (**v. 1**). O apóstolo Pedro usou essa mesma imagem para descrever sua vida terrena (**2Pe 1.13-14**). Em contraste, Paulo nos assegura que temos da parte de Deus um “edifício”, uma “*casa não feita por mãos, eterna, nos céus*”, ecoando a promessa de Jesus de “muitas moradas” (**Jo 14.2**) e o conceito de um santuário celestial superior (**Hb 9.11**). Essa certeza da ressurreição não nos torna indiferentes ao presente; pelo contrário. Paulo admite que “gememos” (**v. 2**). Esse gemido não é de desespero, mas de santa expectativa, a mesma tensão que ele descreve em **Rm 8.23**, onde “*gememos em nosso íntimo, aguardando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo*”. Enquanto estamos “em casa” no corpo, estamos “ausentes” do Senhor (**v. 6**).

Para viver nessa tensão, Paulo nos dá duas chaves. Primeiro, não somos deixados sozinhos nessa espera, pois Deus nos deu o “penhor do Espírito Santo” (**v. 5**). O Espírito é a garantia, o “sinal” ou o “pagamento inicial” que assegura a transação completa da nossa redenção, um conceito que Paulo também ensina em **Ef 1.13-14**. Segundo, a consequência lógica dessa esperança é que “*andamos por fé, e não por vista*” (**v. 7**), um princípio que define a vida cristã como uma confiança na realidade invisível descrita em **Hb 11.1**. Essa esperança, contudo, não leva à passividade, mas à responsabilidade, pois Paulo lembra que “*todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo*” (**v. 10**), não para julgamento de condenação, mas para avaliação das obras, como ele também detalha em **Rm 14.10-12**. Sabemos que nenhum ser humano será justificado pelas obras, mas as obras dos crentes serão avaliadas por Deus e Ele recompensará cada um pelo que edificou (**1Co 3.10-15**).

Sabendo que um dia prestará contas, Paulo transita para o que o motiva no presente. A partir do “temor do Senhor” (**v. 11**), ele revela o que o constrange (**v. 14**). O que domina Paulo não é o medo do homem, mas o amor de Cristo. Esse amor é definido pela lógica da substituição: “*Um morreu por todos, logo todos morreram*” (**v. 14**). Em Cristo, nossa velha vida foi legalmente crucificada, um conceito central que Paulo explora profundamente em **Rm 6.6-8**; e se morremos com Ele, agora vivemos para Ele (**v. 15**).

Isso nos leva ao clímax da transformação pessoal no **v. 17**: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. Ser nova criatura não é ser uma versão melhorada de si mesmo; é uma recriação radical, onde, como Paulo diz em **Gl 6.15**, o que importa é “ser uma nova criação”. Como resultado, Paulo afirma que “a ninguém mais conhecemos segundo a carne” (**v. 16**). Deixamos de avaliar as pessoas por padrões humanos e passamos a vê-las pela ótica da eternidade: ou estão em Cristo, ou precisam ser reconciliados com Ele.

Se o **v. 17** nos diz o que somos, os versículos seguintes (**v. 18-21**) nos dizem por que somos. A reconciliação tem uma iniciativa divina. “Tudo isto provém de Deus” (**v. 18**), reforçando que a salvação é pela graça, não por obras (**Ef 2.8-9**). O meio dessa reconciliação é claro: Deus estava “em Cristo reconciliando consigo o mundo” (**v. 19**) e a base para essa paz é que Ele decidiu “não lhes imputando os seus pecados”. Nossos pecados não são mais lançados em nossa conta, cumprindo a bem-aventurança do **Sl 32.1**, citada por Paulo em **Rm 4.8**: “Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado”. Por causa disso, Deus “pôs em nós a palavra da reconciliação” (**v. 19**). Isso nos torna mensageiros, ou, como diz Paulo, “embaixadores da parte de Cristo” (**v. 20**), encarregados de proclamar o evangelho (**Rm 1.16**).

Mas como Deus pode não imputar pecados sem violar Sua própria justiça? Paulo encerra o capítulo com a declaração mais profunda do Evangelho, conhecida como “a grande troca”. No **v. 21**, ele explica: “Àquele que não conheceu pecado [Cristo], o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.” Cristo, o cordeiro sem mancha (**1Pe 1.19**), tomou sobre si a nossa iniquidade (**Is 53.6**) e “se fez maldição por nós” (**Gl 3.13**). Em troca, recebemos a justiça perfeita de Cristo, não uma justiça própria, mas “a justiça que vem de Deus pela fé” (**Fp 3.9**). O texto de **2Co 5**, portanto, nos leva da nossa fragilidade presente à nossa glória futura, nos impulsiona pelo amor de Cristo e nos comissiona com a missão da reconciliação, tudo fundamentado na substituição radical da cruz.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 14.13-21

Ter: Gálatas 5.13-15

Qua: Filipenses 2.3-5

Qui: Mateus 18.6-7

Sex: Colossenses 3.5

Sáb: 1 João 5.21

2. ATIVIDADES

Baseado em **2 Coríntios 5:18-21**, explique com suas palavras o que é o “ministério da reconciliação” e qual o papel fundamental da “grande troca” (descrita no **versículo 21**) para que essa reconciliação entre Deus e os pecadores seja justa e possível?

Como a esperança da ressurreição e a perspectiva da eternidade

(descritas **nos versículos 1-10**, incluindo o "tribunal de Cristo") motivam a transformação radical do crente em uma "nova criatura" (v. 17) e o comissionam a viver como um "embaixador" (v. 20)?

3. APLICAÇÕES

O ministério da reconciliação revela o propósito central da vida e da morte de Jesus Cristo. Por meio de Sua obra, você ganhou uma nova forma de enxergar a existência terrena, sabendo que a morte não é o fim, mas a porta para a eternidade. Vivemos com esperança, aguardando o dia em que seremos revestidos da habitação celestial, "não construída por mãos humanas" (v.1).

O amor de Cristo é o que deve te motivar e constranger (v. 14). Quando você compreende a profundidade desse amor, servir a Deus com gratidão e dedicação se torna uma resposta natural. A vida cristã não é movida por medo, mas por amor e gratidão àquele que se entregou por nós.

A reconciliação também deve te chamar à santidade. Como nova criatura em Cristo (v. 17), você é convidado a revisitar diariamente seu modo de viver, buscando refletir o caráter de Jesus em suas atitudes.

Por fim, a reconciliação te conduz à missão. Você foi feito embaixador de Cristo (v. 20), representante do Reino em um mundo que ainda precisa da salvação. Cumprir o "ide" de Jesus (Mt 28.19-20) é exercer na prática o papel de quem leva o apelo de Deus aos perdidos: "*como se Deus exortasse por nosso intermédio*" (v. 20).

Ser embaixador é viver e anunciar, com palavras e ações, a mensagem que reconciliou o mundo com Deus.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ Paulo afirma que "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". Em quais áreas específicas da sua vida (mentalidade, relacionamentos, prioridades, vícios) você tem visto essa transformação de forma concreta? E em quais áreas você ainda se vê preso às "coisas velhas", e como a certeza da reconciliação pode impulsionar uma mudança genuína nesses pontos?

◆ Um embaixador fala em nome do seu soberano e não segundo sua própria opinião. Ao pensar em suas interações diárias (online e presenciais), sua "mensagem" tem refletido o "rogo" de Deus para que as pessoas se reconciliem com Ele? Ou você tem receio de assumir esse papel? O que, na prática, significa ser um "embaixador de Cristo" no seu trabalho, na sua família e no seu círculo de amigos?

◆ Paulo diz que "o amor de Cristo nos constrange", julgando que se Ele morreu por todos, devemos deixar de viver para nós mesmos e passar a viver para Ele. Quão "constrangido" (impelido, motivado, controlado) você se sente por esse amor? Avalie suas motivações: Você mais obedece a Deus por "temor" do julgamento (v. 11) ou pela gratidão avassaladora do Seu sacrifício (v. 21)?

5. DESAFIO PRÁTICO

Nesta semana, identifique uma pessoa específica em seu círculo de influência que você sabe que está afastada de Deus. Ore por essa pessoa nominalmente todos os dias, pedindo que o Espírito Santo prepare o coração dela. Então, busque ativamente uma oportunidade — seja através de um ato de serviço que demonstre o amor de Cristo (v. 14), ou de uma conversa corajosa — para "rogar" em nome de Deus, compartilhando a boa notícia de que, através da "grande troca" (v. 21), a paz com Deus é possível e está disponível.

1. APRESENTAÇÃO

Esses textos revelam uma face muito humana e, ao mesmo tempo, muito espiritual do apóstolo Paulo. Ele escreve em um contexto de tensão, quando sua autoridade estava sendo questionada por opositores e falsos mestres. A igreja de Corinto, cercada por influências pagãs e valores mundanos, oscilava entre a fidelidade ao Evangelho e o apelo da cultura local. Paulo amava essa igreja que ele mesmo fundou, e, nesse cenário, se apresenta não apenas como pregador, mas como alguém que vive o que anuncia. Ele reforça que seu ministério não se apoia em *status*, poder ou retórica, mas em caráter, sofrimento e santidade.

Logo no início, ele lembra aos coríntios que eles são cooperadores de Deus (6.1-2) e cita **Is 49.8** para afirmar que o “tempo favorável” chegou em Cristo. A graça que receberam não deveria ser recebida em vão, mas traduzida em vida coerente com o evangelho. Paulo deixa claro que sua autoridade vem de Deus, e que seu papel é o de um embaixador, como um porta-voz do próprio Cristo. Com firmeza e humildade, ele declara não ter dado motivo de escândalo, para que seu ministério fosse desacreditado.

A coerência entre palavra e conduta é, para Paulo, a maior defesa de um servo de Deus. Para comprovar isso, ele apresenta uma extensa lista de sofrimentos e virtudes. Assim como os filósofos da época usavam suas provações para legitimar suas ideias, o apóstolo mostra que seus sofrimentos testificam a autenticidade do Evangelho que prega. Ele cita tribulações, prisões, trabalhos, jejuns, vigílias e exaustão, mas também pureza, paciência, amor e poder espiritual. O Evangelho, em sua lógica divina, transforma fraqueza em força e dor em testemunho. Essa passagem faz parte da defesa de Paulo sobre sua integridade e missão. Ele não apenas descreve as dificuldades externas, mas também revela sua maturidade interior, desenvolvida em meio às adversidades.

No **capítulo 7**, Paulo mostra sua vulnerabilidade e seu coração pastoral. Ele recorda a “carta severa” enviada anteriormente e confessa sua ansiedade até receber notícias de Tito sobre o arrependimento da igreja (v. 6-7). Perceba que até um homem maduro na fé e cheio do Espírito Santo, como Paulo, também passa por aflições humanas, mostrando-nos que enfrentar medo e angústia não é falta de fé, mas parte da condição humana. Paz perfeita só teremos na glória dos céus. Mas, enquanto estivermos aqui, o consolo do Espírito e a esperança em Cristo nos sustentam.

A alegria de Paulo (v. 9) não é apenas pelo consolo pessoal, mas pela transformação dos coríntios. Apesar de tudo o que sofreu com eles, Paulo continua demonstrando amor e preocupação, buscando a reconciliação e não guardando ressentimentos. Um verdadeiro exemplo de amor cristão. A tristeza que os coríntios sentiram foi boa, pois gerou arrependimento

sincero e frutos espirituais (v. 11). Percebemos no relato que nem toda tristeza é negativa. Há uma dor santa que leva à restauração.

Paulo também reforça o chamado à santidade. Vivendo em um ambiente moralmente corrompido, os crentes de Corinto precisavam compreender que a santificação é um processo contínuo. Como templo de Deus, deveriam purificar-se de toda impureza e viver de modo separado para o Senhor (v. 1).

Os capítulos 6 e 7 de 2 Coríntios revelam o retrato de um ministério autêntico, marcado por renúncia, coerência, amor e disciplina. Paulo ensina que o verdadeiro ministro não mede sucesso pelo reconhecimento humano, mas pela fidelidade a Deus em meio às pressões. O Evangelho que ele prega é o mesmo que ele vive. Um evangelho de cruz, de verdade e de perseverança.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 5.1-5

Ter: 1 Pedro 1.14-16

Qua: 1 Timóteo 4.11-16

Qui: Colossenses 3.12-14

Sex: Hebreus 12.5-11

Sáb: Isaías 40.28-31

2. ATIVIDADES

Marque V para verdadeiro ou F para falso, nas afirmações abaixo:

() Paulo escreveu 2 Coríntios em um momento de tranquilidade com a igreja.

() O ministério cristão envolve tanto sofrimento quanto alegria.

() Paulo afirmava que sua autoridade vinha de si mesmo e não de Deus.

() A santificação é um processo contínuo que deve ser buscado diariamente.

() O arrependimento verdadeiro produz mudança de atitudes.

() Ser corrigido espiritualmente é um ato de amor de Deus e um

sinal de cuidado.

() Paulo guardou mágoa dos coríntios por terem o criticado.

3. APLICAÇÕES

A vida cristã não é livre de sofrimento, mas é cheia de significado, porque até nas tribulações há consolo e propósito. Você não pode deixar que as lutas o façam desistir. Paulo enfrentou rejeição, solidão e medo, mas permaneceu firme. Ele entendeu que a fé verdadeira não elimina as aflições; ela lhe dá forças para atravessá-las com esperança.

Viver para Deus exige coerência. O seu ministério precisa ser acompanhado de integridade, de amor e de compromisso com a verdade. O Evangelho não se sustenta em aparência, mas em caráter. Cuide mais da sua vida diante de Deus do que da sua imagem diante das pessoas. A santidade é um processo diário; não é perfeição instantânea. É

crescimento constante. Escolha, todos os dias, ser alguém limpo de coração e verdadeiro nas intenções.

A correção faz parte desse processo. Às vezes dói, mas é necessária. Ser corrigido por Deus ou por líderes espirituais é um presente, não uma ofensa. A correção nos tira do erro e nos conduz a um relacionamento mais profundo com o Senhor. O arrependimento verdadeiro sempre traz mudança de atitude. Por isso, quando for confrontado, não endureça o coração, deixe que a dor se transforme em maturidade.

E, se um dia você se decepcionar com pessoas no ministério, não carregue mágoas. Quantos líderes desanimam porque guardam feridas que nunca trataram! Faça diferente: perdoe, recomece, escolha reconciliar. Foi o que Paulo fez com os coríntios. Mesmo ferido, ele buscou restaurar os laços e se alegrou quando soube da mudança deles. Deus continua usando pessoas e momentos certos, como usou Tito, para renovar a esperança e alegrar o coração aflito.

O ministério é feito de renúncia, mas também de recompensas. Então, siga firme. Viva com integridade, mantenha o coração puro e o espírito ensinável.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Como você tem lidado com as dificuldades e frustrações do serviço cristão? Você tende a desanimar ou ver nelas uma oportunidade de amadurecimento espiritual?
- ◆ Como você reage quando é confrontado ou corrigido espiritualmente? Enxerga a correção como um ataque pessoal ou como um ato de amor que gera crescimento?
- ◆ Em quais momentos da sua caminhada você percebeu Deus usando pessoas ou circunstâncias, como Tito, para renovar suas forças e te consolar?
- ◆ O que o exemplo de Paulo te ensina sobre perseverança e amor pastoral, mesmo diante da rejeição ou das críticas?

5. DESAFIO PRÁTICO

Nesta semana, escolha uma área da sua vida em que você precisa viver com mais integridade e coerência espiritual. Ore e peça que o Espírito Santo te mostre atitudes, palavras ou relacionamentos que precisam ser ajustados.

1. APRESENTAÇÃO

A generosidade cristã é um reflexo do caráter de Cristo, que “*sendo rico, se fez pobre por amor de nós*” (2Co 8.9). Nos **capítulos 8 e 9** da segunda carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo trata com profundidade de um tema que vai além da simples doação material: ele fala de um princípio espiritual que sustenta a comunhão entre os santos e edifica a Igreja. A oferta levantada pelos crentes da Macedônia e de Corinto, em favor dos necessitados da Judeia, se torna uma poderosa demonstração da graça de Deus atuando por meio da generosidade. Paulo não apenas orienta sobre a importância da contribuição, mas revela como o ato de ofertar, quando feito com amor e disposição sincera, glorifica a Deus, abençoa quem recebe e edifica quem dá.

Nos primeiros versículos do **capítulo 8**, Paulo destaca o exemplo das igrejas da Macedônia que, mesmo em meio a “*muita prova de tribulação*” e “*profunda pobreza*”, transbordaram em generosidade (2Co 8.2). Essa atitude contrasta com a lógica humana de reter em tempos de escassez. A generosidade dos macedônios não foi movida pela abundância, mas pela graça, um favor divino que opera no coração transformado. Eles suplicaram a oportunidade de participar da coleta, revelando que dar não era um fardo, mas um privilégio. Assim, Paulo apresenta o modelo de doação cristã como algo voluntário, sacrificial e cheio de alegria, mostrando que o verdadeiro doador é aquele que primeiro se entrega ao Senhor. Quando a graça do Senhor é verdadeiramente experimentada, haverá, nas vidas das pessoas, evidências de amor e generosidade similares (Mt 10.8).

Em seguida, o apóstolo se dirige aos coríntios com o propósito de reavivar o mesmo espírito de generosidade que eles haviam demonstrado anteriormente. A comunidade de Corinto, conhecida por seus dons espirituais, precisava ser igualmente abundante na graça de contribuir (2Co 8.7). Paulo os exorta a completar a coleta prometida, não por imposição, mas para que a sinceridade do amor deles se tornasse evidente (v. 8). O exemplo de Cristo é, então, colocado como fundamento: Ele, sendo o Senhor da glória, esvaziou-se por amor, tornando-se o maior exemplo de abnegação. Assim, a generosidade cristã tem como base o Evangelho; não é mera filantropia, mas expressão prática do amor redentor.

O apóstolo também ressalta o princípio do equilíbrio e da justiça nas contribuições. Ele ensina que ninguém deve dar além de suas possibilidades, mas segundo aquilo que tem (2Co 8.12). O propósito não é criar desigualdade, mas promover comunhão e mutualidade dentro do corpo de Cristo: “*para que haja igualdade*” (v. 14). A ajuda aos necessitados em Jerusalém não era apenas uma resposta a uma carência momentânea, mas uma oportunidade de fortalecer os laços de unidade entre as igrejas gentílicas e a igreja-mãe. Dessa forma, Paulo mostra que a

generosidade é também um instrumento de edificação comunitária e reconciliação entre povos e culturas distintas.

No **capítulo 9**, o apóstolo aprofunda o tema com um tom pastoral e encorajador. Ele reconhece a disposição dos coríntios e, ao mesmo tempo, adverte que a contribuição deve ser feita com preparo e prontidão, não de forma improvisada ou constrangida (**2Co 9.5**). Paulo introduz, então, um importante princípio sobre a oferta: “*Quem semeia pouco, pouco também colherá; e quem semeia com fartura, com fartura também colherá*” (v. 6). Esse versículo não se refere a uma troca material, mas a uma lei espiritual: a generosidade gera bênção, não apenas para quem recebe, mas também para quem doa. Deus ama o que dá com alegria, e essa alegria é sinal da graça divina atuando no coração humano.

Outro aspecto relevante é que Paulo apresenta Deus como o verdadeiro supridor e multiplicador de toda semente (**2Co 9.10-11**). A generosidade não nasce da autoconfiança, mas da fé em um Deus que é poderoso para “*fazer abundar toda graça*” sobre seus filhos. Quando o cristão compreende que é apenas um administrador do que pertence ao Senhor, o ato de dar se transforma em um ato de adoração. A abundância, nesse contexto, não significa luxo ou acúmulo, mas suficiência para toda boa obra. É uma prosperidade que serve ao propósito da edificação do Reino e do socorro aos necessitados.

Por fim, Paulo encerra esse ensino mostrando que a generosidade produz frutos espirituais que ultrapassam a dimensão financeira. As ofertas resultam em ações de graças a Deus (**2Co 9.12**), fortalecem a comunhão entre os crentes e testemunham a fidelidade do Evangelho. Os irmãos da Judeia glorificariam a Deus ao verem a obediência e o amor dos gentios convertidos, e isso traria unidade e louvor à igreja de Cristo. A generosidade, portanto, é um elo que une os santos e revela o caráter de Deus ao mundo. Dar com amor é servir, é edificar, é participar da obra divina que transforma corações.

A mensagem de **2 Coríntios 8 e 9** permanece atual e desafiadora. Em uma sociedade marcada pelo individualismo e pela busca incessante por bens materiais, o chamado à generosidade cristã nos convida a viver de forma diferente dos padrões deste mundo, com mãos abertas e coração disposto. A generosidade que edifica não se limita à oferta financeira, mas se expressa em tempo, atenção, cuidado e serviço ao próximo. É um estilo de vida moldado pela cruz, onde aprendemos que o amor se manifesta não apenas em palavras, mas em atos concretos de entrega. Assim, cada gesto generoso se torna um tijolo espiritual na edificação do corpo de Cristo.

2. ATIVIDADES



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Atos 20.35

Ter: Marcos 12.41-44

Qua: Lucas 10.30-37

Qui: Provérbios 11.24-25

Sex: Atos 4.32-35

Sáb: 1 Timóteo 6.17-19

C	L	B	W	O	B	F	S	F	C	G	H	M	V
R	C	Q	G	F	X	R	W	A	O	E	A	E	R
I	A	M	C	E	A	M	J	J	M	N	S	O	M
S	T	V	J	R	D	F	V	A	P	E	E	U	X
T	M	U	N	T	F	X	J	L	A	R	M	J	X
O	P	Z	N	A	B	V	W	E	R	O	E	W	Y
O	S	F	U	I	B	L	M	G	T	S	A	B	W
G	A	M	O	R	D	Q	T	R	I	I	D	G	L
U	I	P	H	E	D	A	M	I	L	D	U	D	M
X	U	G	E	Z	Z	S	D	A	H	A	R	Z	R
N	Y	C	M	L	V	M	I	E	A	D	A	Y	P
P	G	R	A	Ç	A	Z	Q	Y	R	E	H	B	Z
I	X	A	B	C	O	M	U	N	H	Ã	O	Z	R
S	B	Q	M	Q	B	O	M	Z	T	G	G	Q	Z

Palavras a encontrar: Generosidade, Alegria, Amor, Comunhão, Cristo, Graça, Oferta, Compartilhar, Unidade, Semeadura

3. APLICAÇÕES

A generosidade cristã nasce da graça e não da abundância. As igrejas da Macedônia mostraram que a verdadeira oferta vem de um coração transformado e não de muitos recursos disponíveis (**2Co 8.1-3**). Mesmo em meio à pobreza, eles contribuíram com alegria, movidos pela graça de Deus. Essa atitude ecoa o ensino de Jesus, que valorizou a oferta da viúva pobre mais do que as grandes quantias dos ricos (**Mc 12.41-44**). O princípio é claro: Deus não olha o valor doado, mas o coração que doa. Assim, o crente entende que dar é um ato de fé e gratidão, uma resposta amorosa à bondade do Senhor, que supre todas as necessidades (**Fp 4.19**).

Além disso, a generosidade é uma forma de adoração e uma prova prática do amor cristão. Paulo exorta os coríntios a demonstrarem a sinceridade do seu amor através da contribuição (**2Co 8.8**), lembrando que Cristo “*sendo rico, se fez pobre*” (**2Co 8.9**). Dar, portanto, é imitar o próprio Jesus, que se entregou completamente por nós (**Ef 5.2**). A generosidade nos liberta do egoísmo e fortalece a comunhão entre os irmãos, promovendo igualdade e solidariedade (**2Co 8.13-14**). Esse princípio de partilha tem raízes na vida da igreja primitiva, onde “*ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía*” e “*não havia entre eles necessitado algum*” (**At 4.32-35**). Assim, a oferta não é mera ajuda material, mas expressão do amor fraternal que edifica o corpo de Cristo.

Por fim, a generosidade produz frutos espirituais e glorifica a Deus. Paulo ensina que “*quem semeia pouco, pouco também colherá*” (**2Co 9.6**), e essa colheita não se resume a bens

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Como você percebe a diferença entre dar por obrigação e dar por amor e gratidão a Deus?
- ◆ De que maneira a generosidade pode fortalecer a comunhão na família, na igreja ou na comunidade?
- ◆ Qual é o maior desafio para você em viver uma vida generosa, e como você pode superá-lo à luz da Palavra? Identifique barreiras, como medo, falta de tempo ou recursos, e pense em ações concretas para permitir que a generosidade flua como fruto da graça de Deus.

[illegible]

1. APRESENTAÇÃO

Muitos eruditos acreditam que os **Capítulos de 10 a 13** de **2 Coríntios** fazem parte da “carta severa” mencionada nas passagens de **2Co 2.3-4** e **2Co 7.8**, mas não há como ter certeza sobre isso. Especificamente, no capítulo 10, Paulo faz uma defesa da sua autoridade como apóstolo. Autoridade concedida não por homens, mas outorgada pelo próprio Cristo (**At 9.16**).

É importante lembrar que os apóstolos são aqueles enviados por Jesus para uma missão (a palavra “apóstolo” significa “enviado”). Jesus comissionou doze homens para este ministério. Homens que andaram com o Senhor, que foram instruídos a espalharem as boas novas e o senhorio de Jesus, isto é, a grande comissão (**Mt 28.18-20**, **Mc 16.15-18**, **Lc 24.44-49**).

O termo “apóstolo” refere-se a uma pessoa com uma posição específica dentro da estrutura da igreja. São os embaixadores que atuam com autoridade e liderança. Em **1Co 12.12-31**, vemos a estrutura da igreja como um organismo vivo, como um corpo com membros distintos, mas cada um interligado em um único corpo, cujo cabeça é Jesus Cristo. Cada um atuando com habilidades específicas (dons) dadas por Deus.

Vemos isso claramente na parábola dos talentos, descrita em **Mt 25.14-30** e **Lc 19.11-27**. Cada servo agiu de forma diferenciada, quanto à aplicação dos talentos. Isto nos mostra uma visão de Reino.

Os apóstolos foram figuras únicas na vida da igreja, pois eles foram usados por Deus para estabelecer as doutrinas que ficaram registradas na Bíblia (**At 2.42** e **Ef 2.20**). Por isso, como não temos novas doutrinas hoje, não existem novos apóstolos. Foram apóstolos somente os doze escolhidos inicialmente, mais Matias (que substituiu Judas) e Paulo. Ninguém, além desses, foi chamado de “apóstolo”. Não houve outros apóstolos além desses. Não existem apóstolos hoje, por mais que alguns assim se intitulem.

Em sua argumentação, Paulo mostra a diferença entre os padrões humanos (de aparência exterior) e os padrões estabelecidos por Deus, que devem ser observados, se alguém tem a convicção de ser de Cristo.

A sua autoridade apostólica, aqui relatada, é para a edificação e não para intimidar os irmãos da igreja que estava em Corinto (**v. 9**). O apóstolo não buscou glória para si, mas gloriou-se em Deus (**v. 17**).

Seu ministério apostólico estava alicerçado no Evangelho de Jesus Cristo, na esperança do crescimento da fé dos coríntios e no trabalho de cada um para anunciar o Evangelho (**vs. 15-16**), sendo Paulo chamado pelo próprio Cristo para o ministério apostólico.

Paulo apresenta a sua defesa contra falsas acusações no que se refere à sua presença entre os coríntios. Segundo alguns, quando ausente, Paulo escrevia com ousadia, mas sua presença era desprezível.

Paulo também combate a acusação falsa de que andava segundo a carne. Seus detratores, que provavelmente não eram de Corinto, mas pregadores itinerantes, buscavam apoio para si em detrimento da imagem de outros, e provavelmente tinham conhecimento dos escritos de Paulo, não somente os direcionados aos coríntios, mas também a outras igrejas.

Essa atitude era movida meramente por ciúmes de um homem que quase chegou a persuadir o rei Agripa a tornar-se cristão. Diziam eles ser Paulo fraco e desprezível quando falava. Quando falam de andar segundo a carne, referem-se a Paulo quanto à sua maneira de pregar o Evangelho e de prover ele mesmo o seu sustento, em contraste com a prática de aceitação de hospitalidade como de direito, comumente defendida por alguns outros apóstolos que visitaram Corinto (v. 13).

Quanto à mansidão e à benignidade, o apóstolo procura apresentar em si mesmo as características do Mestre Jesus Cristo.

Em todas as cartas escritas por Paulo, encontraremos alguma admoestação do apóstolo, para a edificação e restauração da fé, de várias igrejas por onde ele passou, ora presente, ora por cartas.



**Textos relacionados
para leitura semanal**

Seg: Salmos 127.4

Ter: Colossenses 3:21-25

Qua: Efésios 6.1

Qui: 2 Samuel 13.21

Sex: Marcos 10.43-45

Sáb: Mateus 6.33

2. ATIVIDADES

Descreva com suas palavras, o que o apóstolo Paulo quis dizer no versículo 3 do capítulo 10. “Vivemos como seres humanos, mas não lutamos segundo os padrões do mundo”.

A quem o apóstolo atribui o êxito de seu ministério apostólico, as suas cartas, a sua eloquência?

3. APLICAÇÕES

Agora, conhecendo a importância e o papel de um apóstolo, fica mais fácil compreender o empenho de Jesus em escolher doze homens e capacitá-los para serem os novos emissários das boas novas. Os Evangelhos apresentam os sinais e prodígios de Jesus Cristo, o Messias, que não somente os comissionou, mas os capacitou com autoridade dada por Deus, a

realizarem os mesmos milagres que Jesus realizou, quando curava os enfermos, expulsava demônios e anunciava o Reino de Deus.

Hoje, somos chamados a sermos servos e a reconhecer o senhorio de Jesus Cristo sobre nossas vidas, em todos os sentidos. Temos em nossas mãos o manual de fé, regra e prática, para termos uma vida que esteja em conformidade com o exemplo deixado por Jesus Cristo. E muito mais, a presença do Espírito Santo nos conduzindo a cada dia. Ter em mãos um livro tão maravilhoso quanto a Bíblia, que descreve desde o princípio o amor que Deus teve para com a humanidade, é algo extraordinário.

Muitos gostariam de poder ter este mesmo privilégio, mas são impedidos por questões políticas e religiosas e até mesmo perseguições. Pessoas estão fugindo de seus países, por que um dia aceitaram a Jesus como salvador de suas vidas. Quando lemos as cartas de Paulo às igrejas, podemos ver o amor que o apóstolo nutria por cada uma delas. Cada uma com sua particularidade e problemas também. Por várias vezes, Paulo precisou ser enérgico com alguns irmãos e com algumas igrejas. Até duvidaram de seu ministério apostólico.

Como cristãos batistas, não temos apóstolos em nossas igrejas, como algumas denominações, mas temos pastores, homens que um dia aceitaram o chamado para o ministério Pastoral. A função pastoral é diferente da apostólica. No Novo Testamento, os oficiais da igreja são sempre chamados de bispos ou presbíteros. A palavra bispo significa “supervisor” e a palavra presbítero significa “ancião”. Esses termos são usados de forma intercambiável, não havendo diferença entre essas funções nas igrejas (**At 20.17,28**).

Nas igrejas batistas, convencionamos chamar essas funções unicamente de “pastores” (**Hb 13.7**), um termo associado a simplicidade dos que cuidam das ovelhas. Os pastores das igrejas cristãs cuidam das ovelhas de Cristo por meio ensinando e aconselhando as que precisam de orientação, advertindo as que estão andando por caminhos perigosos e restaurando e curando as que estão fracas, feridas ou enfermas.

As armas com as quais o cristão combate a batalha do Evangelho não são carnisais, até porque nossa luta não é contra a carne (pessoas), mas espirituais, como a Palavra, a oração, o amor etc. (**v. 3-4**). A igreja não deve basear sua atuação nos recursos humanos, sejam eles o conhecimento acadêmico, o dinheiro e os bens, as influências políticas etc. Algumas dessas coisas podem ser de algum auxílio em determinados momentos, mas devemos ter muito cuidado em nos apoiar nelas. As armas da igreja são dadas pelo Espírito Santo. A igreja não pode depender de recursos humanos para fazer sua obra.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você seria capaz de estabelecer um paralelo entre o ministério apostólico instituído por Jesus e o ministério pastoral atualmente?
- ◆ Você acha que precisamos ter apóstolos em nossas igrejas, ao invés de pastores?

5. DESAFIO PRÁTICO

Hoje em dia a maioria das igrejas, estão divididas em ministérios. Paulo assumiu seu ministério apostólico, principalmente entre os gentios. E você, já descobriu em qual ministério aplicar os seus dons e talentos para a proclamação do evangelho?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

1. APRESENTAÇÃO

No **capítulo 10** de **2 Coríntios**, Paulo inicia uma firme defesa de sua autoridade apostólica, não baseada em aparência ou eloquência, mas na submissão à obediência de Cristo. Ele demonstra que a verdadeira força espiritual não reside em métodos humanos, mas no poder de Deus que destrói sofismas e leva o pensamento cativo à verdade. Essa defesa, contudo, não termina ali, ela se aprofunda no próximo capítulo, onde Paulo revela a motivação ética e espiritual que sustenta seu ministério. Se, no capítulo anterior, ele demonstrou o fundamento teológico de sua autoridade, aqui, ele mostra o coração pastoral que o move: zelo santo pela pureza da igreja e indignação contra o engano dos falsos mestres.

Agora, Paulo apresenta uma defesa teológica e pastoral de seu ministério, motivada não por vaidade, mas por zelo santo e amor pela igreja de Corinto. Ele teme que os coríntios sejam enganados pelos falsos obreiros, assim como Eva foi enganada pela serpente (**v. 3; Gn 3.1-6**). Essa comparação revela que o engano espiritual repete o padrão do Éden: a substituição da verdade de Deus por uma aparência de sabedoria (**Rm 1.22,25**). O inimigo continua usando a sutileza para desviar o coração humano da fidelidade a Cristo, apresentando uma religiosidade adornada, mas desprovida de essência.

Paulo descreve esse perigo como o afastamento da simplicidade que há em Cristo (**v. 3**). A palavra “simplicidade”, aqui, indica pureza de coração, sinceridade e devoção (**Mt 5.8**). O apóstolo teme que os coríntios, fascinados por discursos eloquentes e supostos sinais de espiritualidade, percam a centralidade da cruz, o verdadeiro núcleo da fé cristã (**1Co 2.1-5**). A teologia paulina aqui é clara: o evangelho não precisa ser adornado com artifícios humanos, porque o poder de Deus se manifesta na fraqueza (**2Co 12.9**). Assim, a “simplicidade” não é ausência de profundidade, mas fidelidade à suficiência de Cristo (**Cl 2.8-10**).

A integridade ética de Paulo se destaca quando ele recorda que não explorou a igreja de Corinto. Ele deliberadamente abriu mão de direitos legítimos para não ser um peso à comunidade (**vs. 7-9, 1Co 9.12-18**). Seu sustento vinha de outras igrejas, especialmente das igrejas da Macedônia, que contribuíram para o avanço do evangelho (**Fp 4.15-16**). Esse gesto reflete a ética do serviço cristão: o verdadeiro ministro não busca lucro, mas o bem espiritual do rebanho (**At 20.33-35**). A atitude de Paulo é coerente com o exemplo de Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor aos outros (**2Co 8.9**). A teologia da cruz, portanto, molda também a moral do apóstolo: ele vive o evangelho que prega.

Ao contrário, os falsos apóstolos se apresentavam com aparência de piedade, mas suas intenções eram enganosas. Eles se disfarçavam como “ministros de justiça”, assim como Satanás se transfigura em anjo de luz (**vs. 13-15**). Essa advertência revela uma dimensão teológica profunda sobre o mal: o engano espiritual nem sempre se manifesta em formas

grosseiras, mas frequentemente em aparências de verdade (**Mt 7.15**). O inimigo se reveste de religiosidade para distorcer a graça e enfraquecer a fé (**2Ts 2.9-10**). Diante disso, Paulo ensina que o discernimento espiritual é indispensável à ética cristã. É preciso provar os espíritos para saber se procedem de Deus (**1Jo 4.1**).

O apóstolo encerra esse trecho reafirmando que seu ministério é marcado por sacrifício, sinceridade e fidelidade. Sua autoridade não deriva de títulos ou retórica, mas de seu sofrimento por Cristo (**vs. 23-28**). Ele não se gloria nas conquistas, mas nas fraquezas, para que a glória pertença somente ao Senhor (**v. 30**). Essa perspectiva une teologia e ética em perfeita harmonia: o verdadeiro servo de Deus reflete, em sua conduta, o caráter de Cristo (**Fp 2.5-8**).

O chamado de Paulo em **2 Coríntios 11** continua ecoando na igreja de hoje. Em meio a discursos persuasivos e promessas religiosas, somos lembrados de que a verdadeira fé está na simplicidade do evangelho e na fidelidade a Cristo. O ministério autêntico não busca aplausos, mas almas; não exalta o mensageiro, mas o Senhor. Permanecer na pureza e na sinceridade que há em Cristo é o desafio ético e espiritual de todos os que desejam servir a Deus com integridade. (**Ef 4.24, 1Tm 6.3-6**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Gênesis 3.1–6

Ter: Mateus 7.15–23

Qua: Gálatas 1.6–10

Qui: Filipenses 2.1–11

Sex: 1 João 4.1–6

Sáb: 2 Timóteo 3.1–17

2. ATIVIDADES

Para você o que significa viver hoje na “simplicidade que há em Cristo”?

Como o exemplo ético e moral de Paulo pode inspirar a igreja atual diante dos falsos ensinamentos e das aparências religiosas?

3. APLICAÇÕES

O estudo de é hoje um chamado direto à vigilância espiritual e à fidelidade ao Evangelho. Assim como os coríntios foram advertidos, você também é convidado a guardar o coração contra todo tipo de engano religioso que distorce a verdade de Cristo. Vivemos em tempos em que muitas vozes competem pela atenção dos crentes, e nem todas procedem de Deus. O apóstolo mostra que o inimigo é sutil e ainda se disfarça em aparências de luz, oferecendo mensagens agradáveis, mas espiritualmente vazias. Por isso, é indispensável

examinar cada ensino à luz das Escrituras e manter os olhos fixos na cruz, onde está a verdadeira revelação de Deus.

A simplicidade que há em Cristo é um apelo à pureza da fé e você é convidado a não complicar o Evangelho com ideologias humanas, tradições ou discursos que desviam da centralidade de Jesus. Fé genuína é confiança humilde na suficiência da graça e obediência sincera à Palavra. O apóstolo Paulo nos lembra de que a verdadeira espiritualidade não se mede por aparência, emoção ou eloquência, mas por um coração íntegro diante de Deus. Portanto, cultive uma devoção sem duplicidade, e não permita que o brilho passageiro de ensinamentos modernos substitua o esplendor eterno da verdade.

Por fim, o exemplo ético de Paulo nos convida a viver a fé de forma prática e coerente. Servir a Cristo é servir com humildade, sem buscar vantagem pessoal, reconhecendo que toda glória pertence somente ao Senhor. Nossa vida, assim como a de Paulo, deve refletir a integridade de quem vive o evangelho que proclama. Sejam fiéis na doutrina, íntegros no caráter e constantes no amor. Permanecer na simplicidade de Jesus é o maior testemunho que o crente pode oferecer em um mundo seduzido por aparências espirituais. Essa é a essência da fé apostólica: firme, sincera e totalmente centrada em Cristo.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Diante das muitas vozes religiosas e ideológicas do tempo presente, como discernir o que realmente procede de Deus e o que é apenas aparência de piedade? O que caracteriza, na prática, uma fé que resiste ao engano espiritual?
- ◆ O que significa viver na simplicidade que há em Cristo em meio a uma cultura marcada pela ostentação? Como essa simplicidade pode preservar a igreja de doutrinas distorcidas e de práticas religiosas vazias?
- ◆ O que distingue um ministério autêntico de um ministério movido por interesse ou aparência? Como a coerência entre fé e prática pode fortalecer o testemunho cristão no contexto atual?

5. DESAFIO PRÁTICO

Tente praticar um gesto de serviço ou generosidade de forma discreta, como expressão de humildade cristã.

1. APRESENTAÇÃO

Como nos capítulos anteriores, nesta primeira parte, Paulo continua enfrentando os falsos profetas que, infiltrados e em posição de liderança na igreja de Corinto, o atacavam, expondo dúvidas acerca da doutrina que ele ensinava e da autenticidade de seu ministério. Para isso, procuravam deslegitimar Paulo, afirmando que ele era indigno de ser chamado de apóstolo e questionando suas experiências profundas com Deus.

Em resposta, Paulo prossegue com sua defesa, narrando uma experiência de 14 anos atrás (v. 2-4). Ele não costumava usar suas experiências com Deus como base para pregação ou ensino na igreja (v. 1). Pelo contrário, acreditava e temia que pudesse estar se vangloriando com tal vantagem (v. 17). Assim, mesmo relutante, ele faz essa narrativa na terceira pessoa (v. 2) para que não se gloriasse ou fosse mal interpretado. Seu desejo era que os coríntios o julgassem com base no testemunho e na dedicação que viveu, e não por suas visões (v. 5-6).

Um fato perceptível nessa passagem é o esforço de Paulo em se defender diante da igreja que ele plantou e à qual se dedicou tanto. Fica explícito e subentendido a fragilidade e a fraqueza da igreja, que não demonstrava conhecimento e confiança em Paulo, mas dava ouvidos e créditos àqueles que se apresentavam com fé inadequada e falsas doutrinas, regidos por interesses próprios e que buscavam louvores dos homens acima da aprovação de Deus. Podemos aqui citar a passagem de Jo 12.37-43, na qual Jesus viveu algo semelhante, quando seus perseguidores não o reconheceram, mas o criticaram e humilharam até a morte. Mesmo fazendo o bem, se doando, curando e libertando, a humilhação e o sofrimento fizeram parte do seu ministério.

Após apresentar sua experiência, Paulo menciona que lhe foi colocado um “espinho na carne” para que não se ensoberbecesse e não se exaltasse (v. 7). Essa perturbação servia para manter Paulo equilibrado espiritualmente, como um peso sobre seu espírito, que o impedia de inchar pelo excesso de vaidade.

Existem sugestões do que poderia ser esse espinho na carne. Elas se classificam em três grupos: a) alguma forma de perturbação espiritual, tais como a perturbação demoníaca ou os tormentos da tentação; b) perseguições, instigadas pelos adversários judeus ou pelos falsos mestres; e c) alguma enfermidade física ou mental. A expressão de espinho “na carne” sugere mais fortemente essa última hipótese, talvez, um problema de baixa visão (Gl 4.15; 6.11).

De toda forma, não há uma definição clara do que seria esse “espinho na carne”. De toda forma, esse “mensageiro de Satanás” lembra a experiência de Jó, que viveu experiências de dor a partir da permissão de Deus. É importante ressaltar que Satanás não tem nenhum poder a não ser o que Deus lhe permite usar.

Nesse caso de Paulo, Satanás, com autorização de Deus (**1Sm 16.14; Jó 1.12; Mt 8.31-32**), proporciona a Paulo aflição, angústia, humilhação e desprezo, que o levavam a uma exaustão de profunda dor, assim como Jesus, que, no Getsêmani (**Mt 26.42**), clamou a Deus para que lhe tirasse a injúria, o obstáculo ou o inimigo. No entanto, Deus lhe respondeu que sua graça era suficiente e que o poder se aperfeiçoa na fraqueza (**v. 9**). Nosso desafio é ouvir o “não” de Deus e perseverar para compreender o Seu propósito.

Paulo entendeu que o poder se aperfeiçoa na fraqueza porque o Espírito Santo unge e capacita os humildes, quebrantados e dependentes (**1Co 1.26-29**). Fica claro que Deus usa o filho em dor e sofrimento, mas não o orgulhoso e o soberbo (**Tg 4.6**), pois Ele resiste a esses. Assim, compreendemos por que Paulo diz que se gloriaria na fraqueza para que o poder de Deus repousasse sobre ele. Essa declaração marca a maior experiência na vida de um cristão: a experiência da Graça sustentadora.

Enfim, Paulo seguiu enfrentando constrangimento, desconfiança, exposição e julgamento por aqueles que amava. Ele pagou um alto preço para que vivessem uma vida digna, tivessem consciência do pecado e alcançassem a Salvação por meio de Cristo Jesus. O apóstolo foi firme e não desistiu da igreja de Cristo (**v. 11-21**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 2 Coríntios 12

Ter: Tito 2

Qua: Romanos 5

Qui: 1 Coríntios 15.1-10

Sex: Mateus 5.44-48

Sáb: Salmos 63

2. ATIVIDADES

Quais os personagens bíblicos que Satanás foi autorizado por Deus em interferir na vida deles?

Contextualize na sua própria vida, o espinho na carne, e o que vc aprendeu com essa lição?

3. APLICAÇÕES

Podemos destacar, primeiramente, o sofrimento de Paulo pela Igreja de Cristo, onde seu amor é revelado. Sabemos que ele enfrentou desafios constantes para levantar igrejas por onde passava. Paulo zelava por elas através das cartas ou visitas para expressar amor e cuidado, através da exortação. As provações recorrentes não o abatiam, pelo contrário, o fortaleciam para que não desistisse do propósito de Deus em levar salvação aos perdidos. Assim, vimos, através

da vida do apóstolo, a primazia em zelar pela igreja. Nesse tempo, sabemos que a igreja de Cristo ainda passa pelas mesmas dificuldades e precisa de cuidados. Pensando assim, como você tem contribuído para com a igreja de Cristo nesse aspecto?

Quanto ao espinho na carne, ao clamar a Deus para remover a dor, o Senhor diz a Paulo que sua graça bastaria. Sabemos que a graça se manifesta na vida dos filhos de Deus de várias formas: a graça salvadora (**Ef 2.8-9**), que oferece a salvação através da fé em Jesus Cristo e é um presente imerecido que nos liberta do pecado e da condenação; a graça sustentadora (**v. 9**) é a capacidade que Deus nos dá para enfrentar dificuldades e provações, permitindo-nos perseverar em tempos de tribulação; a graça justificadora (**Rm 5.1**), que nos justifica diante de Deus, declarando-nos justos por meio da fé em Cristo, independente das nossas obras; a graça santificadora (**Tt 2:11-12**) nos ensina e capacita a viver de maneira que agrada a Deus, promovendo uma transformação contínua em nossas vidas; a graça operante (**1Co 15.10**) que é a força que capacita os crentes a servir e a trabalhar para o Senhor, sendo Deus quem opera em nós tanto o querer quanto o efetuar; e a graça comum (**Mt 5.45**) é a bondade de Deus que se estende a toda a criação independentemente da fé, evidenciada nas bênçãos que todos recebem, como o sol e a chuva.

Como, vimos a graça de Deus não é algo que se conquista por esforço próprio, mas um recurso sobrenatural dado por Deus para que seus filhos tenham condições de vencer seus desafios e vivam de acordo com sua vontade. E você, já experimentou a graça maravilhosa do nosso Deus? No seu cotidiano, consegue sentir e reconhecer a graça de Deus?

Nesse estudo, podemos transpor a dor de Paulo para nossa vida e sofrer com ele pelo Evangelho e ainda vivermos esse contínuo processo de sustentação através da graça para que vivamos os propósitos que Deus tem para nós, independente das circunstâncias.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você que faz parte da Igreja de Cristo, caso saiba que há algum membro distorcendo a doutrina bíblica e discriminando ensino errado aos jovens da Igreja, o que faria? Qual sua abordagem e como confrontaria essa pessoa?
- ◆ Sobre as passagens bíblicas da Graça de Deus, quais experiências você tem experimentado? Divida com seu irmão essa experiência.

5. DESAFIO PRÁTICO

A cada dia procure identificar e anotar sobre a Graça de Deus em sua vida. Faça uma reflexão sobre isso e divida com alguém que você queira falar do poder de Deus.

1. APRESENTAÇÃO

O apóstolo Paulo é reconhecido por muitos educadores e estudiosos cristãos como o precursor da Educação a Distância, pelo seu modelo de ensino baseado em cartas e visitas às igrejas. Por meio de cartas, com inspiração do Espírito Santo, Paulo ensinava as igrejas para que crescessem na graça e no conhecimento de Jesus e vivessem em amor, santidade e unidade. Por meio das viagens missionárias, além de fundar igrejas, Paulo realizava os encontros presenciais nas visitas às igrejas que ele havia fundado.

A igreja de Corinto, por exemplo, foi visitada pelo menos duas vezes pelo apóstolo Paulo e dele recebeu pelo menos duas cartas, pois era uma igreja ainda “criança” na fé que precisava ser ensinada e disciplinada. A igreja de Roma, por sua vez, foi praticamente instruída por Paulo a distância pela carta aos Romanos, pois, quando esteve em Roma, lá ficou preso, embora tivesse a liberdade para ensinar sobre o Senhor Jesus (**At 28.31**), pois a Palavra de Deus não estava presa (**2Tm 2.9**). Por isso, como embaixador de Cristo em cadeias (**Ef 6.20**), ele escreveu da prisão as cartas aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses e a Filemom.

Para que o seu modelo de ensino a distância fosse eficaz, Paulo utilizou as modernas estruturas de “correios”, de estradas e de navegações do império Romano para enviar suas cartas às igrejas e para realizar as viagens missionárias de expansão do evangelho e de visitas às igrejas.

Mesmo com essas possibilidades que favoreceram o seu modelo de ensino a distância, ainda assim acompanhar e instruir as igrejas de longe representavam um grande desafio. No caso da igreja de Corinto, os desafios se ampliavam porque esta era uma das igrejas mais complicadas de se instruir, dadas as questões de imoralidade sexual, idolatria e divisões que havia na igreja, em consequência das pressões que ela sofria no contexto mundano em que estava inserida. Paulo, inclusive, temeu em ir visitá-la na terceira vez e saber que, mesmo depois das instruções da severa carta que ele enviou para disciplinar os coríntios (**2Co 2.3-4**), ainda havia entre eles brigas, invejas, ira, egoísmo, difamação, intrigas, orgulhos e tumultos (**2Co 12.20**).

Na verdade, para Paulo, seria uma humilhação reencontrar os coríntios e vê-los ainda na estaca zero em relação à imoralidade sexual e à desonestidade (**2Co 12.21**). Mas, de muito boa vontade, Paulo se dispôs a se gastar pelas almas dos coríntios, ainda que amando cada vez mais e sendo amado cada vez menos por eles (**2Co 12.15**). Amou-os tanto que foi para eles que escreveu a mais bela mensagem de amor da Bíblia (**1Co 13**), nela expressando, sob inspiração do Espírito Santo, que “*o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*” (**1Co 13.7**).

Com esse amor perfeito, Paulo não desistiu da Igreja de Corinto e nem de aperfeiçoá-la com o seu modelo formativo, conforme **2 Coríntios**. Nessa perspectiva, Paulo fez sua avaliação

diagnóstica trazendo à luz os pecados identificados na igreja (**2Co 12.20,21**), e a sua avaliação formativa, corrigindo-os a distância por cartas, e presencial, por visitas para que se aperfeiçoassem em santidade e unidade. Pela oração de Paulo (**2Co 13.7,9**), pela autoavaliação dos coríntios examinando-se a si mesmos e pelo arrependimento, ajustava-se esse processo de aperfeiçoamento para que eles não fossem reprovados (**2Co 13.5-6**). O objetivo era a edificação espiritual da igreja para que se alegrassem, se aperfeiçoassem, se consolassem e tivessem o mesmo modo de pensar, vivendo em paz (**2Co 13.11**).

Se a carta de Paulo aos Romanos se destaca como um tratado teológico, as cartas aos Coríntios se destacam por sua beleza retórica, em especial pelas ilustrações, contrastes e perguntas reflexivas, recursos típicos do ensino de Jesus. Em **2Co 6.14-16**, por exemplo, com poucas palavras, perguntas reflexivas, contrastes e ilustrações, Paulo ensina que, à luz do Evangelho, não há conciliação entre opostos, como luz e trevas e justiça e injustiça, assim como não há consenso entre o modo de vida do mundo e o modo de vida cristão. Por isso, na vida cristã, não deve haver alianças espirituais em tons de cinza com incrédulos em uma tentativa de conciliar luz e trevas. Além disso, Paulo exorta que o nosso corpo é templo do Deus vivo e, sendo Deus santo, não habita em um corpo profanado pela imoralidade sexual e pela idolatria.

Em síntese, Paulo esperava que os coríntios abrissem o coração, se arrependessem dos pecados e examinassem a si mesmos se Cristo neles estava. Mas, embora tenha reconhecido que possa ter entristecido os coríntios, Paulo se defendeu alegando que sua disciplina vinha de um amor sem limites por eles (**2Co 6.11-13**). Por isso, ele se colocava na posição de um pai espiritual que ama e corrige seus filhos para que eles se aperfeiçoassem em santidade como filhos de Deus e em unidade como igreja, na graça de Cristo e na comunhão em perfeito Amor.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 1 Coríntios 13

Ter: Tiago 4.4

Qua: Atos 10.31

Qui: Gálatas 4.19

Sex: 1 Coríntios 4.14–15

Sáb: Hebreus 12.5–11

2. ATIVIDADES

Na nuvem de palavras as seguir, marque as que considera mais importantes do estudo desta semana.



Que problemas da igreja de Corinto continuam presentes nas igrejas de hoje?

Se você fosse o apóstolo Paulo, que perguntas reflexivas você faria para a igreja fazer uma autoavaliação? Exemplo de pergunta: “Vocês acham que Jesus se sacrificou na cruz para termos apenas prosperidade?”

3. APLICAÇÕES

Você acha que dá para se identificar como cristão e se conformar-se ao mundo? Seria possível viver uma vida dupla como ovelha e como lobo? Como seria a convivência de um peixe que se casa com um pássaro? Talvez você se engane por um tempo achando que é normal assumir dois modos de vida, duas personalidades ou unir realidades opostas. Mas, com o tempo, ficará evidente que os modos de vidas e as personalidades assumidas são conflitantes, e viver equilibrando esses conflitos chega a ser mentalmente desgastante, e que com o tempo

certamente haverá uma necessidade de separar os lados em conflito. Nesse caso, o pêndulo, em geral, inclina-se para a direção mais fácil, que dá menos trabalho, oferece gratificações imediatas, mas poucas perspectivas de um bom futuro. Mas, no caso de unir realidade opostas, há o problema de como separar o que se fez um por alianças espirituais, como o casamento, por exemplo. Separar o que foi unido, principalmente por Deus, trará severos sofrimentos para os dois lados recriados. Portanto, não ajunte o homem o que Deus separou e não separe o homem o que Deus uniu. O que o homem juntar e separar nos seus arranjos de vida, consequências se não de esperar.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você acha que nos dias de hoje é possível acompanhar e instruir uma igreja a distância, visitando-a de vez em quando? Explique.
- ◆ Como a igreja pode ser aperfeiçoada pelo ensino presencial e a distância?
- ◆ O que você acha dos casamentos mistos entre cristãos e pessoas que se opõem ao evangelho? Você acha que pode dar certo havendo apenas o respeito entre as crenças?
- ◆ Examinando-se a si mesmo, você pode afirmar que Jesus está em você?

5. DESAFIO PRÁTICO

Escreva em uma carta para si mesmo como você tem conciliado a luz com as trevas e como Jesus pode ajudá-lo a abandonar as trevas e assumir a identidade da luz.

[illegible]

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

LIÇÃO 5:

Pergunta 1:

Não há contradição, mas contextos e propósitos diferentes.

Em Gênesis 2, Deus fala da criação do casamento como parte do plano original para a humanidade. A companhia e a união entre homem e mulher refletem o cuidado de Deus e a complementaridade humana.

Em 1 Coríntios 7, Paulo não está anulando esse princípio, mas tratando de uma situação específica na igreja de Corinto, um tempo de dificuldades e perseguições em que o celibato poderia ser mais conveniente para o serviço cristão.

Paulo não contrapõe Gênesis, apenas reconhece que diferentes contextos exigem diferentes decisões guiadas por Deus.

Pergunta 2:

Não há contradição.

A “santificação” mencionada por Paulo não se refere à salvação, mas ao efeito abençoador da presença de um crente dentro do lar.

A salvação continua sendo individual, porém o testemunho do crente pode ser um instrumento para que o outro conheça a verdade.

LIÇÃO 13:

(3) **2Co 1.12:** Paulo começa defendendo sua integridade.

(1) **2Co 1.23–2.4:** Justifica a mudança de planos por amor à igreja.

(4) **2Co 2.17:** Fala sobre a sinceridade na pregação.

(2) **2Co 2.5–11:** Encerra com instruções sobre perdão e restauração

LIÇÃO 17:

(F) Paulo escreveu 2 Coríntios em um momento de tranquilidade com a igreja.

(V) O ministério cristão envolve tanto sofrimento quanto alegria.

(F) Paulo afirmava que sua autoridade vinha de si mesmo e não de Deus.

(V) A santificação é um processo contínuo que deve ser buscado diariamente.

(V) O arrependimento verdadeiro produz mudança de atitudes.

(V) Ser corrigido espiritualmente é um ato de amor de Deus e um sinal de cuidado.

(F) Paulo guardou mágoa dos coríntios por terem o criticado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIÇÃO 5:

- A Bíblia da Mulher – Editora Mundo Cristão e Sociedade Bíblica do Brasil
- Lopes, Hernandes Estudo em 1 Coríntios 07. Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?v=qsIMDxUA8gc>

- Nascimento, Davi. Jesus e a Bíblia. Estudo 1Co7: Casar ou permanecer solteiro?
<https://jesuseabiblia.com/biblia-de-estudo-online/1-corintios-7-estudo/>
- Nicodemus, Agustus. I Coríntios 7.1-16. 22.09.2019. Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=LuHmV5OQb5g>

LIÇÃO 15:

- BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA, Cultura Cristã, 2 ed, São Paulo, 2009
- MACARTHUR, Jonh, Comentário Bíblico MacArthur, Thomas Nelson, 1 ed, Rio de Janeiro, 2019
- CRAIG, S. Keener, Comentário Histórico-Cultura da Bíblia: Novo Testamento, Vida Nova, 1 ed, São Paulo, 2017
- WRIGHT, N. T., Paulo para Todos: II Coríntios, Thomas Nelson, 1 ed., Rio de Janeiro, S2020
- WIERSBE, Warren W., Comentário Expositivo: Novo Testamento – Vol. I, Geográfica Editora, 2 ed, São Paulo, 2023

LIÇÃO 17:

- A Bíblia da Mulher – Editora Mundo Cristão e Sociedade Bíblica do Brasil
- Nascimento, Davi. Jesus e a Bíblia. Estudo 2Co 6.
<https://jesuseabiblia.com/biblia-de-estudo-online/2-corintios-6-estudo/>
- Nascimento, Davi. Jesus e a Bíblia. Estudo 2Co 7.
<https://jesuseabiblia.com/biblia-de-estudo-online/2-corintios-7-estudo/>
- Nicodemus, Agustus. A alegria de Paulo (2Cor 7.2-7). Youtube.
<https://www.youtube.com/watch?v=e771F0qkAzI>





